

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Regina de Fátima Meira

**Memórias e Histórias de ex-professoras do
Grupo Escolar “Antonio Padilha” (1952-1990)**

Sorocaba – SP
Dezembro 2005
Regina de Fátima Meira

**Memórias e Histórias de ex-professoras do
Grupo Escolar “Antonio Padilha” (1952-1990)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
do Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade de Sorocaba, como exigência
parcial para obtenção do título de Mestre em
Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira

Co-Orientadora: Prof^a Dr^a Marta Maria C.Carvalho

Sorocaba – SP
Dezembro 2005
Regina de Fátima Meira

**Memórias e Histórias de ex-professoras do
Grupo Escolar “Antonio Padilha” (1952-1990)**

Dissertação aprovada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre no Programa
de Pós-Graduação em Educação da
Universidade de Sorocaba, pela Banca
examinadora formada pelos seguintes
Professores:

Co-orient.: Profª Drª Marta Maria Chagas de Carvalho
UNISO

1ª Exam.: Profª Drª Maria Celina Novaes de Marinho
CEUNSP – Itu e Salto

2º Exam.: Prof. Dr. Wilson Sandano
UNISO

Sorocaba – SP
Dezembro 2005

Dedicatória

*Há duas formas para viver a vida:
Uma é acreditar que não existe milagre;
A outra é acreditar que todas as coisas são um milagre
Albert Einstein*

Aprendi com vocês, meus queridos pais, João Meira Primo (in memoriam) e Maria Aparecida Botega Meira, a crer na vida, a não desanimar nunca, mesmo quando tudo parece não ter mais solução. A lição foi valiosa.

A você meu inesquecível pai, hoje, saudade, amanhã, reencontro.

A você querida mãe que, ainda junto de mim, ajuda-me no dia-a-dia a superar as dificuldades que não são poucas, confie em mim, assim como confiei em seus ensinamentos, pois não desistirei nunca de lutar pelos meus sonhos e anseios, por mais utópicos que eles sejam.

Como prova disso, dedico meu trabalho a vocês com todo o meu carinho.

Homenagem

*Aceito as dificuldades da vida porque são o destino,
Como aceito o frio excessivo no alto inverno –
Calmamente, sem me queixar, como quem meramente aceita,
E encontra uma alegria no fato de aceitar –
No fato sublimemente científico e difícil de aceitar o natural
[inevitável.
Fernando Pessoa*

Essa é uma história escrita por uma professora, na qual narra a vida de outras dez professoras, portanto, nada mais justo que, com ela, homenagear outras duas grandes professoras. Na ordem cronológica que essas entraram em minha vida, cito-as: professora Marli Anita Zorzetto Mattezi, coordenadora do Ensino Médio Noturno do Colégio Objetivo de Sorocaba e professora Maria Ângela Pimentel Mangeon Elias, pró-reitora acadêmica do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio – Itu e Salto.

A essas duas grandes mulheres devo agradecer pela confiança que depositaram em mim, nos últimos dez anos. Por favor, aceitem minha homenagem, assim como aceitaram minhas limitações.

A todos os meus colegas de trabalho e meus alunos, também faço desse trabalho uma homenagem. Impossível seria nomeá-los, mas, com certeza, todos sabem quem são.

Agradecimento

*“De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento
Vinicius de Moraes*

A você meu querido companheiro, José Maria de Almeida, Juca, pela infinita paciência, bem como na ajuda com a pesquisa, pelas noites de chuva na estrada que, juntos, percorreremos na busca de mais uma entrevista, agradeço.

E espero ser perdoada pelo mau humor, pelas noites insones e a conversa sempre repetida.

Teria sido mais difícil sem a sua ajuda!

A minha devoção

*Filhos...Filhos?
Melhor não tê-los
Mas se não os temos
Como sabê-lo?
Vinicius de Moraes*

Querido filho, Max Estevan, já percorremos juntos muito caminhos tortuosos, íngremes, que, às vezes, nem sabíamos aonde chegaríamos, mas vencemos, ainda estamos juntos.

Agora, foi sua vez de me ajudar a superar as barreiras tecnológicas no manuseio dos meios eletrônicos para que esse trabalho tivesse fim. E você, minha grande criança adulta, tudo fez da melhor maneira, sempre com boa vontade e dando-me força.

Vencemos mais uma batalha! Amo você, obrigada!

Aos mestres

A vida só é possível reiventada.
Cecília Meireles

Dois grandes mestres mostraram-me o caminho a ser trilhado: Luiz Carlos Barreira e Marta Maria Chagas de Carvalho.

Luiz Carlos, a idéia do Padilha vingou, você a imaginou, e, com sua colaboração, elaborei e pesquisa e, juntos, entregamos a Marta para que ela fizesse o mais difícil: mostrar-me como terminá-lo. Duas grandes pessoas, dois magníficos professores. Obrigada!

Agradecimentos especiais a professora Maria Celina, grande amiga de todas as horas, e ao professor Wilson Sandano, amigo sempre sorridente e devoto aos seus alunos, pela ajuda e colaboração na realização do trabalho.

Soneto de Inquietação

A insatisfação desenfreada,
Resultante de mil atribulações,
Esconde no infinito as emoções,
E expõe a impaciência acelerada.

Temendo não poder sentir mais nada
Além do gosto vil de más ações,
Vivo, aqui, transbordando em sensações,
As quais deixam minh'alma abandonada.

A fim de libertar a minha mente,
Que vive atormentada e sob pressão,
Quero gritar a mim e a toda gente:

- Tamanha dúvida e incompreensão
Não só abalam o ser externamente,
Como fazem mais triste o coração.

Anderson Fávero Rodrigues

RESUMO

Este trabalho é o relato das memórias e histórias de ex-professoras primárias do Grupo Escolar Antonio Padilha da cidade de Sorocaba, no período de 1952 a 1990. Usou-se o método da história oral, da análise de documentos, imagens e o que foi publicado na mídia, acerca do período relatado para que a trajetória dessas vidas fosse montada. A transcrição foi a metodologia usada para trabalhar os relatos da vida escolar e pessoal das interlocutoras dessa história. Buscou-se a prática de sala de aula, a formação escolar dessas ex-professoras, bem como o relacionamento entre elas, o diretor, a escola e a comunidade. No decorrer dos relatos, surgem as mudanças na legislação educacional e os medos e anseios que esse novo acarretou. Foi relevante o discurso de cada interlocutora para análise das práticas escolares nesse recorte temporal, bem como das fotografias que mostraram o tempo que nunca foi esquecido.

Palavras-chave: prática escolar; grupo escolar; história oral; transcrição; Grupo Escolar “Antonio Padilha” – Sorocaba, SP.

ABSTRACT

This work is a report on memories and stories of ex-elementary school teachers at the *Antônio Padilha* Elementary School (*Grupo Escolar Antônio Padilha*) in Sorocaba, over a period that ranges from 1952 to 1990. The methods used were oral storytelling, analysis of documents, as well as images and media publications related to the period reported, so these life courses could be organized. The methodology used to study the reports of the speakers' school and personal lives in this story was the transcription. Classroom practices, ex-teachers' education, and also, relationship among the teachers themselves were investigated. Not only that, but also, the way the teachers related to the school principal, to the school itself and to the community. As the reports developed, changes in education legislation emerged, associated to the fears and longings brought about by such novelty. Each narrator's speech was relevant to the analysis of the school practices in this time frame, as well as photos that showed a time that has never been forgotten.

Key words: school practice; elementary school; oral storytelling; transcription; Elementary School “Antonio Padilha” – Sorocaba, SP.

SUMARIO

DA INTRODUÇÃO – O ITINERÁRIO DA PESQUISA.....	12
1. DA HISTÓRIA ORAL – A MEMÓRIA.....	26
2. DOS DEPOIMENTOS – A TRANSCRIÇÃO.....	32
Maria Aparecida Ferreira Pavlovsky.....	33
Miriam Cesar Baptista.....	37
Ivone Soranz	43
Dalma Sinisgalli Kalil.....	50
Maria Valdivia Angeli de Toledo Almeida.....	57
Eunice Rodrigues.....	66
Neide Carriel Mineli.....	70
Elza Bertazini Bracher.....	74
Maria de Lourdes Coelho Fleury.....	79
Volda Pedrozo Lippi.....	85
3. DA COSTURA DAS MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: O INÍCIO, O IGUAL, O DIFERENTE E O ÚNICO.....	91
3.1. O início.....	94
3.2. O igual.....	97
3.3. O diferente.....	115
3.4. O único.....	119
DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERENCIAS.....	127
DOS ANEXOS.....	129
Anexo A.....	130
Anexo B.....	134
Anexo C.....	139
Anexo D.....	145
Anexo E.....	151
Anexo F.....	159
Anexo G.....	163
Anexo H.....	167
Anexo I.....	172
Anexo J.....	177

INTRODUÇÃO: O ITINERÁRIO DA PESQUISA

A marca da história oral está na existência de um projeto.
Mary Marshall Clark

O Projeto da presente pesquisa sempre versou sobre o primeiro Grupo Escolar instalado na cidade de Sorocaba, Grupo Escolar Antonio Padilha.

Segundo semestre de 2001. Chega a UNISO um novo professor, Dr. Luiz Carlos Barreira, titular de matéria de crédito obrigatório, matriculei-me. Vale dizer que, antes, era orientada pelo professor Marcos Reigota e pretendia trabalhar com práticas escolares relacionadas ao meio ambiente.

O tema estudado, na matéria do professor Luiz Carlos, era Cotidiano e Cultura Escolar, encantei-me, pois apesar de ser graduada em História pela UNISO, turma de 1987, nunca havia pensado nesse tema e na relevância do mesmo.

Ainda temerosa, hoje, confesso, e com medo de magoar o amigo Reigota, propus a troca de orientação para que pudesse me dedicar a esse tema. Em conversas várias com Luiz, pois é assim que aprendemos a tratá-lo, posto sua humildade e paciência em tratar com seus “desorientados” alunos, ficou, por nós, decidido que haveria de ser o Grupo Escolar Antonio Padilha a escola ser pesquisada. Interessava-me pelos primeiros anos de sua fundação, por ser esse um período de transição na História do Brasil – entre o Império e a República.

Quando do nascimento do projeto o tema da pesquisa a ser realizada na primeira escola graduada de Sorocaba seria qual a Cultura escolar que foi implantada desde 1896, levando-se em consideração que, nessa época, o Brasil passava por profundas modificações políticas com o advento da República.

Dominique Julia em seu artigo intitulado “A Cultura Escolar como objeto histórico”, entende por cultura escolar

[...] a cultura escolar não pode ser estudada sem o exame preciso das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas. A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos [...] (JULIA, 1995, p.9)

Desse modo, o norte da pesquisa a ser realizada na primeira escola graduada de Sorocaba era de como essa cultura escolar foi implantada, ou seja, quais foram as práticas escolares que fizeram parte do cotidiano do Grupo Escolar Antonio Padilha, o primeiro de Sorocaba.

No estudo do Grupo Escolar em sua criação, o trabalho de Rosa Fátima de Souza, cujo título é “Templos de Civilização: A implantação da Escola Primária graduada no Estado de São Paulo” é inovador, pois revela uma faceta desconhecida, qual seja, a dimensão simbólica da cultura escolar e mostra a escola primária não somente como uma organização administrativa e pedagógica, mas também como uma organização que suporta uma cultura própria, na qual se manifesta o imaginário social mais amplo.

Dentro da perspectiva da História Cultural, a pesquisa sobre a Escola Graduada em Sorocaba, partindo de seu primeiro Grupo Escolar, eu buscaria qual o significado político, educacional e sociocultural da implantação do primeiro na cidade e sua abrangência na região.

O objetivo do trabalho seria o de pesquisar a escola graduada em Sorocaba no contexto republicano, no qual para a essa escola foi atribuída a missão de formar o cidadão dessa nova ordem política. Os grupos escolares foram concebidos para serem os “templos de civilização” e os pilares da República nos quais se reverenciavam as autoridades políticas do novo regime e cultuavam os símbolos nacionais: bandeira, escudo e hino. Dentro dessa perspectiva, seria investigado como, em Sorocaba, essa metáfora “templo de civilização” foi trabalhada, como os ritos, espetáculos e celebrações escolares que, corporificando os seus símbolos, valores e a pedagogia moral e cívica, celebravam a liturgia política da República.

A transição do Império para a República representou momentos de crises e tensões sociais com grande perigo de desagregação. Foi preciso construir um novo universo simbólico, uma vez que a República foi um movimento de poucas raízes populares que carecia de legitimação. O forte apelo aos valores cívicos e o culto dos símbolos nacionais surgem como uma forma de se restabelecer a unidade e a integração social ameaçada.

Na obra de Rosa Fátima de Souza, em suas considerações finais assim ela define a institucionalização da escola primária no Brasil:

[...] a criação dos grupos escolares significou a implantação de uma nova modalidade escolar, isto é, o estabelecimento de uma organização

administrativa e didático-pedagógica cujos desdobramentos institucionais e históricos suscitam a discussão sobre os problemas da inovação educacional e sua articulação com a democratização do país. (SOUZA, 1998, p. 279)

Com fundamento em Julia (1995), a análise do Grupo escolar implantado em Sorocaba seria feita através de algumas categorias de análises. Buscar-se-ia, nos arquivos, na mídia da época, cadernos, atas de reunião pedagógica, livros usados para a prática da leitura, os ritos das festas cívicas e em publicações dos periódicos.

Como já foi explanado anteriormente, o ideal republicano buscava formar o cidadão consciente da nova ideologia política, ou seja, através dos ritos e símbolos e festividades e exames orais, bem como isso era feito na prática, pois bem se sabe que, na hora da aplicação no cotidiano, tudo pode ser diferente, tendo em vista que a escola é uma produção humana, e que há interação entre o conhecimento do agente e a aplicação de um conteúdo, ou seja, como o professor se apropriou dessa simbologia que deveria transmitir aos seus alunos.

Na discussão acerca do que se deve considerar como os conteúdos ensinados e as práticas escolares: [...] *estas não são nem uma vulgarização nem uma adaptação das ciências de referência, mas um produto específico da escola, que põe em evidência o caráter criativo, eminentemente criativo do sistema escolar.* (JULIA, 1995, p.10)

Como bem notou André Chervel (1986) as disciplinas escolares são inseparáveis das finalidades educativas, no sentido amplo do termo escola, e constituem numa complexidade que não se limita aos conteúdos programados e ensinados.

Seria interessante verificar e analisar atentamente como as transferências culturais foram operadas em direção a outros setores da sociedade sorocabana, como esses conteúdos e práticas foram trabalhados em uma cidade como Sorocaba que nasceu e foi crescendo como uma coletividade extremamente de tradição urbana.

As fontes utilizadas para o desenvolvimento dessa pesquisa seriam as primárias, ou seja, documentos escritos (manuscritos ou impressos); relatos orais; documentos oficiais (relatórios de diretores escolares, inspetores e diretores de

Instrução Pública); legislação, fontes iconográficas. As fontes secundárias, ou seja, historiográficas e outras (memórias, imprensa etc.).

Para a análise dos dados encontrados seria necessário o estudo de alguns conceitos quais sejam: o que vem a ser cultura, o que é cultura escolar e prática escolar. A partir desses referenciais teóricos seria feito o estudo do material pesquisado.

As pesquisas seriam realizadas junto ao Grupo Escolar Antonio Padilha, bem como nos arquivos particulares de pesquisadores sorocabanos, na historiografia Sorocabana, na legislação vigente, a época da criação dos Grupos escolares no estado de São Paulo, no arquivo oficial do Estado de São Paulo, em teses de mestrado e doutorado que já fizeram estudo semelhante, porém esses trabalhos trataram o assunto de modo mais genérico do que propõe a pesquisa a ser realizada, nesse momento, e em específico da primeira escola graduada de Sorocaba.

Projeto inicial fruto de muita leitura e orientações, abortado parcialmente, posto que, em pesquisa histórica, vale lembrar que pesquisar é também não encontrar, o recorte temporal de 1896 a 1915, foi perdido pelo fato de toda e qualquer documentação acerca do Grupo Escolar Antonio Padilha, não ter sido recuperada. Foram meses de busca, todas as fontes pesquisadas, o primeiro Grupo Escolar de Sorocaba está presente na tese de Doutorado do professor Og Natal Menon intitulada “A Educação Escolarizada em Sorocaba entre o Império e a República” – PUC/SP –2000, também se faz presente na obra de Rosa Fátima de Souza, no extinto jornal Sorocabano “O Quinze” também foram encontradas matérias referentes ao Padilha, mas tudo somado, eu não iria atingir o mote da pesquisa – primeira desolação.

Em meados de 2003, numa outra visita as dependências atuais do antigo Grupo Escolar, posto que hoje é Escola Estadual Antonio Padilha, fui recebida pela professora Cássia Maria Baddini, que juntamente com duas alunas do Curso de Graduação em História da UNISO, Tatiane D. de Oliveira e Jéssica Rebolo Bussoline, estavam catalogando o acervo restante do Padilha. A professora Cássia explicou-me que o trabalho de estágio dessas duas alunas seria a catalogação do acervo do Padilha, e, que, após a conclusão do mesmo, eu teria acesso ao acervo histórico da escola. Com sua autorização visitei, juntamente com as alunas, o lugar onde estavam guardados os documentos restantes da escola, e confesso, fiquei

pasmada, era um porão úmido e o todo acervo estava misturado à outra série de coisas depositadas ali sem nenhum cuidado específico que seria necessário à preservação desses documentos. Bem, ao menos eu vi ali uma saída, ou melhor, um fim para minha busca.

Setembro de 2004, o acervo ficou pronto, catalogado. Tive acesso a ele somente no mês de janeiro de 2005, problemas de armazenamento do mesmo, dificultaram minha pesquisa.

Eu já tinha feito um novo recorte temporal do Padilha, o mote da pesquisa ainda seria cultura escolar, porém, somente, pesquisaria a prática de leitura, usadas com os livros paradidáticos, entre 1945 e 1964, não me seria nada espetacular ou fantasioso trabalhar com o tema leitura, posto minha formação em Letras (UNISO-1975).

Levantamento das atas escolares, livros escolhidos, uma riqueza grande de informação foi me passando diante dos olhos, as atas escolares eram de uma riqueza infinita de detalhes, sobre a escolha anual dos livros que seriam usados para a prática da leitura, ative-me aos livros paradidáticos, afinal, se me deixasse levar pela paixão, nunca iria chegar a uma conclusão de minha pesquisa, seria, realmente um trabalho de Penélope, o que já estava sendo um de Hércules.

Empreendo nova busca, agora, com a ajuda de meu fiel companheiro, Juca, por todas as bibliotecas, sebos, professores, ex-alunos, e não consigo nenhum exemplar dos livros, por mim, elencados. Nova rua sem saída, nova angústia do trabalho interrompido.

No entanto, em minha pesquisa junto às atas de reunião pedagógica, encontro nomes de relevância na cidade de Sorocaba, pessoas essas que eu sabia que ainda estavam entre nós sorocabanos (eu de coração posto que nasci em Palmital) e que poderiam me ajudar a reconstruir a história do Padilha, e como me disse um dia o professor Luiz Carlos: *o caminho se faz no ato de caminhar (Fidel Castro)* – fiquei na idéia de uma pesquisa das práticas escolares do Padilha, agora baseada na história de vida profissional daqueles que trabalharam na escola.

Fevereiro de 2005, início de período letivo no Colégio Objetivo de Sorocaba, aulas de Literatura Infantil numa sala de 6ª série do Ensino Fundamental II, o assunto discutido era, num determinado momento, a pesquisa, vali-me de meus desatinos na pesquisa junto ao Padilha, para mostrar aos meus pequenos que a História não é fácil de ser recontada. Final da aula, minha aluna Anna Vitória Fleury,

buscou-me a um canto e disse-me que sua avó paterna tinha trabalhado no Padilha e que, ainda hoje, mantinha contato mensal com todas as suas ex-colegas de trabalho numa reunião chamada “Chá da Amizade”.

Fiquei eufórica, meu querido amigo e professor orientador fora visionário, posto que um dia me disse que em algum lugar eu teria de encontrar um modo de mostrar o que fez do Padilha a mais importante escola pública de Sorocaba, entre as décadas de 40 e 70, do século passado, e que contou, em 1964, com 44 professoras primárias distribuídas em dois turnos diários, com classes de mais de 40 alunos. Dado esse que me foi fornecido pela professora Miriam César Baptista, uma de minhas interlocutoras, em umas das minhas entrevistas.

Novos rumos, novas leituras, agora a pesquisa sob o prisma das práticas escolares desenvolvidas entre 1952 a 1990, buscadas na memória de dez ex-professoras do Grupo Escolar Antonio Padilha, na perspectiva do trabalho com história oral.

A partir daí, trabalhei com a memória de dez professoras. Cabe aqui, uma ressalva; dessas professoras, nove foram, no Padilha, professoras primárias, e uma delas, dona Volda Pedrozo Lippi, trabalhou como Orientadora de Educação Moral e Cívica, portanto não era professora primária e nem teve em seu currículo formação da Escola Normal, no entanto trabalhou, a partir de 1980, junto com as professoras primárias interlocutoras de minha pesquisa.

Fiz o recorte temporal na primeira que foi efetivada no Padilha, em 1952, professora Maria Aparecida Ferreira Pavlovsky, e terminando em 1990, quando a última se aposentou, professora Volda Pedrozo Lippi. Como a memória dessas professoras está totalmente impregnada pelos cultos cívicos, Dona Volda tem uma participação na história de suas práticas escolares, quando o assunto é o Padilha (como carinhosamente elas e todos os sorocabanos chamam essa escola).

Finalmente, a opção foi feita, trabalharia com a memória de ex-professoras, posto que as outras tentativas restaram-se infrutíferas.

Opção feita sobre história oral, haveria de ser traçado um caminho para a realização do trabalho, posto que escrever sobre a vida de alguém é muito mais do que apenas transcrever entrevistas com fidelidade ao que foi dito ao gravador ou anotado no bloco do entrevistador, a esse respeito, vale citar :

Antes de mais nada, é preciso lembrar que o produto escrito, resultado da entrevista, é fruto de longo processo de transformação da fala oral em texto

escrito. Nesse percurso, o “eu” do narrador é assumido pelo autor do projeto, que se coloca, ao verter para o escrito, no lugar daquele. Isso afeta diretamente a transcrição, que passa a ser ponto fundamental na conversão do oral para o escrito. (MEIHY, 2002, p.115)

Ainda na discussão teórica do trabalho com história oral, fui buscar novos referenciais que embasassem meu trabalho, posto que um projeto com história oral não é apenas colher as memórias, mas sim agrupá-las num sentido lógico para a reconstrução da história a ser construída:

Se partirmos do pressuposto de que a história oral é uma metodologia de trabalho, é evidentemente necessário que ela esteja ancorada a uma atividade de pesquisa. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. A história oral só começa a participar dessa formulação no momento em que é preciso determinar a abordagem do objeto em questão: como será trabalhado? (ALBERTI, 1989, p.12)

Assim sendo, tracei a meta do que seria feito em termos de pesquisa com relação às práticas escolares do Grupo escolar Antonio Padilha. Lista de professoras em mãos, parti para a primeira entrevista. Até, então, eu ainda não tinha traçado um período de tempo com o qual eu pudesse trabalhar no meu recorte temporal, mas mesmo assim iniciei meu trabalho.

Em contato com a professora Maria de Lourdes Fleury, a qual trabalhou no Padilha entre os anos 1967 a 1987, fui obtendo, através de sua indicação, os nomes e endereços de outras professoras que foram suas contemporâneas na referida escola.

A primeira professora entrevistada foi dona Volda Pedrozo Lippi, e na primeira visita que fiz à sua casa, dei-me conta que essa professora não tinha sido professora primária no Padilha, e que tinha entrado para o corpo docente dessa escola, em 1980, como Orientadora de Educação Moral e Cívica, cargo esse criado durante a Ditadura Militar no Brasil. Ainda assim, não descartei a possibilidade de trabalhar com suas memórias, o que foi uma decisão acertada, tendo em vista o que viria acontecer depois com o transcorrer das outras entrevistas.

Com relação ao meu trabalho de captação dessas memórias, meu primeiro pensamento foi o de trabalhar com as minhas interlocutoras respondendo a um questionário, mas essa idéia foi descartada em uma conversa com o meu orientador,

professor Luiz Carlos Barreira. Optei, então, pela autobiografia e entrevistas gravadas, é claro, que isso seria colocado para cada entrevistada e ela escolheria o caminho que seria seguido, na captação de sua história.

A respeito do uso do gravador na captação da história oral, há uma comparação que merece ser mostrada, pois ainda temos medo de falar com os aparatos técnicos da modernidade e com minhas interlocutoras não foi diferente:

O termo "história oral" é novo, assim como o gravador de fita, e tem implicações radicais para o futuro. Mas isto não significa que ela não tenha um passado. De fato a história oral é tão antiga como a própria história. Ela foi a primeira modalidade de história. (FREITAS, 2002, p. 27)

Em todo trabalho de pesquisa oral há a entrevista piloto, e minha foi essa, na qual entrevistei dona Volda, nessa ocasião, não utilizei de nenhum aparato técnico, somente conversamos durante umas duas horas e, da melhor maneira possível, expliquei-lhe que queria escrever sobre as práticas escolares no Grupo Escolar Antonio Padilha, usando para tanto das memórias de ex-professoras primárias. Expliquei-lhe que queria escrever sobre as práticas escolares, ou seja, como essas professoras davam aula, como chegaram a escolher a profissão de professoras, onde tinham estudado, onde trabalharam antes de chegar ao Padilha.

Dona Volda lembra-me que não foi professora primária, mas que devido a seu cargo de Orientadora de Educação Moral e Cívica trabalhou com as professoras primárias quando havia necessidade de elaborar alguma festividade de datas significativas da historiografia brasileira. Dona Volda preferiu, primeiramente, escrever sua autobiografia e dali eu extrairia o que fosse relevante para meu trabalho.

Parte importante para que se possa entender como foi feita a pesquisa, é esclarecer que todos os primeiros contatos com as professoras entrevistadas se deu via telefone, e com ajuda de meu conhecimento com os netos de três dessas entrevistadas tive todo o acesso necessário a essas professoras para a realização de meu trabalho. Dona Maria de Lourdes, dona Volda e dona Miriam têm netos que estudam no Colégio Objetivo de Sorocaba e que são meus alunos, posto que leciono Língua Portuguesa nessa escola.

Apesar dessa facilidade, nos meus primeiros contatos pessoais, eu ainda tinha a preocupação de elencar o que estava pesquisando e deixar as minhas

interlocutoras bem à vontade para falar sobre suas práticas escolares e o que elas achassem conveniente citar, mas fiz uma ressalva que eu gostaria de saber onde elas tinham estudado, como foram os primeiros anos de magistério até que, finalmente, tivessem chegado ao Padilha, além do relato de algum caso de sala de aula que elas julgassem importante.

Nesse meu esquema, usei das entrevistas semi-estruturadas, no entanto, durante as gravações, posto que até as que optaram por escrever seu depoimento, tiveram a liberdade de narrar de acordo com suas lembranças, nada de ordem cronológica foi exigido, era preciso deixar a memória fluir, eu quis captar como as lembranças estavam “grafadas” no imaginário de cada uma delas. Porém em algumas ocasiões, foi preciso alguma interferência para que meu trabalho não tivesse solução de continuidade. Posto que como narrado em Freitas, e verificado na minha prática de entrevistas:

Em uma situação de entrevista, o entrevistado sempre espera que o entrevistador faça alguma pergunta. Se isso não ocorre, o entrevistado ficará perturbado, surpreso assustado, não sabendo o que fazer.

A entrevista puramente espontânea não existe. A questão é saber o quanto devemos perguntar e desenvolver as nossas questões. Isso irá depender do tipo de pessoa que entrevistaremos. (FREITAS, 2002, p.95)

Como já disse anteriormente, algumas entrevistas não foram totalmente gravadas, dona Volda, eu montei suas memórias através de seu texto e nossas conversas e minhas anotações, dona Miriam do mesmo modo. Dona Dalma, dona Elza e dona Maria Aparecida (dona Meire) entregaram-me um texto escrito e ainda gravei mais três horas de conversação.

Com as demais professoras, as entrevistas deram-se por intermédio da gravação, pois algumas professoras assim o preferiram, não querendo escrever sobre sua vida, mas apenas falar ao gravador.

As entrevistas deram-se na seguinte ordem: dona Volda, dona Miriam, dona Elza, dona Dalma, dona Meire (Maria Aparecida), dona Ivone, dona Valdivia, dona Neide, dona Maria de Lourdes e, por último, dona Eunice. Essa seqüência deveu-se somente à conveniência de cada professora em falar comigo. Somente com dona Eunice eu tive dois contatos, um por telefone e um pessoalmente, com as demais foram, no mínimo, três contatos, incluindo o primeiro. Todas as entrevistas aconteceram entre julho e agosto de 2005.

Com as entrevistas gravadas eu procurei interferir o menos possível, posto que eu já tinha explicado o que queria que me fosse explanado e, com muita surpresa, eu pude perceber que todas as minhas interlocutoras narravam os cultos cívicos, a organização que a escola apresentava, o convívio dessas profissionais com os alunos e a comunidade, o modo como conduziam suas aulas, e a liberdade que tinham para trabalhar, porém foi ressaltado sempre que buscavam ajuda uma na outra em qualquer dificuldade que tivessem, isso nunca foi tido como interferência no modo de ministrar suas aulas.

Como será observado na leitura textualizada¹ que faço do relato dessas professoras, todas, com exceção de uma delas, eram jovens provenientes da classe média, que, em alguns casos, tiveram que se indispor com sua família para que o magistério fosse abraçado como profissão, posto que tiveram que enfrentar as agruras da escola isolada, em lugares ermos, viagens de barco, em boléias de caminhão, em ônibus urbanos, tudo somado ao passado remoto e com pouco conforto.

Longe de qualquer idéia romanceada, a vida dessas mulheres, na metade do século XX, foi marcada por muitas batalhas, as quais somaram o magistério, pois criaram muitos filhos, casaram-se com homens que fizeram a História de Sorocaba, seus filhos e ex-alunos escrevem a atual. Viram as legislações escolares serem mudadas, o Grupo Escolar ser findo, com o advento da Lei 5.682/71, a qual criou Ensino de I Grau com a duração de oito anos, porém quando questionadas sobre o “Antonio Padilha”, sempre se referiram ao Grupo Escolar, posto que no imaginário delas isso nunca mudou.

Ao ouvir os relatos dessas profissionais, que ao se aposentar ainda carregam a terminologia de professoras primárias, esses mostraram como elas estão saudosas do tempo em que a escola primária representava, um status social muito importante, também como elas passaram ilesas ao processo político da época. Em uma entrevista, eu provoquei minha interlocutora sobre a condição política brasileira da época, e obtive como resposta que ela trabalhava demais como professora e mãe de família e que, desse modo, ficava difícil, ainda, interessar-se por política, portanto para ela tudo havia passado despercebido.

¹ Termo usado por Haroldo de Campos na área da tradução para uma abordagem não literal. Usa-se também o termo transcrição.

Justifico aqui meu interesse, agora, na minha pesquisa pelas práticas escolares dessas professoras primárias, assim como outros pesquisadores já puderam sentir a mesma angústia. No Brasil, ao contrário de outros países da Europa, há uma carência de teses, estudos, artigos que tratem do tema sala de aula, nesse sentido a obra de Selva Guimarães Fonseca – “Ser professor no Brasil”, tem de ser mencionada, como referendo:

Constatei que, no Brasil, são incipientes as investigações educacionais e historiográficas sobre história de vida de professores. Entretanto, verifiquei que, no exterior, sobretudo na Europa, há inúmeras teses, artigos, livros e grupos de pesquisadores nas áreas de psicologia, sociologia e nas ciências da educação, pesquisando e publicando estudos em torno da temática.(FONSECA,1997, p.17)

Assim, ao orientar minhas interlocutoras do que eu tinha como mote da pesquisa, salientei que me interessava, particularmente, pelas práticas escolares que elas trabalharam no Grupo escolar Antonio Padilha, e para deixar claro, para elas, disse-lhes que nessa “prática escolar” estava envolvido, também, a relação com a autoridade do diretor, os casos da relação com os alunos, família, comunidade, como parte de um todo que era a escola.

Vale lembrar que hoje minhas interlocutoras contam com mais de 70 anos de idade, algumas já se aposentaram há muito tempo, mas vale também deixar claro que a memória delas, o relatar suas experiências, essas fluíam de modo espetacular, como será analisado no decorrer do trabalho.

Ecléa Bosi, em Memória e Sociedade, analisa a condição do velho na sociedade industrial e como sua fala foi contida, como a tradição da oralidade foi banida pelos documentos e outras formas de relação com o mundo:

Por que decaiu a arte de contar histórias: Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo a técnica desorienta. A Guerra, a Burocracia, a tecnologia desmentem cada dia o bom senso do cidadão [...] (BOSI, 1994, p.84)

Fica clara a fala de Bosi quando eu comecei meu trabalho com minhas interlocutoras, fui a ouvinte calada de suas lembranças do tempo do Padilha, minhas poucas interferências, fizeram-nas falar em tom confessional. Buscaram no passado as lembranças que valorizaram e guardaram e, agora, essas vinham à tona.

Material colhido e transcrito na íntegra, material esse que faz parte dos anexos dessa pesquisa, mas eis que uma nova metodologia me foi mostrada. Em trabalho de orientação, professor Luiz Carlos sugeriu que eu fizesse a transcrição de uma das entrevistas para que ele pudesse analisar o resultado obtido.

Assim, a metodologia da transcrição foi escolhida. Também porque essa técnica valoriza o olhar do observador, quando ao descrever a história de vida, pondera sobre as causas e os efeitos do momento em que a história foi contada. É o diálogo entre o observador e o sujeito efetivado na entrevista (“entre-vistas” ou “olho no olho”) de modo a ampliar o discurso em vários significados. Assim, a autoria das histórias é fruto da integração entre o discurso, os fatos e a capacidade interpretativa do pesquisador em recontar a história, desvendadas segundo suas entrelinhas.

Nesse diálogo entre entrevistador e entrevistado, Meihy (2005, p.115) pondera:

Antes de mais nada, é preciso lembrar que o produto escrito, resultado da entrevista, é fruto de longo processo de transformação da fala oral em texto escrito. Nesse percurso, o “eu” do narrador é assumido pelo autor do projeto, que se coloca, ao verter para o escrito, no lugar daquele. Isso afeta diretamente a transcrição, que passa a ser um ponto fundamental na conversão do oral para o escrito.

Tendo como pressuposto que a história oral concretiza-se somente quando chega ao texto, superada a fase da entrevista, ou da coleta de dados, poderá haver um processo de “transcrição” desses dados que assegure a formação de um corpo documental que passará a ser trabalhado pelo historiador. São claros os argumentos de Meihy (p.171) a favor da transcrição das entrevistas:

Há pessoas e grupos que defendem a transcrição absoluta, ou seja, a passagem completa dos diálogos e sons como eles foram captados. Ruídos, barulhos, ou mesmo erros de linguagem, segundo alguns, devem constar da transcrição. (...) Esse posicionamento, contudo, tem sido contestado por aqueles que prezam na história oral seu compromisso com o público. Sempre com a visão no receptor, a transcrição destina-se, na moderna história oral, a dar visibilidade ao caso tematizado ou à história narrada. Não são apenas as palavras que interessam – aliás, elas só valem pelos conceitos, idéias, emoções que contenham.

No caso das entrevistas gravadas, na coleta de dados, pela autobiografia ou nas anotações do pesquisador, para que o narrador reconheça-se no texto, é preciso que a transcrição vá além da passagem rigorosa das palavras da fita para o papel. A transcrição literal é apenas uma fase, essa anterior à transcrição, na feitura do texto final.

Nessa linha metodológica, superada a fase da transcrição literal dos dados, sejam eles gravados, copiados das autobiografias ou nos dados colhidos pelo pesquisador, começa a criação que é chamada de transcrição, a qual deve ser uma narrativa clara, na qual foram suprimidas quaisquer interferências do pesquisador, sejam elas perguntas ou intervenções na fala do interlocutor.

No caso de meu trabalho, como houve, também, a captação das memórias pela autobiografia, a transcrição pura e simples tiraria meu olhar no captar as emoções que me foram narradas, nos silêncios que foram impostos, no olhar vago no infinito, isso somente eu poderia colocar no texto, por isso as transcrições, mas ao colocar nos anexos a íntegra de todos os textos, faço prova da fidelidade ao que foi transcrito.

Segundo Meihy, o texto acaba revelando o que o pesquisador quer que ele revele, e os resultados apresentados pelo mesmo, normalmente não permitem ao leitor construir outra interpretação, já que os documentos não são apresentados na íntegra, e quando aparecem é para corroborar com as hipóteses do pesquisador.

A transcrição ao seu final deve conter em si a atmosfera da entrevista, posto que mesmo que seja feito através da anotação do pesquisador ou do recolhimento da autobiografia, esse pesquisador criou um vínculo com seu interlocutor, conversou muitas horas com ele, aprendeu a conhecê-lo em suas memórias, desse modo há de se transparecer a comunicação não-verbal inclusa como: emoções do depoente, risos, ironias, olhares, gestos faciais, olhares perdidos no infinito. A tudo isso, eu busquei a maior fidelidade nas minhas transcrições, mesmo correndo o risco de, por alguns, meu trabalho ser caracterizado como romanceado.

Resta-me explicar que a opção que fiz, na transcrição das entrevistas, deu-se, ainda, pelo fato de querer mostrar as impressões que obtive como observadora dessas professoras, que, ao narrar suas memórias mostraram suas práticas escolares e também a visão de mundo que tinham à época, procurei ser o mais fiel possível ao que me foi narrado, a montagem dos relatos obedeceu, fielmente, a

ordem do que me foi narrado, seja por intermédio do gravador ou da leitura do que me foi entregue por escrito.

Cabe, ainda, aqui, a ressalva de que os textos transcritos foram submetidos à apreciação de minhas interlocutoras, a fim de que elas pudessem aprová-los e, se quisessem, ainda, acrescentar dados de suas práticas escolares ou de suas vidas, assim como suprimir o que ali estava e, que, nesse momento, não quisessem mais que fossem relatados. Claro, que isso além de evitar problemas jurídicos futuros, ainda guardam um tom de transparência no trabalho realizado.

1.

DA HISTÓRIA ORAL – A MEMÓRIA

Os historiadores sentem que os documentos escritos falham no registro dos sentimentos humanos e na espontaneidade. Alice Kessler Harris

Tomada a decisão de trabalhar, também, usando como fonte a história oral, sem abandonar parte de meu projeto inicial de buscar a prática escolar, ou melhor quais as práticas escolares que essas professoras adotavam, tornou-se, agora, um trabalho de Ulisses o qual exige muita habilidade, para que a credibilidade se instale na pesquisa realizada, posto que há até pouco tempo, esse tipo de pesquisa, baseada na história oral, era considerada marginal, ou de somenos importância.

Sobre a marginalidade anterior da história oral, Meihy, escreveu:

Houve época que a história oral não era bem aceita pela comunidade intelectual de vários países ou culturas. Então para ressignificá-la, autores que defendiam sua validade retraçaram o trajeto da oralidade, remontando a uma genealogia baseada no pressuposto de que os primeiros historiadores – como Heródoto -, o “pai da história” – estabeleceram a participação pessoal, o testemunho, como base para descrever a “verdade” ou a “realidade” do que se via. (MEIHY, 2005, p. 92)

É inegável, a importância da transmissão oral no conhecimento da humanidade, através dos séculos, o relato oral sempre foi a maneira de preservação de toda a cultura, pois a narrativa é a fonte de difusão dos vários saberes. A transmissão oral de conhecimentos processa-se já nos primeiros anos de vida de qualquer pessoa, pois seu aprendizado primeiro é no seio da família.

Quando os primeiros hominídeos gravaram nas cavernas, com desenhos, seu cotidiano, jamais poderiam imaginar que estariam relatando seu modo de vida, para as gerações vindouras, as quais, depois, iriam reconstruir esse passado longínquo e “montar” essa história.

Nesse prisma, a história de vida está apta para conhecer como é o desenvolvimento do indivíduo em seu meio sócio-cultural, e se esse conhecimento não for coletado, ele pode desaparecer.

Hoje, é inegável que o relato e a história de vida são uma base sólida de pesquisa qualitativa, no entanto, há de ser cuidadoso o pesquisador ao extrair dessa

pesquisa somente aquilo que se deseja, para que o trabalho seja embasado na metodologia correta e não somente num discorrer de coisas cotidianas corriqueiras, as quais podem não ter nenhum interesse mais acadêmico.

Segundo Freitas (2002, p. 47) a história oral fornece dados para a reconstrução do passado recente e afirma:

A história oral legitima a história do presente, pois a história foi, durante muito tempo, relegada ao passado. Esse redimensionamento do trabalho do historiador e a crescente revalorização da oralidade – embora mediatizada – trazida pela expansão dos meios de comunicação de massa como o rádio, a televisão, o cinema, discos etc, indicam a oportunidade de uma revisão das posturas historiográficas que têm, até hoje, olhado com grande desconfiança o testemunho pessoal.

No entanto, o trabalho com memórias obtidas a partir de histórias de vida, para o pesquisador, é uma experiência de trabalho inestimável; permite-lhe um enriquecimento teórico que decorre do envolvimento e questionamento contínuo neste processo de coleta de dados, e, comigo, não foi diferente, a todo instante, ou a cada entrevista, havia um novo interesse despertado, pois lidar com o particular e o geral não é uma tarefa de fácil realização, ainda mais na medida que, em cada história de vida é um todo que se apresenta, e isso causa uma série de novos interesses e novos referenciais teóricos precisam ser buscados. Toda pesquisa é um processo social e, como tal, sofre alterações no seu desenvolvimento.

Quando decidi basear minha pesquisa do Grupo Escolar Antonio Padilha em histórias de vida de ex-professoras que trabalharam juntas e, ainda hoje, têm um relacionamento de amizade, tive de ater-me ao lapso de tempo em que elas trabalharam, e como iriam buscar na memória suas práticas escolares tão distantes.

Vale afirmar que eu buscava a escola do passado, aquela que no imaginário sorocabano foi uma das melhores, numa visão ufanista de alguns: a melhor. Por isso grafar a memória dessa escola é importante, pois chegará ao mundo acadêmico como era prática dos sujeitos dessa história.

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seu momento vivido. (BENJAMIN, 1986, p. 233)

Meu primeiro contato foi com Dona Maria de Lourdes Fleury, desde logo, ela se mostrou interessada em trabalhar comigo nesse projeto, ficou muito empolgada e foi ela, sem dúvida, que me motivou ainda mais. Dona Maria de Lourdes conta, hoje, com mais de setenta anos, tem a saúde agravada por uma artrite, mas sua memória é indelével, clara.

Minhas conversas com as professoras remeteram-me ao que explana Ecléa Bosi sobre a lembrança de épocas distantes, as memórias gravadas situam entre aquelas que marcaram o ser humano de alguma forma, na sua significação, o cotidiano, sem importância, ou relevância é facilmente esquecido, mas os fatos, sejam eles bons ou ruins, se tiveram relevâncias, ficam gravados, fazendo parte do imaginário jamais esquecido.

Na busca por novos referenciais relacionados com o tema memória, e na busca do porquê que alguns fatos permeiam de forma definitiva o passado, valem os seguintes ensinamentos:

Longe de simplesmente prender-se a experiências anteriores, a memória nos ajuda a entendê-las. Lembranças não são reflexões do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta. (LOWENTHAHL, 1998, p.103)

Na busca de novos referenciais a fim de poder trabalhar com o relato das histórias de vida dessas professoras, na qual buscava a prática escolar, o que era ensinado e como era ensinado, o que era significativo para elas, àquela época.

Teresinha Bernardo, em sua obra Memória em Branco e Negro – Olhares sobre São Paulo, reconstruiu a história da cidade de São Paulo, no início do século XX sob o prisma da memória dos velhos brancos e negros, mostra como foram aqueles anos e como a memória dos envolvidos na pesquisa vem à tona. O que não foi diferente em meu trabalho, as lembranças obtidas das professoras foram coletadas de acordo com a recordação. Ao longo das entrevistas, as frações do passado fluíam com maior ou menor intensidade, justificando:

A coleta de dados sobre memória não segue uma linearidade, revelando os seus próprios mecanismos. É um ir e vir constante. Os caminhos são de profunda complexidade, demonstrando aspectos multifacetados das

potencialidades do lembrar. Associações são realizadas entre dados do passado e do presente, bem como em outros diferentes aspectos.(BERNARDO, 1998, p. 37).

Antropólogos, na metade do século XX, quando estudaram memória, deslocaram-se para as representações e idéias que fazem parte do interior de certos grupos sociais. Na minha coleta de dados junto às professoras procurei, também, buscar o grupo social que elas viveram profissionalmente, no entanto todas são amigas até hoje, mulheres que lêem, praticam esportes, trabalham e vivem intensamente, inseridas no contexto atual, mas quando o passado se revelava, elas ficavam indecisas, num primeiro momento; depois, tornavam-se muito falantes, o cenário estava ali, só faltava buscá-lo na memória e nós fomos.

A memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 2001, p. 87)

Ao buscar a história das práticas escolares do Grupo Escolar Antonio Padilha, usando da história de vida de ex-professoras, seus relatos não seguiram, realmente, uma forma linear. As entrevistas sempre foram feitas em suas residências, exceção feita a Dona Meire que me recebeu, em uma das entrevistas, em sua empresa, ela é executiva da Rádio Vanguarda de Sorocaba e da TV Sorocaba, posto que assumiu o trabalho na mídia, após a morte de seu marido o Jornalista Salomão Pavlovsky, sentadas em suas poltronas favoritas ou cadeiras em torno de uma mesa, deixaram que eu sorvesse de suas memórias do modo que elas brotavam.

Sobre a figura do narrador da história a ser captada e o narrador das memórias contadas, fica estabelecido um liame, uma junção de afetividade, que justificada na teoria, revela-se na prática:

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é épica por excelência. [...] O narrador está presente ao lado do ouvinte. [...] A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana. (BOSI, 2001, p. 90)

Dona Miriam, apaixonada por História e música, suas lembranças foram baseadas nas festas cívicas, e, com mais ênfase, nas dificuldades que enfrentou

antes de chegar ao Padilha, oásis de tranquilidade e escola de elite (fala das professoras, confirmada pelo imaginário da cidade acerca dessa escola):

Os fragmentos de memória vinham à tona, à medida que a entrevista ia acontecendo, procurei não interferir, deixei que elas (as professoras) fossem narrando sua experiência de vida pessoal e profissional de acordo com sua vontade, mas no decorrer de seus relatos, percebe-se que os anos iniciais de sua carreira de professora marcaram suas vidas, no entanto a tenacidade com que enfrentaram suas adversidades também é notada na análise dos seus discursos.

Assim para Teresinha Bernardo o espaço e o tempo são essências da memória, o ser humano tem nela (a memória) a idéia da reversão do tempo, de trazer de volta o que foi vivido. Do cançãoeiro brasileiro, na letra de Lupicio Rodrigues, em versos já foi cantada a memória: *o pensamento parece uma coisa à toa, mas como é que a gente voa quando começa a pensar.*

Nas histórias das dez professoras do Grupo Escola Antonio Padilha, aqui elencadas, não é possível, não voar com os seus relatos, em algumas ocasiões, posto que foram, em média duas entrevistas para casa professora, a amizade floresceu, eu me vi devolvida ao meu tempo estudante do Grupo Escolar e voei nas asas de meu passado ao encontro de tempos vividos, agora narrados como se não fossem meus, mas são, pois sou fruto dessa época.

As histórias serão analisadas pelo modo que foram narradas, pelos fragmentos de memória que vieram e como vieram, a transcrição desses relatos obedeceu à ordem em que apareceram na memória de minhas interlocutoras. Será posto, nesse trabalho, a reação de cada personagem, sob o ponto de vista de quem conta a história, nesse caso, a pesquisadora, e para não se perder o ponto marcante e pessoal de cada uma, à guisa da necessidade de retórica, será usada, eventualmente, a fala na íntegra.

Torno-me, nesse momento repetitiva, mas como a certeza de trarei nesse trabalho de pesquisa com fontes orais, a premiação de uma memória de tempos felizes, mas também de tempos de incertezas com as mudanças no ensino, de tempos de muito orgulho cívico, muita participação aluno-escola-família, isso somado à experiência de todas deu uma característica diferenciada ao Padilha no meu recorte temporal, ainda serão feitos recortes dentro dos relatos a fim de que se possa evidenciar o período estudado e narrado.

Deve-se, aqui, esclarecer o interesse por práticas escolares, posto que a sala de aula é um oásis dentro da escola, não aquele agradável e para alívio temperaturas altas, mas sim, no sentido de ser um espaço que só é conhecido na sua fidelidade de acontecimentos por aluno e professor, pois o laço que os une tem muito de afetivo, e de particular e geral, de feliz e infeliz, são antagonismos próprios de qualquer época, em qualquer escola e no Padilha não foi diferente.

2.

DOS DEPOIMENTOS – A TRANSCRIÇÃO

O mérito da informação reside exclusivamente no fato de ser nova e desconhecida. Ela vive para o momento da sua revelação, entrega-se a ele e depende inteiramente dele. A narrativa, pelo contrário, não se gasta. Conserva todo o seu vigor e durante longo tempo é capaz de desenvolver-se. Benjamin

A seguir, as histórias e as memórias de minhas interlocutoras serão narradas pelo método da transcrição, ou seja, é a história contada pelo olhar do narrador observador, na qual foram lapidadas as emoções que fluíram do que foi contado, dos olhares perdidos e as vozes embargadas.

Todo o cuidado com o verdadeiro foi a vertente desse trabalho, eu fui fiel ao que me foi narrado, pois sabia que era, na elaboração dessa pesquisa, a guardiã dessas histórias de vida de ex-professoras do Grupo Escolar Antonio Padilha, em Sorocaba.

**MARIA APPARECIDA FERREIRA PAVLOVSKY (DONA MEIRE)
ANTONIO PADILHA – 1952/1978²**

Era muito gratificante trabalhar com essas crianças, é a satisfação de ver a criança chegar à escola em saber nada, sem saber pegar no lápis, sem saber fazer bolinha e chegar ao final do ano lendo e alfabetizada. Meire Pavlovsky

Dona Maria Aparecida Ferreira Pavlovsky, conhecida como Meire Pavlovsky, nasceu em Piraju em 20 de dezembro de 1928, cursou a Escola Primária no Grupo Escolar Prudente de Moraes e no Grupo Escolar Marechal Floriano, os dois em São Paulo, capital.

O antigo curso ginasial fez no Colégio Santa Escolástica (1ª e 2ª séries) e no Ginásio Estadual de Taubaté (3ª e 4ª séries). O curso Pré-normal foi feito na Escola Municipal Dr. Getúlio Vargas³, em Sorocaba, mas concluiu o Curso Normal na Escola Normal “Caetano de Campos”, na Praça da República, São Paulo, capital.

Dona Meire era filha de um Delegado de Ensino, por isso fez sua jornada escolar em diferentes cidades do estado de São Paulo.

Formou-se professora primária em 1948, fez um curso para a Escola Típica Rural e foi para Campo Largo, hoje, Araçoiaba da Serra, lá trabalhou como substituta efetiva na Escola do Bairro Retiro. Inscreveu-se no concurso para escolha nas escolas Típicas Rurais, selecionada, escolheu o Grupo Escolar de Maristela, no município de Laranjal Paulista.

Em 1949, morando em Sorocaba e já casada com o jornalista Salomão Pavlovsky, tomou posse na Escola Industrial criada pela Companhia Nacional de Estamparia, escola essa que era freqüentada pelos filhos dos operários da fábrica.

Em 1952, essa escola foi anexada ao Grupo Escolar Antonio Padilha, dona Meire permaneceu até 1978, quando se aposentou, lecionou para as primeiras, segundas e quartas séries femininas.

² Tempo no qual as entrevistadas trabalharam no Grupo Escolar Antonio Padilha, hoje Escola estadual Antonio Padilha

³ Em 15 de janeiro de 1929, foi apreciado e aprovado o projeto do prefeito João Machado de Araújo municipalizando o Ginásio e criando a Escola Normal Livre de Sorocaba, em 1935, num processo de separação, o ginásio deu origem ao Colégio Estadual, que mais tarde em 1946 passou a ser Instituto de Educação Julio Prestes de Albuquerque, hoje popularmente conhecido como Estadão; e a Escola Normal passou para a administração municipal e deu origem a Escola Municipal Dr. Getúlio Vargas, hoje Instituto de Educação Dr. Getúlio Vargas

Como todas as entrevistadas que trabalharam com a primeira série, dona Meire mostra-se encantada com o aprendizado dessas crianças, elas vinham para a escola sem ao menos saber pegar no lápis, raríssimas tinham o período do pré-escolar. Porém conta, com muita satisfação, que a maior parte de sua vida profissional foi lecionando em quartas séries femininas.

Nesse trecho da entrevista, quem ficou admirada e pasmada fui eu, pois dona Meire conta com a maior naturalidade como era seu método para ensinar as meninas, e diz que sua classe era diferente das demais, aliás, ela era uma professora diferente, e também trabalhava porque gostava do Magistério e gostava das meninas, com elas fazia jogos, campeonatos e brincadeiras na classe. Na verdade, ela usava o trabalho em equipe.

É importante frisar o orgulho com que dona Meire me narra essa história, e explica que as classes no Padilha tinham seis fileiras de carteiras, então, ela dividia a classe em filas e chamava a melhor aluna de cada fila, desse modo ela ficava com as seis melhores notas da classe, todo o mês era feito isso. Essas meninas vinham à frente e elas escolhiam suas companheiras de trabalho, e diz dona Meire que, por serem muito espertas, escolhiam as mais fortes para sua equipe, e as que tinham um aproveitamento menor acabavam sendo escolhidas por afinidade com a equipe.

Então essas meninas formavam as equipes que iam trabalhar como se fosse um jogo, como basquete ou vôlei, e elas sabiam disso, e durante todo o mês, elas jogavam pelas notas, pelo estudo, pelo trabalho que faziam em casa, tudo, enfim, era avaliado e quando chegava ao final do mês, dona Meire computava as notas. Era outra classificação e, aí, a equipe que tinha alcançado os melhores resultados era premiada, claro, todas da equipe recebiam prêmios, que podia ser lápis de cor, estojo, carimbos, enfim coisas de uso na escola. Era esse seu trabalho diário, tanto que as substitutas não gostavam de pegar a sua classe, numa eventual falta da professora. Isso se explica, pois as substitutas deviam ficar perdidas com tanta autonomia das meninas, isso era incomum para a época, segundo dona Meire.

As professoras substitutas usavam, para recusar a classe de dona Meire, o argumento era de que as meninas eram muito irrequietas, e segundo o depoimento de dona Meire, elas eram muito espertas, vivas, lutavam por suas notas. Com isso, as alunas que tinham um rendimento mais baixo eram acompanhadas pelas colegas, pois o sucesso delas dependia de todas, então essas eram tuteladas pelas mais capacitadas no currículo ensinado. Afinal todas queriam o primeiro lugar.

Textualmente revelou-me dona Meire: *até hoje, se alguma ex-aluna minha for questionada sobre meu método, elas vão dizer que aprendiam muito com isso, a classe ficava muito uniforme.*

Dona Meire disse que em suas aulas não usava o canto, pois não tinha voz para nada, tristemente, confessa que é o seu maior complexo. Posto que, hoje, é executiva de uma concessão de rádio e trabalha com música o dia todo. Mas na hora do canto, havia a professora de música, Dona Ordália, que era um espetáculo, dona de uma voz maravilhosa, ela tinha o Coral da escola, que era magnífico. Esse coral também foi citado por dona Volda.

As meninas da classe de dona Meire desenhavam muito, mas ela não dava trabalhos manuais. As crianças gostavam de ler, já no primeiro ano, quando recebiam o primeiro livro, em meados de agosto, elas estavam alfabetizadas, lendo e interpretando textos, e pede para eu imaginar como chegavam a quarta série, era um espetáculo a leitura daquelas crianças, segundo ela.

Com relação a primeira série do primário (antiga denominação), relata que era muito gratificante trabalhar com essas crianças, é a satisfação de ver a criança chegar à escola em saber nada, sem saber pegar no lápis, sem saber fazer bolinha e chegar ao final do ano lendo e alfabetizada. Ainda fala emocionada com relação à matemática, pois elas faziam as continhas muito bem, claro, as mais elementares. Esclarece que não tinha reprova, todas eram aprovadas.

Coloco aqui a fala textual de dona Meire, pela ênfase que ela deu esse depoimento: *olha, eu tive somente uma classe de meninos, você sabe que o Padilha foi referência de boa escola em Sorocaba, era uma escola de elite, e também não havia a moda das escolas particulares, então todas as crianças da elite estavam lá, incluindo as mais carentes também, todos aprendiam da mesma maneira. Bem, quando eu peguei essa classe de meninos, as mães fizeram um abaixo-assinado e voltei a trabalhar com as meninas.*

Dona Meire faz questão de pontuar em sua fala que no Padilha se concentravam as melhores professoras da cidade, comprometidas com a educação e que trabalhavam no magistério porque gostavam, pois a maioria delas, era casada e não dependia do próprio salário para seu sustento, era mesmo uma ligação de amor ao magistério.

Como já foi grafado, o pai de dona Meire foi Delegado de Ensino no estado de São Paulo, e ela se lembra que um dia ele trouxe uma visita ao Padilha, de São

Paulo, era um sábado, pois havia aulas aos sábados, ela estava em sala de aula e seu pai aproveitou a passagem pela cidade para vê-la, e o Padilha, nesse dia, como nos outros também, estava lindo, impecável. O diretor, nessa época, era o seu Wilson. O pátio limpo, não havia um papel no chão. Porém, argumenta que quando houve a unificação (lei 5692/71), segundo ela, o Padilha perdeu toda a graça, toda a beleza.

No pátio interno, lembra saudosa, era onde realizavam as festas, inclusive as festas juninas que, segundo seu relato, eram lindas, muito bem organizadas, com a participação, inclusive, das famílias dos alunos.

A dona Meire, desde a primeira entrevista, mostrou-se muito orgulhosa da organização dos Jogos Infantis, que eram campeonatos entre as escolas da cidade, com muitas modalidades esportivas, o Padilha era responsável pela abertura dos jogos, ou seja, o desfile de abertura dos jogos. Esse desfile era organizado pelas professoras juntamente com as crianças.

Tudo era muito organizado, havia carros alegóricos, no desfile todas as crianças estavam uniformizadas e havia troféus para o melhor desfile e também para os vencedores em cada modalidade esportiva. As escolas que mais venciam essas competições eram o Padilha, Senador Vergueiro⁴, Visconde de Porto Seguro⁵ e o Maylaski, essas eram naquela época as escolas mais importantes da cidade. Todas as outras escolas participavam, mas eram pequenas, não ganhavam. Essas festas envolviam a todos, diretor, professoras e alunos.

Dona Meire termina seu relato, dizendo que todos, no Padilha, eram muito felizes e empenhados com a escola.

⁴ Fundado em junho de 1919, Grupo Escolar Senador Vergueiro

⁵ Fundado em 21 de março de 1914, Grupo Escolar Visconde de Porto Seguro

MIRIAM CESAR BAPTISTA
ANTONIO PADILHA – 1958/1986

Sempre achei que a música, a poesia e as histórias ajudavam muito na aprendizagem. Nas datas comemorativas procurava globalizar todas as matérias. Miriam Cesar Baptista

Dona Miriam César Baptista, nasceu no dia 31 de maio de 1932 (em plena Revolução Constitucionalista, relata orgulhosamente, que seu pai fora um valente soldado. É de Salto de Pirapora, à época de seu nascimento, era uma pequena vila, um distrito de Sorocaba, sem água encanada e sem luz elétrica. Esses melhoramentos só chegariam em 1945. Hoje, ela escreve a história de sua cidade natal, encanta-se em mostrar-me os originais de seu trabalho de historiadora.

Seus pais eram Lauro Magno César e Adalgisa Dias Baptista. Quando nasceu, seus pais eram muito jovens; a mãe era mais enérgica, mas uma boa mãe; o pai alegre e brincalhão. Nasceu na casa dos avós maternos, numa casa grande (vinte cômodos), quintal com muitas árvores frutíferas e ornamentais, um imenso jardim com uma gruta de Nossa Senhora de Lourdes. Dona Miriam é muito religiosa.

Filha única, mas com dezoito primos e primas, quase todos com mais ou menos a mesma idade. Diz que sempre os considerou como irmãos e irmãs. Textualmente: *A casa da vó Marica era cheia de netos. Tive uma infância muito feliz, conhecia todo mundo brincava muito e, desde pequena, sabia andar a cavalo.*

No ano de 1939, entrou para uma Escola Isolada, com seis anos e meio. Lembra-se que a primeira professora chamava Irma Graner Carine, era casada com o Pedrão, um grande amigo de seu pai. Foi aluna de Dona Irma durante três anos, na quarta série sua professora foi Dona Matidia Tavares. Em 1941, essa escola transformou-se em Grupo Escolar. A primeira diretora, desse Grupo Escolar era da cidade de Aparecida do Norte, seu nome era Verônica Ferreira, e segundo a aluna Miriam, era bonita e elegante, mas muito brava.

Relata fatos que, hoje, podem causar estranheza, pois, segundo ela, naquela época, o diploma de quarta série era muito valorizado, quem tirava esse diploma já conseguia arrumar trabalho. Em 1942, foi sua formatura de 4ª série do Grupo Escolar, já com o status de Grupo Escolar, diz, ainda, que a festa da entrega do diploma foi linda, com cantos, bailados, teatro etc. Lembra-se de terem cantado uma música muito bonita e triste (Adeus Escola), com muita choradeira na despedida.

Como em Salto de Pirapora, a menina Miriam não poderia continuar os estudos, veio estudar em Sorocaba com as monjas Beneditinas no Colégio Santa Escolástica⁶. Ficou interna no colégio dois anos, seu pai sempre a visitava e, uma vez por mês, ia para casa. Nessa época, no Colégio, havia cem alunas internas, Miriam era uma das menores, com pouco mais de dez anos. Novamente, a minha interlocutora, mostra seu interesse pela História, pois recorda-se que aqueles tempos foram difíceis, devido à Segunda Guerra, e a vida estava difícil.

Em 1945, seus pais vieram morar em Sorocaba, Miriam continuou estudando no Colégio, mas como aluna externa. Em suas memórias, diz que guarda do Colégio e das irmãs as melhores lembranças.

Professora primária em 1950. Aqui cabe, na íntegra, o relato da professora-menina Miriam: *no dia da colação de grau, às oito horas houve uma missa festiva, na saída, ajoelhei-me no altar de Nossa Senhora e disse: -Mãe querida, de agora em diante minha vida vai ser diferente, cuida de mim, abençoa minha via, abençoa meu trabalho” Ela ouviu minha prece, pois lecionei trinta e seis anos, não me cansei, não enjoei das crianças.*

Começou a lecionar como substituta num Grupo Escolar de Sorocaba, em fevereiro de 1951. Em março desse ano, foi com uma prima e uma amiga procurar trabalho na cidade de Registro, no Vale do Ribeira, sul do Estado de São Paulo. A viagem até lá era longa, conta que saiu de Sorocaba às 7 horas e só chegou ao seu destino às 16 horas. O professor Altamir lecionava em Registro e era amigo, ele apresentou-as ao diretor da escola. Professor Roberto era seu nome, ele designou sua prima Milady para o Bairro de Carapinga, a amiga Maria José para Taquaruçu e ela para Guaviruva, um lugar que não tinha estrada, só era possível chegar de ferrobote descendo o rio Ribeira.

O Altamir vendo a situação drástica da jovem professora Miriam ficou com pena e intercedeu por ela, o diretor, então, mandou-a para Taquaruçu a qual distava dezessete quilômetros de Registro. Para chegar até o Grupo Escolar Pascoal Greco, era muito ruim a estrada, na verdade, era um pântano, não tinha condução que chegasse até lá. Quase todos os alunos eram de origem japonesa, porém em julho perdeu a substituição, pois a professora titular voltou.

⁶ fundado em 1908, pelas monjas beneditinas

De volta a Sorocaba, foi trabalhar numa escola municipal Jardim da Infância Nossa Senhora Consolata.

Em agosto de 1952, casou-se com um professor que lecionava no quartel, seu nome era Geraldo. Em setembro de 1953, nasceu sua primeira filha. Nessa época, foi substituir em Salto, ia de ônibus levando a criança, mamadeira, cadernos etc. A próxima substituição foi em Lavras Velhas, foi o tempo mais difícil. Saía de casa às quatro meia da manhã, um caminhão passava para pegá-la, ia na boléia, no meio entre o motorista e mais dois homens. Conta com grande orgulho, o caminho difícil que trilhou e textualmente: *Nunca comi, passava o dia todo com um lanche que eu levava de casa. A escola era muito pequena, com janelas de madeira, se chovia ou ventava e precisava fechar a janela, não podia dar aula, pois não havia luz elétrica, nessas oportunidades eu aproveitava para cantar com as crianças. Só tinha uma lousa pequena e eu lecionava, primeira, segunda e terceira série, o pior – não tinha privada.*

Ainda sobre as agruras de seu tempo em Lavras Velhas, relata que para voltar para casa era uma agonia. Se algum caminhão carregado de pedra ou cal tivesse a boa vontade e parasse, ela pedia carona e voltava para casa. Nessa época, estava grávida de outra filha.

Em 1955, conseguiu ingresso no Magistério. Escolheu a escola em Ressaca. Nessa escola, ficava quinze dias na escola, com as duas filhinhas. Seu pai ia buscá-la ao final da quinzena de jipe, a estrada era péssima, distava trinta quilômetros de Salto mais ou menos.

No início de 1957, foi transferida para o Bairro do Calcife, bem perto de Sorocaba, oito quilômetros, mais ou menos. Havia ônibus como transporte, já foi mais tranquilo. Em agosto de 1958, por união de cônjuge foi nomeada para o Grupo Escolar Antonio Padilha. Entre alegria e tristeza, seu relato denota o grau de valoração dessa escola à época : *Meu Deus! Fiquei apavorada, sabia que o Padilha era o Grupo da Elite e eu só acostumada com a zona rural, com o povo simples, como ia conseguir me adaptar? Quando fui tomar posse, a querida Maria Joana muito alegre e brincalhona me apresentou às colegas e ao diretor. Foi só medo! Todas as colegas foram muito gentis e eu me adaptei rapidamente. Na época, eu era uma das mais jovens. O diretor era o Prof. Lauro de Oliveira (seu Laurinho, como era chamado).*

Relata, prazerosamente que, por longos anos, teve a felicidade de ter como diretor o professor Wilson Ramos Brandão e como assistente, sua esposa, professora Luiza Guilhermina Araújo Brandão. Agora, a experiente professora Miriam conta que o seu Wilson tinha um modo muito especial de dirigir a Escola. Gostava muito de música e poesia, às quintas-feiras, todas as classes reuniam-se no pátio onde havia um piano de cauda, ele conversava com os alunos, aconselhava, incentivava-os. Cantavam o Hino Nacional, o Hino à Bandeira e sempre tinha um canto novo e poesias novas. Havia a horta cuidada pelos alunos, uma deliciosa merenda, festa de entrega do 1º livro.



Dona Miriam, no canto esquerdo, em frente ao diretor Wilson Ramos
Acervo pessoal de dona Miriam, a data provável entre 64 e 69

Ainda, recorda-se do professor José Garcia, que foi também um bom diretor. Na gestão do diretor Roberto Sergio Baptista também, o qual é descrito como muito bom e competente, Dona Miriam substituiu-o quando ele foi convocado para um trabalho na Delegacia de Ensino, por vários meses.

Quando houve a integração da escola primário com o antigo ginásio, aqui dona Miriam refere-se ao ano de 1971, quando houve a promulgação da Lei 5692/71, o professor Airton Stefen ficou na direção. A escola nunca mais foi a mesma, não pela direção, mas tudo ficou diferente. Nesse relato, como nos outros, senti a angústia de minhas entrevistadas quando o Grupo Escolar foi integrado ao Ginásio, a impressão foi de invasão de uma privacidade compartilhada, a desolação

foi encontrada em todos os depoimentos, exceção feita a Volda, pois essa era a “professora secundária”, trabalhou com elas de 1980 a 1990.

Quando o assunto foi sua prática escolar, Dona Miriam refere-se a ela como sendo boa, muito boa, com ótimos resultados. Enumera as professoras que foram suas companheiras de trabalho, algumas das quais fazem parte desse trabalho de pesquisa: Aparecida Levy (exímia violonista), Aparecida Marins, Maria Benedita Santos, Valdívia, Célia Vendramini, Ilze de Camargo, Eugênia Moreira, Therezinha Parducci, Maria Joana Piccini e muitas outras.

Textualmente suas palavras foram: *eu sempre procurei dar alegria a meus alunos, se percebia que estavam cansados ou aborrecidos, parava a aula, contava uma estória, fazia a dramatização da mesma, cantava alguma canção e depois retornava a aula. Sempre achei que a música, a poesia e as estórias ajudavam muito na aprendizagem. Nas datas comemorativas procurava globalizar todas as matérias.*

Dona Miriam foi coordenadora do ensino religioso durante muitos anos. As aulas eram ecumênicas e auxiliavam muito na educação das crianças, esse relato foi feito, também, por Dona Eunice, a qual é evangélica e foi contemporânea do Padilha de Dona Miriam.

Dona Miriam, segundo suas amigas, possui uma linda voz, por isso nas festas no dia Nacional de Ação de Graças (última quinta-feira de novembro), sua participação tornava as festas lindas. Cabe aqui ressaltar que essa informação foi dada por outras colegas de trabalho. Minha interlocutora faz questão de me dizer que a participação das professoras Maria de Lourdes Fleury e Volda ajudava muito na organização de todo evento cívico.

Exceção feita a Dona Volda, minhas entrevistadas participam de um “Chá da Amizade” no qual doze professoras se reúnem mensalmente, há mais de 30 anos, todas são ex-professoras do Padilha. Nove delas concordaram em fazer parte dessa pesquisa. É uma reunião muito agradável, segundo Dona Miriam, e a cada mês a reunião é em casa de uma. Orgulhosamente, me diz que estão sempre unidas nas horas felizes e nas horas tristes. Textualmente: *sempre iniciamos nosso chá com uma oração de agradecimento, e todas as reuniões arrecadamos dinheiro para ajudar pessoas carentes.*

Dona Miriam, desde nossa primeira conversa, sempre fez questão de me falar sobre a organização, qualidade e solidariedade que havia no Grupo Escolar

Antonio Padilha, fez alusão aos alunos que por lá passaram e, hoje, são pessoas de destaque na sociedade local.

Relatou um caso muito especial que faço questão de narrar, pois o aluno mencionado foi meu colega no Curso Ginásial na Escola Getúlio Vargas e sou testemunha de que tudo foi muito verdadeiro.

O Padilha, como já antes relatado, tinha a comemoração do Culto à Bandeira. Na gestão do professor Wilson, quando o fato aconteceu, todas as professoras tinham de preparar alguma coisa para que fosse apresentada no pátio interno. Num dia, a escolhida foi a classe de Dona Miriam, uma segunda série, e , justo naquele dia, ela não tinha preparado nada. Entre apavorada e surpresa pelo azar, um menino bem pequeno chegou-se a ela e disse-lhe que sabia tocar piano, já foi relatado que havia um piano de cauda, no pátio da escola. Não lhe restou outra alternativa, senão deixar o garoto tocar. Surpresa geral. O pequeno menino deu um show! Todos a cumprimentaram, o professor Wilson ficou pasmado, não era para menos, esse pequeno garoto, hoje, é o grande músico sorocabano Fábio Luz.

Reservo o direito a Dona Miriam de terminar em primeira pessoa seu relato de vida: *aposentei em 1986, depois de aposentada, sempre tive uma vida ativa. Sou Ministra da Eucaristia desde 1983. Faço parte da Pastoral da Saúde. Visito mais ou menos doze doentes ou carentes por semana. Sou também presidente do Apostolado da Oração, faço um trabalho com sessenta e três pessoas.*

Sou viúva, tenho três filhas: Laura (diretora de escola), Flávia Adalgisa (jornalista), Miriam Elena (pedagoga de excepcionais) e Geraldo (economista e advogado). Tenho cinco netas, três netos e um bisneto.

Graças a Deus e a Nossa Senhora sou muito feliz, amo a vida e não temo a morte.

IVONE SORANZ
ANTONIO PADILHA – 1959/1977

Lembro-me e conto, com emoção, que também fui aluna do Padilha. Ivone Soranz

Conheci pessoalmente Dona Ivone numa tarde fria do mês de julho passado. No primeiro momento, certo constrangimento, apesar de que em nossos contatos telefônicos, Ivone foi uma das mais solícitas ao atender ao meu pedido para uma conversa sobre seu trabalho no Padilha. Novamente, as explicações acerca de minha pesquisa e qual o objetivo da mesma, novo interesse, minha fala desperta as emoções vividas, e a conversa que começara truncada, flui como se tudo estivesse acontecendo naquele momento. A impressão que tive de estar diante de uma pessoa tímida, foi apagada por uma espetacular narradora da própria vida.

Dona Ivone começa evocando o passado com o ano em que começou a trabalhar no Grupo Escolar Antonio Padilha, em 1959 e que se aposentara em 1977, nesse período de tempo, lecionou para o 1º ano. Diz que gostava mais de trabalhar com as meninas, mas trabalhou muito com os meninos. Nesse momento uma pausa, lembra-se e conta, com emoção, que também foi aluna do Padilha. Antes de ser removida como titular no Padilha, trabalhou de 1950 a 1958 no Grupo Escolar Baltazar Fernandes⁷, também em Sorocaba.

Dona Ivone nasceu em Sorocaba no dia 05 de abril de 1924, aqui faz graça dizendo que era novinha ainda. Relata que cursou as primeiras quatro séries do grupo escolar no Padilha, depois foi estudar no Estadão⁸, onde cursou o antigo ginásio e, depois, fez a Escola Normal no Getúlio Vargas.

Ingressou como professora em 1948, em Penapólis onde permaneceu por meio ano, quando foi transferida para Timburi, ficou por um ano e no ano seguinte, 1950, veio para o Baltazar Fernandes, por permuta. Nessa escola lecionou por nove anos para o 1º ano e um ano para o 3º ano.

Em 1959, veio para o Padilha, nesse ano, lecionou para uma classe mista de 4º ano, e, já no ano seguinte, foi lecionar para o 1º ano e permaneceu até 1977 lecionando para o 1º ano. Conta, com altivez, e o ouvinte mais desatento, ainda, sim, perceberia o orgulho no seu discurso e diz textualmente: *Alfabetizando sempre, com*

⁷ criado em 23 de março de 1932, hoje Escola Estadual Baltazar Fernandes

⁸ Instituto de Educação Júlio Prestes de Albuquerque

classes numerosas a gente ensinava até sem cartilha, conta-me que houve um tempo no qual ela conversou com o diretor e pediu autorização para alfabetizar sem a cartilha e a resposta foi: *“faça como você quiser é até melhor”*. No entanto, conta que por ocasião do Ensino Renovado precisou adotar a cartilha, pois tinha de haver remanejamento de classe, então todos os professores tinham de usar a mesma cartilha, e que todos os professores tinham de ter a mesma maneira de ensinar para que, depois, a criança não se atrapalhasse, quando fosse remanejada.

Dona Ivone, e as outras professoras que fazem parte da pesquisa, não se lembram ao certo o ano em aconteceu o remanejamento⁹. Mas foram unânimes em explicar-me que o remanejamento era o agrupamento dos alunos por nível de aprendizagem, ou seja, os melhores com os melhores e os ruins com os ruins. Os que tinham dificuldade de aprendizagem deveriam ficar numa mesma classe. Isso se justifica porque, segundo seu relato, pois antes desse remanejamento, as classes eram divididas internamente pelo grau de aprendizado do aluno em fraco, médio e forte.

É impossível não se notar a crítica na fala de minha interlocutora quando o assunto era o remanejamento. Conta que, nessa época, na escola, houve a presença de Orientadoras Pedagógicas, conta que as professoras tinham mais prática do que elas. Aqui um sorriso e um comentário *:ih falei coisa que não devia!* Dona Ivone faz um relato que eu já havia ouvido das outras professoras, quando o assunto foi o remanejamento, textualmente: *tanto que nós introduzimos junto a essa “orientação pedagógica” nossos métodos para que tudo desse certo, senão não ia dar nada como elas queriam. Nós sentimos nessa época que nosso trabalho não rendia, as crianças não aprendiam como antes dessa orientação. Não posso explicar o porquê disso, não sei se a prática das orientadoras era uma e a nossa era outra. Mas essa foi a verdade daquilo e assim, nós, as professoras nos unimos, trabalhamos em conjunto para que tudo desse certo e a escola progredisse.*

A felicidade que havia no ambiente do Grupo Escolar Antonio Padilha, permeou toda a minha conversa com as entrevistadas, e com Dona Ivone não foi diferente. Conta que existia muita amizade entre as professoras, e também que teve classes bem boas fortes e assim os anos foram passando. Conta-me que havia

⁹ Isso se deveu à aplicação da Lei 5.692/71, a qual alterou o antigo primário, no Ensino de 1º Grau com oito anos de duração

problemas de aprendizagem, algumas crianças tinham muita dificuldade para aprender.

Dona Ivone já tinha comentado anteriormente como era a divisão funcional das classes em três sessões: A,B, e C¹⁰. Desse modo, a sessão A era das crianças mais fracas, elas tinham aulas separadas, era a mesma matéria, mas sempre mais atrasada, em outro ritmo, então, à medida que a criança ia se desenvolvendo, ela ia passando para a outra sessão das elites da classe, também Dona Ivone relata que havia muito trabalho com essas crianças fracas e muitas delas conseguiram se recuperar. Algumas não.

O remanejamento permeia a memória de Dona Ivone como um fato negativo e a essa altura ela me diz: *tanto é que um dia eu disse para o Diretor, Sr. Wilson, que eu não achava certo o remanejamento de classes porque numa classe heterogênea a criança fraca da sessão A vê que a outra está aprendendo e tem o estímulo – também quero aprender – mas numa classe que ninguém aprende, qual o estímulo?*

Segundo ela, ainda houve uma outra investida de aplicar o remanejamento, com uma nova orientação pedagógica, no entanto, parece que não deu certo e tudo voltou a ser como era antes, com as classes divididas em três sessões (A,B,C). Dona Ivone acredita que a divisão dentro da classe funcionava melhor, diz ter certeza disso, apesar de eu dizer-me que sempre teve a felicidade de pegar classe forte, diz que não se lembra de ter pego uma classe fraca. Mas comenta que tinha colegas que trabalhavam em classes fracas, e nessas classes faltava o estímulo para a criança, apenas duas ou três crianças saiam dessa turma fraca com algum aprendizado. Em contrapartida, das classes médias e fortes o aprendizado era quase que na sua totalidade.

A desilusão de Dona Ivone, com relação ao remanejamento, justificava-se, em sua certeza de que mesmo com a divisão de classes em sessões, as crianças chegavam ao final do 1º ano sabendo ler e escrever, porém algumas não conseguiam, mas eram poucas. Essas crianças eram reprovadas. Porém quando houve o remanejamento, também houve a promoção automática¹¹ (*hoje, Progressão*

¹⁰ Nesse trecho eu conservei a ordem que dona Ivone relatou, mas sempre a ordem era A, B e C, sendo a turma A a mais adiantada.

¹¹ Ainda hoje há muita discussão teórica sobre o fato da repetência escolar.

Continuada), uma coisa que ela nunca esteve de acordo, porque as crianças passavam de ano, mesmo as da classe fraca eram promovidas.

A Festa da Entrega do Primeiro Livro, acontecimento esse que ficou no imaginário de todas as professoras entrevistadas. E Dona Ivone não foi exceção à regra. Quando a criança acabava a cartilha ela pegava o primeiro livro. Aliás havia uma festa da entrega do primeiro livro. Nem todas as crianças pegavam o primeiro livro, pois as mais fracas pegavam depois, pois elas não podiam acompanhar a leitura. Aqui Dona Ivone faz seu relato com muita veemência: *as minhas classes eram muito boas, então poucas crianças ficavam sem pegar o livro, as que pegavam o livro mais tarde era sem festa.*

Nesse momento, a Dona Ivone volta a falar do remanejamento, e comenta que não sabe se hoje ainda existe a *promoção automática*. Mas me explicou que a professora da classe fraca começava com a cartilha, eram crianças de cartilha, começavam a aprender a cartilha novamente, mas quando chegava ao final do ano faziam exame como se fosse para ser promovida para o 2º ano, porque elas tinham sido promovidas automaticamente. Era segundo ano de escolaridade, mas não de aprendizado. O argumento era que assim que tinha que ser, diziam que quando chegasse no oitavo ano saíam do Ensino de Primeiro Grau, posto que já tinham feito oito anos de escolaridade. Aqui a experiente professora, pensa, fica quieta e argumenta: *era um contra-senso.*

Quando a conversa é sobre o diretor Wilson Ramos Brandão, ela sorri e diz que ele era engraçadíssimo. Sua lembrança dele era muito boa, pois, segundo a professora, ele cuidava muito da alimentação dos alunos. Na merenda, havia sopa escolar, então, às vezes, quando havia uma criança pobre que não aprendia nada, não tinha rendimento escolar, quando as professoras reclamavam, ele dizia assim *“não faz mal, eles que venham aqui nem que seja para tomar um copo de sopa, nem que ela não aprenda, pois estamos alimentando essa criança”* porque a criança sem se alimentar não aprende”.

Dona Ivone me esclarece que, apesar do Padilha ter fama de escola de elite, também havia alunos não eram só da cidade, vinham alunos que eram da periferia. O diretor cuidava muito dessa parte.

Também, segundo a fala de Dona Ivone, o senhor Wilson cuidava da higiene da escola. Toda classe tinha uma vassoura atrás da porte, pois não era para deixar a classe suja para a professora que viria no próximo período. Ele era exigente nessa

parte. Chegava, às vezes, juntamente com uma servente, a entrar no banheiro das professoras para verificar a limpeza do recinto. Segundo o relato, tudo isso somado, a escola ficava um primor.

Outro dado de prática escolar, relacionado ao período que as professoras integrantes da pesquisa trabalharam, foi culto à Bandeira, o qual era realizado todo o sábado, porém houve um tempo que era às quintas-feiras, mas quando foi instituído o trabalho aos sábados, o culto era realizado aos sábados. Nessa comemoração, as crianças recitavam, cantavam, o professor Wilson estava ali presente.

Dona Ivone, nesse momento, me diz que ela não se utilizava da música e da poesia para ensinar, ela usava seu próprio material e a escola não tinha tanto atrativo como hoje, pois agora há a computação, mas naquele tempo as professoras faziam cartazes ou qualquer outro material do gênero para incentivar. Também argumenta que acredita que a escola era atrativa com aqueles métodos, pois as crianças gostavam de ir à escola, e já havia televisão era de se admirar que ela ainda gostasse de estudar. Saudosa diz que era um prazer quando eles aprendiam alguma coisa, pois criança gosta de aprender.

Em quase todo o trabalho que realizei, junto às professoras, todas relataram algum caso que ocorreu em sala de aula e que foi marcante para elas. Dona Ivone contou, com muito orgulho, que numa das Festas de Entrega dos Livros para a primeira série, havia muitos alunos para receberem o 1º livro, pois todas as classes eram grandes, mais de 40 alunos. E ela lembrou que, naquele tempo, as crianças não vinham preparadas como agora, algumas não sabiam nem pegar no lápis, havia a necessidade de se pegar nas mãos delas para ensinar-lhes usar o lápis, antes de qualquer coisa. Por isso, naquele dia, foram entregues livros para quase 400 crianças.

Dona Ivone ao evocar sua memória, naquele momento, pareceu-me muito feliz, com a sensação de dever cumprido. Naquele houve a visita de um Inspetor de Ensino, que aliás era substituto, na verdade, ele era diretor de outra escola, e quando viu aquele número enorme de aluno recebendo o livro, ele fez um comentário: *“todas essas crianças sabem ler? No meu grupo eu não tenho esse número.”* O diretor senhor Wilson respondeu que todas sabiam ler, pois estavam recebendo o livro. Isso ocorreu num sábado à tarde.

Esse livro de leitura era lido na escola e lá era guardado, porém no dia da festa havia autorização para ser levado para casa. Por isso a festa, sempre que

possível era realizado aos sábados. Continuando o relato, quando foi na segunda-feira, pela tarde, quando as classes de primeiro ano entraram, lá estava o inspetor, e esse Inspetor de Ensino foi, de classe em classe, mandando os alunos lerem e abria o livro em qualquer página e pedia para a criança ler. Em algumas classes ele mandou que todas as crianças lessem. E assim foi o percurso do Inspetor ao tentar investigar o trabalho de alfabetização do Padilha.

Dona Ivone não sabe o porquê, mas quando ele chegou à sua classe, escolheu apenas algumas crianças para lerem, e nessa turma, havia um sobrinho de Dona Ivone, o qual era seu aluno, e ele veio até ela e disse “*tia ele não mandou eu ler*”, minha entrevistada não questionou seu aluno, e disse-lhe para fosse até o inspetor e que pedisse para ler. Ele foi e falou ao inspetor que queria ler para ele e leu muito bem.

Ela relata que o inspetor ficou bem quietinho, pois ele havia feito sua escolha de leitura em páginas salteadas que as crianças nunca tinham lido e tudo foi muito bem. Todos ficaram encantados, pois as crianças deram um show de leitura.

O livro de leitura era entregue no 2º semestre, no 1º semestre era a cartilha, Diz não se lembrar o nome de nenhum desses livros, pois a cada ano era um livro. A cartilha nos últimos tempos era a Caminho Suave.

Com relação à disciplina na sala de aula, diz que era muito boa, mas era preciso fazer os alunos trabalhar, pois se ficassem parados havia conversa e faziam bagunça. E eles trabalhavam muito, segundo todos os relatos.

O problema da Orientação Pedagógica incomodou Dona Ivone e ela volta ao assunto. Mas dessa vez, não era somente para uma crítica negativa, recorda-se que houve uma prática muito boa em relação à Matemática. Textualmente: *elas davam um a série de números e os alunos tinham que fazer o enunciado do problema de matemática, isso eu achei muito interessante porque eles mesmos redigiam o problema com os números que você dava, teve alguma coisa interessante nessa Orientação Pedagógica que nós pudemos aproveitar.*

Porém quando questionei a orientação quanto à leitura, Dona Ivone ressalta que com relação à leitura essa orientação foi silente. Mas com relação à alfabetização, houve mudança no método que consistia da sentença para o alfabeto, e não era isso o que se fazia para alfabetizar.

Textualmente: *nosso método era primeiro a sílaba e depois a palavra e por último a oração. Nós achamos necessário que eles aprendessem pela silabação,*

que depois poderiam ler qualquer palavra. Com o método da oração¹² a criança decorava a oração, não sabia lê-la. Eu não concordava com isso, afinal nossa língua é silábica. Quando foi posto termo a essa orientação, o método da alfabetização voltou a ser silábico até eu sair em 1977, usei esse método novamente. Elas ficaram apenas um ano.

Com relação à Ditadura Militar, Dona Ivone diz não ter notado nenhuma modificação na escola e nem houve nenhuma recomendação por parte do Diretor, somente se ouvia falar, mas nada mais que isso, nem fora da escola, diz não ter notado nada de diferente.

A escolha do livro de leitura, segundo ela, as professoras eram livres para decidir quais os livros adotar, o diretor não influenciava em nada, escolhia-se o que gostavam, alguns eram repetidos no ano seguinte, por terem gostado muito.

Nem nas reuniões pedagógicas, relata que só eram tratados assuntos relacionados com a escola e seu Wilson recomendava que quando a professora chegava no grupo escolar toda a sua preocupação tinha de ficar fora da sala de aula, no portão, não se entra com o problema.

Dona Ivone, diz no final de sua entrevista sobre o Padilha e seu Diretor, Senhor Wilson : eu achava tudo isso muito certo, até hoje acho isso. *O Senhor Wilson era muito paternalista, muito amigo, nós gostávamos dele. Foram tempos muito felizes, somos amigas até hoje!*

¹² palavras textuais, sem preocupação com a nomeação do método.

DALMA SINISGALLI KALIL
ANTONIO PADILHA – 1962/1983

Confessa seu sonho, pois diz que, desde pequena, tinha vontade de lecionar, ensinar crianças. Dalma Sinisgalli Kalil

Dona Dalma é uma senhora alta, elegante e com porte altivo. Recebeu-me em seu apartamento na zona central da cidade, onde vive depois da morte de seu marido, Dr. Gelson Kalil, médico, eminente clínico geral e cardiologista, professor da faculdade de Medicina da PUC/SP, instalada em Sorocaba. Dona Dalma nasceu em Sorocaba, no dia 26 de dezembro de 1933, é filha única e perdeu o pai aos quatro anos e meio de idade, foi criada pela mãe, a quem teve muito apego.

Aos seis anos de idade entrou na Cartilha no Colégio Santa Escolástica, hoje, Instituto de Educação Santa Escolástica. Diz que começou a Cartilha conhecendo muito bem as letras e, no final do ano, estava completamente alfabetizada, seguiu seus estudos sempre na mesma escola e concluiu a Escola Normal Livre Santa Escolástica em 1951, tornando-se professora primária.

Confessa seu sonho, pois diz que, desde pequena, tinha vontade de lecionar, ensinar crianças. Morando na Rua da Penha, perto do Grupo Escolar Antonio Padilha, via as professoras passarem carregando os cadernos e os alunos que as acompanhavam e pensava que um dia ela faria a mesma coisa, talvez no Antonio Padilha, seu sonho viria a se tornar realidade.

Quando se formou, foi substituir no Grupo Escolar Genésio Machado, aqui em Sorocaba, após foi removida para o Bairro dos Farias em Araçoiaba da Serra, depois veio a Escola Maternal em Santa Rosália, Sorocaba, e Vila Elvio em Piedade.

Após dois anos de formada fez um curso de aperfeiçoamento no Instituto de Educação Barão de Suruí, em Tatuí. No ano seguinte, 1954, com uma boa quantidade de pontos, ingressou no Estado e foi lecionar em São João Novo, onde permaneceu por um ano e meio.

Depois foi removida para o Grupo Escolar Manoel Martins Villaça, em Mairinque. Quando chegou, conta-me emocionada, esse grupo escolar funcionava em salas espalhadas pela cidade, pois estavam terminando de construir o prédio novo. Depois de algum tempo, participou de uma festa linda, organizada pela diretora e as professoras para a inauguração do novo prédio escolar.

Nessa cidade, lecionou por quatro anos e meio, e, em 1962, foi transferida para o Grupo Escolar Antonio Padilha, veio pela legislação a qual contemplava a união de cônjuge, pois seu marido era médico do Estado. Naquele ano de transferência, indicou somente o Padilha, pois tinha muita vontade de lecionar ali e por ser bem classificada, conseguiu a vaga. Permaneceu no Padilha até 1983, quando se aposentou.

Dona Dalma não foi diferente das outras professoras entrevistadas, pois lembra que foram anos muito bons em sua vida, aqueles em que trabalhou no Padilha, pois fazia aquilo que gostava e ainda fez belas amizades, as quais conserva até hoje. Segundo todos os relatos, havia muito companheirismo na escola. Todos se davam muito bem, sempre houve bons diretores, e todos estavam unidos para fazer o melhor pelos alunos.

Dona Dalma lecionou, no Padilha, para as segundas séries, antes já havia lecionado para as terceiras e quartas séries, mas finalmente ficou só com a segunda série, lecionou para meninos, meninas e, ultimamente, já havia classes mistas. Ela relata com muita tranquilidade que os alunos do Padilha chegavam muito bem na segunda série, pois já estavam alfabetizados e fazendo as quatro operações, de modo simples (sem o vai 1) , mas sabiam bem essas quatro, daí em diante era só continuar o trabalho da primeira série.

Como ela lecionava na segunda série já não havia mais o diário de classe, como as outras professoras da primeira série. Nas séries a partir da segunda, era feito um semanário, onde as matérias a serem dadas na semana eram registradas do mesmo modo como seria ensinado, com todos os passos e exercícios e lições de casa. Lembra-se que houve um tempo que o diário valeu para todas as séries e mais tarde voltou ao que era antes, mas sempre, diz orgulhosa, as professoras faziam o que era pedido.

Recorda-se que houve um tempo no Padilha que houve uma orientação pedagógica, essa época que tanto incomodou algumas professoras foi a reforma da Lei 5.692/71, a qual unificou o Ensino Primário com o Ginásial, criando o Ensino de I Grau, mas dona Dalma diz que não teve problemas com isso, porque ela unia a orientação com a sua prática docente, pois, segundo ela, todas eram muito experientes, e se a orientação não desse muito certo, elas mesclavam com a prática usual delas.

Essa orientação parece não ter marcado muito dona Dalma, lembra-se de coisas esparsas como as instruções acerca de como elas dariam aula de leitura. Conta que as orientadoras um dia queriam leitura em coro, noutro só individual, assim como outros só com interpretação. Com relação à matemática, foi feito muito material, também tiveram de destrinchar a tabuada tudo com bolinhas e risquinhos, isso era interessante, a criança tinha de entender, mas completa que após todo esse serviço, acabavam mesmo era mandando decorar a tabuada senão não funcionava. Textualmente, diz: *isso foi engraçado, nós tentamos, alguma coisa funcionou, outras não. Para essas orientadoras faltava prática da sala de aula.*

Dona Dalma cita com muito confiança que a Escola Normal que formou a sua geração de professoras foi muito boa, segundo ela, as Escolas Normais preparavam o aluno para ser professor mesmo, depois, sua opinião é que houve muita teoria e pouca aula da prática do ensino. Lembra-se das estagiárias que ficavam com as professoras em classe, e se o diretor chamasse a professora titular na diretoria e a classe ficasse com elas, era o caos, pois não tinham controle, e as crianças não gostavam, elas não tinham jeito, e desabafa: *olha quer saber, até escreviam errado na lousa.*

Dona Dalma recorda-se que nunca teve problema com indisciplina, os alunos obedeciam bastante e havia amizade entre os alunos e professoras, mas, ao mesmo tempo, era mantida a disciplina, os alunos respeitavam, ou melhor, idolatravam as professoras, diz que nem sabe explicar a relação de carinho, mas acha que os alunos sabiam que eram muito amados. Salienta que qualquer pedido de silêncio ou para prestar atenção era atendido prontamente.

Fala da lição de casa, comenta que eles faziam tudo direitinho e outra coisa, frisa que mandava fazer a lição de casa e que corrigia, também alerta que não era muita lição, só que esse trabalho era corrigido, e, desse modo, o aluno sabia o que tinha feito e como deveria ter sido feito, isso era para ela um ótimo termômetro do andamento da classe, pois a partir disso sabia quem tinha assimilado e quem não. Lembra que chamava muito os alunos na lousa e tinha muita cobrança, acha que hoje já não tem mais essa cobrança, e isso fez mal ao ensino.

Seu reforço de aprendizagem era feito na lousa, todas as crianças iam à lousa para fazer exercício, recorda-se que na matemática, ela chamava a classe inteira na lousa, e que tinha muita paciência era quase uma aula particular. Salienta que essa prática só era adotada depois que ela conhecia bem a criança. Fala com

orgulho que a repetência era muito pequena, quase não tinha, também há de se convir que o Padilha era uma escola de elite.

Sorri com muito carinho quando se recorda das festas cívicas, diz que era um capítulo à parte. Relata que tinham aqui em Sorocaba uns desfiles, eram os jogos infantis. Então, esse desfile era um acontecimento, lembra-se que o Senador Vergueiro, o Visconde competiam muito com o Padilha. Por causa dessa competição, tudo era feito em surdina, ninguém contava o que estava fazendo, para preparar a festa, todos trabalhavam muito. Mostra um rosto muito juvenil quando se lembra que, numa ocasião, depois de todo esse preparo, choveu, quando chegou a vez do Padilha desfilar, e todos tiveram que sair correndo, foi engraçado e trágico.

Segundo todos os relatos, esse desfile de abertura dos jogos infantis era importante, pois as professoras acompanhavam todo o cortejo, junto com os alunos. Dona Dalma, faz uma pausa, recosta-se melhor na poltrona e diz: *Era gostoso, muito bom. Depois havia os jogos, as competições, mas daí eram os professores que treinavam os alunos que participavam.*

Os temas usados, nesses desfiles de abertura, eram cívicos, históricos. Dona Dalma recorda-se que teve uma vez, numa segunda série que ela resolveu fazer um caminhão com a 1ª missa rezada no Brasil. Bem, nessa encenação tinha o Frei Henrique Soares de Coimbra, e um aluno levantou e disse que ele seria o frei, ela concordou. Daí surgiu um problema, o cabelo do frei Henrique era apenas uma coroinha de cabelo em volta da cabeça. Ela não sabia como resolver esse problema, pois era fato que tudo tinha de sair perfeito, ainda havia a preocupação com a roupa e tudo mais. Um dia esse aluno, que seria o frei, disse-lhe que iria fazer uma surpresa. No dia do desfile, ele apareceu com o cabelo cortado como o cabelo do frei. Dona Dalma chama a minha atenção para que eu note como eles levavam a sério tudo que era feito nos desfiles. Segundo ela, os alunos se empolgavam com tudo aquilo e aprendiam sobre a História do Brasil, era uma aula.

A igualdade do relato quando se refere às festas cívicas é algo surpreendente, como não seria diferente com dona Dalma, ela cita que eram também muito bonitas, a preparação das poesias, dos cantos e das encenações era feita em conjunto entre alunos e docentes. As crianças eram muito solícitas em participar de tudo, mas sempre havia aquelas que gostavam mais de recitar, de tocar algum instrumento, mas seu Wilson queria que todas participassem, mas ainda

assim algumas queriam ficar de fora, mas eram encorajadas pelas outras, havia muito estímulo de todos.

Dona Dalma acha que essas festas eram importantes para essas crianças, pois davam a noção de civismo, de amor à pátria. Ela lamenta, mas tem a certeza que, hoje, ninguém mais sabe cantar o hino nacional. No Padilha de sua época era diferente, as crianças sabiam todos os hinos cívicos, as professoras cantavam com eles, e o culto à Bandeira era semanal. Lembrou-se também de dona Ordália que regia o coral da escola e ela ensinava canto orfeônico, tinha uma voz maravilhosa, todos gostavam muito dela. Enfatiza que é a favor de haver as festas cívicas, um pouco de patriotismo, fazer a criança amar a sua pátria, lamenta que o povo brasileiro não seja muito apegado à pátria.

Esse fato toca muito profundamente o emocional de dona Dalma, ela sorri, olha para o vazio de sua sala de visitas, e com o olhar perdido em suas emoções advindas de sua memória diz textualmente: *nossas crianças do Padilha sabiam todos os hinos, ainda tinha a aula de Educação Moral e Cívica que além de ensinar os hinos, ainda ensinava quem tinha escrito a letra e a música, os alunos copiavam a letra, cantavam se divertiam, ficavam felizes, gostavam de seu país*. É importante notar que dona Dalma, nesse relato, refere-se às aulas de Educação Moral e Cívica de dona Volda, que foram dadas a partir de 1980.

Com relação à poesia, dona Dalma, diz que só usava quando a ocasião exigia. Mas houve entusiasmo na hora de relatar suas práticas de redação, foi muito emotiva ao narrar as discussões dos alunos acerca do tema, diz que deixava as crianças falarem à vontade, depois é que elas elaboravam a composição. Diz que as crianças gostavam de escrever, nessa aula as horas voavam, nisso há um bom indicativo de aula prazerosa, o tempo psicológico flui de maneira incomum.

Sala de aula é lugar de muitas coisas acontecerem, com dona Dalma um marcou-lhe a memória. Diz ter sido muito engraçado. Ela estava grávida de sua terceira filha, e tinha muito enjôo, passava mal, e sua mãe aconselhou-a que colocasse uma bala na boca, pois isso iria aliviar um pouco meu mal-estar.

Sorrindo muito dona Dalma me conta e vale colocar seu relato na íntegra: *Bem, o seu Wilson proibia que se comesse qualquer coisa em sala de aula, eu então coloquei uma balinha na boca e ia dando a minha aula, lembro-me que era uma classe só de meninas (2ª série). De repente, olho em cima de minha mesa e estava*

cheia de balinhas que as meninas tinham colocado e todas estavam com bala na boca. Daí eu pensei – e agora?

Tive uma idéia, disse às meninas que todos poderiam chupar uma bala, mas nenhum papel de bala poderia ser deixado no chão, pois a limpeza da escola era nosso orgulho. E assim foi todas fizeram direitinho. E eu não podia proibi-las afinal o professor é o exemplo.

Com relação a trabalhar com meninos e meninas, dona Dalma achava que com as meninas era mais fácil, os meninos eram legais também, e nas classes mistas (já no final havia classes mistas) o problema da disciplina era um pouco mais complicado. Ela opina que trabalhar com meninas era mais tranquilo só isso, pois os meninos eram mais levados. Também a menina aprendia a ler mais rápido e elas se concentravam mais no que faziam, e os meninos eram mais dispersivos.

Com as outras professoras a relação era de muita amizade, coisa que dura até hoje, muito companheirismo, ela acha que isso ajudava no trabalho pedagógico, cada uma queria mostrar seu potencial, eram muito preocupadas em fazer tudo muito direito. Com relação ao diretor do Padilha, todas deram seu relato apenas sobre o senhor Wilson, outros foram citados, mas sem nenhuma menção que valha a pena narrar. Dona Dalma assim contou: *seu Wilson era uma farra, muito legal, gostava de disciplina. Alguém já contou que eram as crianças que limpavam a sala de aula? Seguinte,. Não tinha faxineiras e ele gostava de tudo em ordem. Bem, a gente era contra, mas ele queria que duas crianças fossem responsáveis pela limpeza, e olha, elas adoravam isso, gostavam, faziam direitinho. As vassouras ficavam atrás da porta.*

Dona Dalma é da opinião que a grande diretora do Padilha, era dona Luiza, a mulher dele, mas argumenta que quando seu Wilson ele dava seus gritos, ela também obedecia. Dona Dalma gostou de relatar sua experiência com o diretor e conto-me esse caso: *Eu tenho um caso para contar sobre eles. No Padilha, todas as classes eram voltadas para o pátio interno, eram as melhores classes, e eu estava já há 3 anos trabalhando nas salas de trás, escondidas, não muito ventiladas, lá no fundo, mas era a d.Luiza quem escolhia e nós não contestávamos. Um dia, quando eu dava aula, o sr. Wilson passou, olhou para a classe e me perguntou o que eu fazia ali. Claro, respondi que estava dando aula. Ele imediatamente chamou dona Luiz e falou que não era justo eu já estava lá atrás há muito tempo. E nessa mesma*

hora, minha classe foi mudada, fui lá para as classes de frente. Era assim a figura do sr. Wilson.



Sala de aula, dona Dalma com sua classe 1/6/1968
foto cedida pela professora Dalma.

Dona Dalma assim encerra seu relato sobre sua vida de professora e experiência profissional no Padilha, assim também ela nomeou carinhosamente a escola que foi um marco na cidade de Sorocaba, pela sua qualidade de ensino.

MARIA VALDIVIA ANGELI DE TOLEDO ALMEIDA
ANTONIO PADILHA - 1962/1978

Ensinava como pesquisar, que cada um fazia sua pesquisa e eles próprios faziam sua auto-correção, isso era muito valioso para o conhecimento novo do aluno. Maria Valdivia A. T.Almeida

Entrevistei dona Valdivia num sábado à tarde, confesso que fiquei admirada com a senhora ativa que me atendeu ao portão de uma elegante residência no bairro Campolim. Meus contatos anteriores com ela foram por telefone, nos quais eu tentei explicar, da melhor maneira, que eu estava fazendo um trabalho de pesquisa para o Mestrado da UNISO e havia escolhido o Grupo Escolar Antonio Padilha, por ter sido o primeiro Grupo Escola de Sorocaba, bem como pela importância que essa escola teve na cidade.

Como todo primeiro contato, os primeiros momentos foram cruciais, conversamos por alguns momentos, essa conversa deixa-me mais à vontade, é bem verdade que D.Valdivia não foi a minha primeira entrevistada, e, por conseguinte, ela já sabia do meu trabalho pela conversa com as outras professoras que compõem o universo dessa pesquisa.

D. Valdivia nasceu em Piracicaba no 01/03/1929, fez o primário e o ginásio em um colégio lá na sua cidade natal e, depois, a Escola Normal na Sud Munuci, uma escola famosa umas das primeiras fundadas no Estado de São Paulo. Mas confessa que sua intenção era fazer Medicina, mas seu pai não permitiu que ela saísse de casa para estudar na capital, mas diz orgulhosa que seus irmãos são médicos. Ela diz textualmente: *meu pai jamais iria permitir que eu fosse a São Paulo estudar, não era comum, naquela época.* Com relação a esse fato, ainda voltarei a discorrer.

Ela conta que concluiu um ótimo curso Normal com boas notas em Psicologia, Pedagogia e Didática que eram as que contavam pontos pra o ingresso no magistério. Tendo se formado em 27/12/1947, no dia 15/02/1948 já estava com uma escola. De que jeito? Essa escola pertencia a Capivari, mas ela tinha comunicação com Piracicaba, então para as professoras de Capivari era difícil, pois não tinha estrada. Um vereador de Piracicaba, que conhecendo seu pai, mencionou o fato de que gostaria de abrir uma escola na região, num bairro que se chamava Sítio Novo.

E deram essa escola isolada para a menina-moça Valdivia. Era fácil o acesso a essa escola, pois o ônibus passava em frente a sua casa.

Em pessoa, Valdivia foi para o bairro, coletou nomes de alunos, a documentação, a autorização dos pais, isso tudo no mês de janeiro de 1948, e no dia 15 de fevereiro já estava na escola e lecionando. E essa escola tinha uma ligação com a história de sua vida. As aulas foram dadas, temporariamente, numa sala da casa da fazenda. E essa fazenda havia sido do seu avô e ela ministrava suas aulas na sala onde era, no passado, o quarto de dormir dos seus avós maternos.

Nesse mesmo ano, começou o concurso de ingresso no Estado, com inscrição por Delegacia de Ensino, ao invés da inscrição geral, as professoras se inscrevia numa determinada Delegacia e concorria àquelas vagas. De início, ela não fiquei muito interessada, primeiro porque tinha sua escola, que da municipalidade, era certo que poderia perdê-la se mudasse a política, mas também sabia que o começo era só substituição. E levava uns dois ou três anos para conseguir carreira no magistério.

Porém a sua professora de Didática da Escola Normal encontrando-a na rua, seu nome era Laudelina Cotrin, excelente professora, e como ela sabia que Valdivia tinha tirado excelentes notas no seu curso normal, ela aconselhou-a que se inscrevesse no concurso. Quando, durante a conversa, com sua ex-professora, essa lhe perguntou se fazia conta de ir para longe. Porém, Valdivia argumentou que tinha uma tia que dava aula na Delegacia de Presidente Prudente. D. Laudelina ainda informou-lhe que essa Delegacia tinha muitas vagas, porque não contava com Escolas Normais na região e era ideal para que ela comesse.

Valdivia foi até lá e fez sua inscrição, havia 116 vagas e ela foi o número 120, inscreveu-se com as notas do diploma, e sua tia já estava substituindo, nessa delegacia, há dois anos para fazer pontos. Como a tia tinha mais pontos, escolheu dentro de Santo Anastácio. E quando a jovem professora viu sua classificação ficou desanimada. Pensou - *estou com minha escola aqui em Piracicaba e vou continuar aqui*. Terminada as inscrições e as escolhas, uma semana depois, veio a chamada novamente até o preenchimento das vagas, pois tinha havido muita desistência. Valdivia foi chamada, foi para lá, pegou uma escola de 2º estágio¹³, naquele tempo

¹³ Busquei a procedência desse 2º estágio, e não consegui fundamento legal, Dona Valdivia diz que era uma escola melhor localizada, com melhores acessos

tudo era muito difícil, mas ela era muito destemida (*palavras textuais*). Seu pai ficou horrorizado, como ela podia deixar uma escola que ficava a uma hora de sua casa e ir se aventurar pelo mundo distante.

O argumento foi que aquela (a escola de sua cidade) era uma escola municipal e mudando a política ela podia fechar e a outra era do Estado, o ingresso era segurança de carreira. Então foi para lá, e a primeira escola em que ingressou foi em Jaquaretê no município de Lepê, ao lado de Rancharia na barranca do Rio Parapanema, depois disso, ficou só quatro meses, pois ingressou em agosto e, no início de cada ano, havia a remoção, ela e sua tia foram juntas, para Mirandópolis, ficaram só um ano e foram removidas para Capivari na escola Morro Vermelho, depois foi a outra escola e lá ficou até se casar.

Seu marido conseguiu uma permuta para o Cartório de Votorantim e, desse modo, ela se inscreveu em todas as escolas de Sorocaba. Nessa ocasião, foi nomeada para Santa Helena, ficou quatro meses em Santa Helena e, no ano seguinte, iria ser removida para o Padilha, mas seu marido havia reformado a casa do cartório, onde ele era designado, eles moravam em Votorantim, então Valdivia não quis o Padilha e quis ficar no Pereira Inácio, foi um absurdo para muita gente que não a entendeu, a professora que foi ao seu lugar no Padilha deve ter adorado. Mas ficou em Votorantim quatro anos, quando foi removida para o Padilha em 1962, permanecendo até aposentadoria em 1978.

O Padilha, nessa ocasião, tinha como diretor o seu Wilson Ramos Brandão, um espetáculo de pessoa, segundo a depoente, e como diretor ele amava o Padilha, dava todas as oportunidades, e exigia um bom trabalho, olhava os diários de classe, diariamente, seguia tudo à risca. O Padilha, segundo suas palavras, funcionava que era um relógio.

Quando chegou ao Padilha foi designada para uma 4ª série de meninos, essa turma de meninos, hoje, é a elite de cidade, tem médicos, promotores, advogados, enfim todos se deram bem na vida. O Padilha era de elite. E quando ainda hoje se encontram com Valdivia comentam : *bem que a senhora falava que o futuro de Sorocaba estava em nossas mãos*. Valdivia conta com um largo sorriso, posto que, durante a entrevista, ao reviver seu passado de professora do Padilha, sua voz ficou embargada e as lágrimas teimavam em cair de seus olhos vivos e brilhantes. Isso porque num dia numa das composições dadas em aula o tema foi “O

que eu pretendo ser na vida” e daí foi nesse contexto, segundo ela, que feito esse comentário, como tema de composição.

Porém quando suas filhas tiveram idade escolar, elas iam para a escola de manhã, e Valdivia pediu mudança de horário no Padilha, queria pegar o período da manhã, e de manhã só funcionavam os 1º e 2º anos. Ela conta que a primeira série era meio rejeitada, pela maioria, porque alfabetizar é muito difícil, mas ela adorava aquela criançada, que em pouco tempo estava lendo e trabalhando.

No início de seu trabalho na primeira série, ela conta que ainda não se usava a cartilha Caminho Suave, também ela não se recorda o nome da outra cartilha, mas não era muito boa. Recorda-se que só um ano ela deu aula por essa cartilha, quando surgiu a Caminho Suave, achou mais de acordo.

Quando argüida sobre seu trabalho com a alfabetização, ela conta que sentia a necessidade da criança enxergar a palavra como um todo, mas a língua portuguesa é silábica e não adiantava querer só usar o método global e justifica: *olha, no Padilha eu devo ter lecionado umas 12 classes de 1º ano, aliás só lecionei 1ª e 4ª séries. Isso porque quando minhas filhas foram estudar à tarde, eu mudei de período e voltei a dar aulas na 4ª série. Acho que entendo um pouco de primeira série.*

Aqui a emoção toma conta de minha personagem. Seu filho, oito anos mais novo que as irmãs, entrou para o Padilha, e ela voltou para a 1ª série para alfabetizá-lo, infelizmente, ela não termina o ano como professora do Padilha, esse é o ano de sua aposentadoria. Que ocorreu em meados do mês de agosto daquele ano.

Segundo Valdivia, a Caminho Suave era muito boa, mas houve a temporada das orientadoras pedagógicas, do Ensino Renovado, algumas professoras fizeram um curso de especialização para a aplicação do método analítico. Era um ensino totalmente visualizado, memorizado ele funcionava muito bem para bons alunos, mas para alunos com mais dificuldade era uma lástima, eles trocavam letras, trocavam palavras, houve muita deficiência na escrita, eram os anos do remanejamento, onde se tinha de separar as classes pelos níveis de aprendizagem em A, B, C¹⁴, e D de acordo com o aproveitamento do aluno, as classes C e D eram as com mais dificuldades de aprendizagem, foram uns cinco ou seis anos. Alguns

¹⁴ Aqui o depoimento de dona Valdivia difere com o de dona Ivone, mas as demais confirmaram a equivalência dessas categorias

alunos progrediram, mas as professoras da época, isso aparecerá em outras entrevistas, chegaram à conclusão, que o Português é silábico e as palavras precisam ser aprendidas com a silabação.

Nesse método que foi introduzido, Valdivia se lembra da 1ª lição *Dudu vai à escola*, as professoras liam com os alunos. O passo seguinte era pôr na lousa a palavra Dudu e ir trocando as vogais e, com isso, formando novas palavras, para verificar se as crianças haviam visualizado, a partir de então é que se ia silabar a palavra, separando Dudu, escola, e havia muito trabalho auditivo. Quando se ia ensinar uma sílaba, então, era preciso fazer um trabalho oral com as palavras que começassem por aquela sílaba. Até então o trabalho era só lousa e os alunos ouvindo e pesquisando as palavras cujo som fosse igual. Enquanto eles iam falando as palavras a professora ia escrevendo: palavras com a sílaba **du** : **dú**vida, **dur**ante etc.

Valdivia esclareceu que esse método era muito estranho para ela, pois no primeiro mês aula era só período preparatório, só auditivo, com tudo que se punha lá na lousa e depois aquelas historinhas contadas para fazer os movimentos de coordenação motora da escrita, depois vinha a alfabetização. Ela ainda está citando o tempo do Ensino Renovado.

Porém, esclarece-me que, depois de uns tempos, começou a utilizar os métodos mesclados, utilizando a parte boa de cada um. A caminho Suave tinha uma parte boa, aquela parte de memorização das sílabas, depois que fosse dado umas três ou quatro vezes seguidas as mesmas sílabas, as crianças sabiam ler a palavra formada. Explicou-me que dava a palavra inteira para eles memorizarem a palavra, e, segundo ela foi o que sobrou do método das orientadoras. Depois eram explicadas as sílabas, como a palavra escola, a sílaba CO é a mais fácil, então ela dizia o CO é de Coca-cola, e repetia: *escola*; *coca-cola*, então ia formando as sílabas até que as crianças visualisassem bem, elas não liam silabando, liam a palavra inteira.

Disse-me que não se lembrava qual era a primeira lição, mas parece que era o Dudu vai à escola. Isso era memorizado inicialmente, mas se essa frase fosse ditada, nessa fase, elas não saberiam escrever. Mas quando se destacava a palavra Dudu e começava a explicar que para se falar Du-du abre-se a boca duas vezes, então, são duas sílabas. Como elas já tinham aprendido o **a** de **abelha**; **e** de **elefante**

e assim por diante, sempre com visualização da vogal com uma figura, pois assim era mais fácil. A partir daí era formar as palavras, usando o **da; de; di; do, du**.

É importante ressaltar o trabalho dessas professoras, cada uma usando sua criatividade. Valdivia levava quadradinhos de cartolina, com as consoantes e as vogais, com as letrinhas que seriam usadas em determinada aula. E convidava-os a juntarem as letrinhas para ver o que se conseguia formar de palavras novas com aquelas letras, e a cada vez se formavam mais palavras à medida que elas iam conhecendo outros grupos de palavras. Nesse trecho vale a pena transcrever a emoção da professora: *Ah! Elas copiavam as letras que levava recortadas em papel, copiavam em seu caderno, mas primeiro eles aprendiam com a minhas, ou seja, com as letras que eu levava. Olha, ia tudo tão rápido que era espantoso. Às vezes elas iam formando palavras com lições ainda não dadas, avançavam pela cartilha a dentro. Quando eu percebia, eles estavam lendo, mesmo coisas que eu ainda não tinha ensinado. Era incrível, eu ficava muito contente. Muito contente.*

Outro dado importante que colhi no discurso de minhas entrevistadas e com Valdivia, é claro, não podia ser diferente, posto que ela foi, em grande parte de seu tempo de trabalho no Padilha, professora de primeira série - era a chegada do Primeiro Livro (com letras maiúsculas a meu gosto) no final do mês de agosto, segundo elas uma festa. E essas crianças estariam lendo fluentemente. Havia uma comemoração para festejar essa data, um acontecimento, com poesias, cantos. Valdivia conta-me que ela já entregava os livros encapados e com o nome de cada aluno. A alfabetização durava um semestre letivo.

Com relação à sua aposentadoria, ela conta que foi quase que compulsória, algumas professoras começaram a fazer pressão para que quem tivesse tempo de serviço, que se aposentasse, pois estariam tomando o lugar de outras.

No ano de 1978, Valdivia estava dando aula numa primeira série, como já mencionado acima, ela estava alfabetizando o próprio filho, mudou seu horário para conseguir essa realização, e pretendia terminar o ano com ele, mas não foi possível, sua aposentadoria saiu em meados de agosto. Recordou-se que entrou com o pedido de aposentadoria no dia 02 de agosto e, logo em seguida, começou a trabalhar com o primeiro livro, na primeira semana de agosto, havia dado uma recapitulação da alfabetização. Ainda teve tempo de dar umas seis ou sete lições de

leitura antes de entregar a classe. Palavras textuais: *Olha, eu saí chorando da escola.*

Recobra-se da emoção de ter narrado esse momento e começa a explicar como era seu trabalho com as quartas séries. Recorda-se, que assim como as primeiras séries eram pouco queridas nas escolhas das classes, a quarta série, também, com o argumento de que o ensino era “puxado”. Mas Valdivia diz que não usava um ensino decorativo, foi assim que aprendera, quando estudara, que adorava pesquisa. Trabalhou com pesquisa em História e Geografia. Palavras textuais: *Olha, nós vivíamos para o Padilha, então, cada uma de nós procurava fazer o melhor, criar novos métodos para nosso trabalho.*

Comenta, nessa etapa da entrevista, que o Padilha, em si, tinha pouco material didático, eram as professoras que compravam o próprio material didático que sentissem a necessidade de usar. Conta com grande entusiasmo sobre seu trabalho de pesquisa, principalmente em Geografia, que confessou ser sua paixão.

Em certa feita, quando iniciou o trabalho com uma quarta série, começou a dar questões para eles responderem em casa. Foi um tumulto, não queriam, pois diziam que não sabiam. Mas, segundo ela, insistiu na pesquisa, disse que eles iriam procurar a resposta no livro, pois sabiam ler, escrever e tudo mais. Argumentou que, quando se resolve uma questão pesquisando, não se esquece mais e já estudou. Segundo seu relato, houve uma demora no estímulo aos alunos, porque, no começo, ela mesma pegava o livro, lia uma pergunta e dizia para que procurassem juntos a resposta no livro. Textualmente : *é claro, eu não respondia, apenas indicava onde estava o assunto, pois eram eles quem teriam de formular a resposta. Olha, eu precisava fazer isso apenas por uns 15 dias, a partir do que eles já faziam sozinhos, mas a correção era demorada, pois vinham muitas respostas. E eu selecionava na lousa aquela que havia ficado mais completa e todos copiavam, ou corrigiam suas respostas. Isso surtia um efeito muito bom.*

Com relação a esse seu método, conta que houve uma reunião de pais de uma quarta série, na qual o pai veio e perguntou-lhe qual era seu método, pois ele achava que somente a partir de suas aulas, o filho tinha começado a aprender e se interessar por geografia. Ela, então, explica a esse pai, que não soltava o assunto a esmo, que ensinava como pesquisar, que cada um fazia sua pesquisa e eles próprios faziam sua auto-correção, isso era muito valioso para o conhecimento novo do aluno, segundo seu relato e experiência em suas salas de aula.

O único material que ela dispunha para ensinar Geografia eram os mapas, e Valdivia tinha cartazes de regiões, era um calhamaço indicando a região do Brasil, por exemplo região norte e todos os rios, relevo, agricultura etc. Havia gravuras dessas regiões, pois naquela época não havia filmes, nem documentários que pudessem usar na escola.

Relato importante e interessante foi sobre as aulas de Português. Segundo ela os alunos de quarta série adoravam fazer redação. A eles era apresentada uma gravura, primeiro, eles eram argüidos sobre o que estavam vendo, sentindo, o que sentiam com aquela imagem, e eram sempre gravuras sugestivas. Ela se lembrou de um quadro que tinha uma menininha com cachorrinho no colo e ela estava chorando. Diz que isso marcou, porque um garotinho fez um texto lindo, contando a história de uma menina que havia ganhado um cachorrinho, e esse havia ficado doente. Seus relatos denotam a importância que ela dava à liberdade para eles escrevessem e criassem. Todo esse trabalho realizado em classe era trazido para sua casa, para a correção.

A composição era feita numa folha avulsa, e quando corrigida, ela era passada a limpo no caderno de classe, e quando se fazia a correção do caderno, às vezes, ainda se achava algum “errinho”. Havia um método de correção em classe, o aluno lia seu trabalho em voz alta e, assim, eles percebiam o próprio erro e iam fazendo a correção, e, segundo ela, ia andando pela classe e supervisionando esse trabalho. Também aproveitava essa correção para fazer novas concordâncias, novas frases, e assim dava aulas de gramática aplicada ao texto.

Quando questionado sobre indisciplina na classe, disse-me que havia sim, mas que se houvesse muito trabalho, deixando os alunos sempre ocupados, não dando chances para eles vagarem em classe, a disciplina era mantida.

Havia, segundo ela, alguma repetência, mas pouco, Na alfabetização praticamente não havia, mas na quarta série tinha, porque havia aluno que trazia defasagem desde a primeira série e, quando chegava na quarta a repetência acontecia, esse aluno não conseguia ir adiante. Com essa questão ela se recordou de um caso. Textualmente : *Eu tive um aluno na primeira série, Kinoshita, que havia sido um espetáculo, muito esperto, aprendia tudo. Quando eu o encontrei novamente, agora, na quarta série, ele tinha muita dificuldade na escrita, trocava letras, não rendia. Fiquei muito preocupada e pedi que chamassem a mãe dele. Sabe o que estava ocorrendo? Ele estava sendo alfabetizado em japonês, e estava*

misturando tudo. A mãe concordou comigo, e achou que era melhor que ele aprendesse melhor o Português e então fosse alfabetizado no Japonês. Isso feito, em menos de um mês, ele recuperou toda a sua aprendizagem.

As festas cívicas, é o que falta hoje nas escolas. Diz Valdivia com muita ênfase, pois em seu relato conta como esse tema era tratado no Padilha. Antes de começarem as aulas, havia o canto; uma vez por semana, o culto à Bandeira no pátio interno. Cada classe, uma vez por semana apresentava alguma atividade, nesse rodízio, uma vez por mês sua classe apresentava algo.

Nesse final de relato não seria justo uma interferência na narrativa dessa professora ao recordar o tempo em que fez aquilo que gostava e amava eis a íntegra: *E falo sempre que se eu tivesse de recomeçar, seria professora de novo, então, às vezes, eu até agradeço meu pai por não ter deixado eu fazer Medicina, mas era a vontade de fazer alguma coisa para o próximo, eu tenho uma formação muito religiosa, de família, mamãe, me educou assim. Então sempre pensando no próximo, havia crianças que tinham dificuldade no aprendizado e, para essas, eu dava aulas particulares na minha casa, sem cobrar nada, principalmente, na alfabetização, eu queria era trazer as crianças no mesmo nível de aprendizagem, pois facilitaria para mim também.*

Eu fui feliz no Padilha, muito feliz!

EUNICE RODRIGUES
ANTONIO PADILHA - 1963/1982

Nunca fui contra essa ou aquela religião. Também nenhuma mãe reclamou de minhas aulas, mesmo que elas fossem de outra religião, minhas classes eram cheias. Isso estimulava a humanização da criança. Eunice Rodrigues.

Dona Eunice foi a última professora a ser entrevistada. Mulher de fala baixa e rosto tranqüilo. Nascida em Itapetininga, em 23 de julho de 1934, fez sua Escola Normal na famosa Peixoto Gomide¹⁵, em Itapetininga, porém me conta que não pretendia ser professora primária, pois seu forte era Educação Física, sua paixão era a quadra. No entanto, não teve condições de fazer faculdade, pois seu pai precisava do dinheiro de seu trabalho como professora, foram tempos difíceis. Com seu diploma de professora, fez um curso de aperfeiçoamento, e em seguida pegou uma classe, lá em Itapetininga mesmo. Era uma escola municipal, ficou lá quase quatro anos. Ingressou no magistério em 1956.

Em 1960, escolheu ser removida para Itapevi, onde ficou dois anos, depois foi removida para Salto de Pirapora por mais dois anos e de lá, em 1964 já veio para o Padilha, onde se aposentou no final de 1982, foram quase 20 anos de Padilha.

Conta-me emocionada que tinha paixão pelo Padilha, quando se aposentou saiu chorando de lá e assim foi com as suas colegas que se aposentaram na mesma época. Pensa um pouco e me diz que as crianças eram muito educadas, as colegas muito acolhedoras, enfim tudo andava muito bem nessa escola.

Dona Eunice sempre lecionou para as 3ª e 4ª séries, meninos e meninas e mistas, foram mais classes mistas e eram numerosas em torno de 40 alunos, sozinha era difícil, mal dava tempo para ela tomar um cafezinho, o qual era servido pelas serventes na porta da sala de aula. Aqui, minha memória dos tempos de estudante de 1ª série é evocada, pois minha professora, dona Dalmira, veio-me à mente tomando um cafezinho à porta da sala de aula. Uma curiosidade, eram as professoras quem pagavam o café.

Lembra que trabalhava aos sábados, tinha uma substituta na classe, mas não havia muito interesse delas na aula. Era um trabalho danado, trazer os cadernos para serem corrigidos em casa, não foi tarefa fácil.

¹⁵ Logo após a Proclamação da República, Itapetininga recebe a 1ª Escola Normal do interior do estado de São Paulo, Sorocaba, por razões políticas, só iria ter sua Escola Normal em 1929.

Com relação ao modo como ela dava aula, a tabuada era cantada e os alunos aprendiam tudo direitinho, adoravam cantar a tabuada. Elas saíam da 4ª série com a tabuada na cabeça, lembrança saudosa, posto que era muito bonito, também faziam as quatro operações tranquilamente.

Em Português, ela esclarece que trabalhava muito a diferença entre uma descrição e uma narração, e eles sabiam muito bem preparar os textos, quase todo dia era pedido um pequeno texto, mais a gramática, apenas o elementar. Liam bem, sabiam interpretar o livro de leitura, também sabiam usar o parágrafo, usavam os pontos de exclamação e de interrogação bem direitinho.

Vale anotar que dona Eunice falou comigo, e com ela, houve apenas uma entrevista, sentada em uma poltrona, e ela falou o tempo todo com o olhar perdido num canto qualquer de sua sala de visitas. Quem a visse, tão compenetrada e falando muito baixo, diria que estava pensando alto.

Nesse trecho, ajeita-se na poltrona, fala do tempo em que lecionava religião. Dona Eunice é evangélica, sua aula de religião era na sexta-feira, e ela ficava com as crianças que não eram católicas e ensinava as histórias bíblicas usando um flanelógrafo. Fala, agora, mais alto, emociona-se, e conta que, o mais estranho, era que as crianças não queriam sair de sua aula para ir à aula de sua religião, de outra professora católica, pois gostavam do modo como ela ensinava as histórias da Bíblia, esclarece que era somente o básico. Textualmente: *Nunca fui contra essa ou aquela religião. Também nenhuma mãe reclamou de minhas aulas, mesmo que elas fossem de outra religião, minhas classes eram cheias. Isso estimulava a humanização da criança.*

Quanto aos materiais usados em sala de aula eram comprados por elas, havia precariedade desses materiais e nem tinha aqui na cidade, vinha de fora, de São Paulo.

Sempre que a direção do Padilha foi lembrada, foi o professor Wilson o citado, os outros não marcaram a memória delas, mas dona Eunice comenta que ele era muito bom, exigia muito, o pátio da escola era muito limpo, ele chegava até a entrar no banheiro da professoras para examinar a limpeza, mas ela nunca teve nenhum problema com ele. Mas era grande o apoio para os docentes por parte da diretoria.

Como as outras entrevistadas, dona Eunice gostava muito do Culto à Bandeira. Conta que ensinava todos os hinos para as crianças, além do que as

letras dos hinos eram recitadas, aqui um comentário que me deixou muito curiosa, as professoras interpretavam em classe explicando os significados de cada verso. Explico minha curiosidade, os hinos nacionais são todos escritos em ordem invertida de sintaxe e regência, estilos muito rebuscados, imagino o trabalho que isso dava o hino Nacional, da Bandeira, da Independência e da República eram cantados todas as semanas.

Lembra que para haver silêncio na classe, tinha de manter os alunos ocupados, o trabalho com eles era contínuo, o tempo todo, e, com isso, ficavam quietos, mas a professora não sentava um minuto. Mas ela não se lembra de ter tido problemas com aluno.

Mas vale colocar textualmente dois casos: *Eu tive um ano uma aluna com problemas de saúde, ela desmaiava na classe e isso causava um pouco de tumulto, mas não tinha o que fazer a não ser tentar contornar o problema. Também teve o caso do Bento. Esse menino era um problema, era indisciplinado e ninguém mais o queria e ele veio para minha classe.*

Bem, eu não tive opção, coloquei o Bento ao lado de minha mesa, e disse-lhe que ele seria, daquele dia em diante, meu auxiliar, era ele quem apagaria a lousa, levaria as comunicações para a diretoria. Ele adorou e nunca me deu nenhum trabalho, acho que ele queria somente atenção.

Lembra-se que a repetência era pequena, não havia muito não, numa classe com 40 alunos eram mais ou menos seis ou sete alunos retidos. Também faz menção aos exames que vinham prontos da direção e as professoras somente aplicavam.

A grande dificuldade no Português, para ela, eram os verbos, tanto na terceira como na quarta série, mas, segundo ela, os alunos escreviam bem, muito bem e gostavam de escrever. Sua preferência era ensinar Matemática e Português, principalmente, a redação. Usava gravuras e as crianças adoravam escrever sobre elas. Ela fazia as crianças irem formando as histórias e ia colocando na lousa e, com isso, ensinava a fazer o parágrafo, bem como os sinais de pontuação. Em outras ocasiões, elas faziam o texto sozinhas, isso variava conforme a necessidade de ensinar algo. Considera isso importante, porque as crianças aprendiam mesmo.

Os desfiles do 7 de setembro, era uma preparação imensa, com carros alegóricos, fanfarra, lembra que elas trabalhavam muito, mas era gratificante, mas em relação aos jogos infantis diz, inicialmente não se lembrar, mas depois de alguns

segundos, vem à sua memória que era a Dona Meire quem fazia os carros alegóricos, ela gostava disso, muito. As festas juninas eram ótimas, ela adorava. A festa da entrega do livro era um acontecimento, no final de agosto. Todos os alunos participavam dessa festa, era importante para todos. Era uma alegria ver a criançada receber o livro. E o mais impressionante – elas sabiam ler mesmo.

Lembra-se de mais uma coisa com relação ao seu Wilson, conta que ele cuidava muito da alimentação das crianças, as merendeiras faziam coisas muito boas, para as crianças da *caixa escolar*, principalmente, as sopas. Era um cardápio variado. As crianças pobres eram bem alimentadas, mas eram poucas as crianças com poucos recursos, o Padilha era uma escola de elite.

O senhor Wilson, comenta com entusiasmo, deixava as professoras a vontade para trabalhar a parte pedagógica, ele era muito enérgico com a limpeza, a disciplina, os horários, com ela nunca houve nenhum incidente, nunca entrou na sua classe ou assistiu a uma aula sua. Ela tem hoje a sensação de ter feito um bom trabalho. Textualmente: *eu acho que dei conta do recado lá no Padilha. Lá tudo era tão bom. Foram bons tempos, felizes!*

NEIDE CARRIEL MINELLI
ANTONIO PADILHA - 1964/1988

Você já imaginou a criança aprender a ler e escrever com você, é um sentimento delicioso. Eu sempre quis muito a primeira série. Neide Carriel

Essa entrevista aconteceu numa sexta-feira à tarde, no mês de julho, e eu quase passo de entrevistadora à entrevistada, como já explanado anteriormente, meu primeiro contato com as ex-professoras do Antonio Padilha foi com a professora Maria de Lourdes Fleury, a qual abriu-me sua agenda pessoal e foi elencando suas amigas. No entanto, no caso de Dona Neide, foi um pouco diferente, quem me passou seu telefone foi Dona Meire. Recebi um nome e um telefone de uma professora chamada Neide Minelli.

Primeiro contato telefônico, como já havia feito com as demais integrantes da pesquisa e um encontro marcado. Como em todas as entrevistas, tentei ser britânica em minha chegada. Porta abrindo e meu susto... estava diante de minha professora de Psicologia da Educação, do meu Curso da Escola Normal do Getúlio Vargas. Ambas espantadas e saudosas, um bom começo, pois meu passado como aluna foi meu passaporte.

Dona Neide começou explicando que seu nome é Neide Carriel Minello e não mais Minelli, pois devido a uma pesquisa, a família do marido descobriu-se Minello e não mais Minelli. Eu sempre a conheci pelo nome de solteira, ou seja, Neide Carriel. Professora muito elegante, cheia de vida e excelente profissional, nascida em Dois Córregos, no dia 27 de junho de 1931, onde estudou até a segunda série do Grupo Escolar. Depois, veio a Sorocaba e foi matriculada no Padilha. Orgulhosa me diz textualmente: *é, fui aluna do Padilha, terminei o Grupo Escolar lá*

Terminado o Grupo Escolar, foi fazer o curso ginásial no Estadão, entrou prestando o exame de admissão (isso existia antigamente para entrar no ginásio). Quando terminou o ginásio, a família foi para Santos, devido a um problema de saúde de seu padasto, que tinha tido derrame, e o clima de Santos favorecia a saúde dele.

Em Santos estudou no Colégio São José das Irmãs do Patrocínio, era um colégio de freiras. Relata que adorava o colégio das freiras, o qual, segundo ela, era ótimo, lá fez a Escola Normal. Criou raízes nessa cidade, ainda hoje ela vai todo

mês a Santos a se reunir com as ex-colegas do Colégio São José. Alegou ser obrigação sagrada para ela.

Depois de formada em Santos, voltou a Sorocaba, já era 1954, e Dona Neide fez o vestibular para a Faculdade de Filosofia (hoje UNISO), no curso de Pedagogia. Em 1955, no segundo ano de faculdade foi convidada para lecionar Psicologia da Educação na Escola Getúlio Vargas, então lecionou no Getúlio desde 1955 até 1983.

Na sua festa de formatura na Filosofia, foi feita uma festa maravilhosa, pois foi a 1ª turma de Pedagogia, e ela ressalta que foi um movimento popular de sorocabanos, no qual ela estava incluída, que trabalhou para que o curso fosse instalado, entre esses, estava Aluísio Vieira, inclusive lembra que tudo foi filmado em vídeo, pois as primeiras filmadoras estavam chegando ao Brasil.

Casou-se em 1961, depois de formada, e já estava lecionando no Getúlio, quando, devido a uma nova legislação, na qual quem era formado em Pedagogia podia escolher cadeiras primárias em primeiro lugar, Dona Neide candidatou-se a uma vaga, e escolheu uma cadeira em Piedade. Nessa altura de seu relato, esclarece que foi uma loucura, pois lecionava no Getúlio à noite e, durante o dia, na escola primária em Piedade, isso durou quase dois anos. Depois de lá, foi removida para George Oeterer, então, como era mais perto e ficou mais fácil para eu ir e vir todos os dias. Isso, segundo ela foi muito corrido, pois sempre lecionou na Escola Normal do Getúlio, porém diz que lecionar no primário era uma coisa muito boa. Como sempre, minhas entrevistadas, mostraram-se inovadoras, para aquela época, e dona Neide não foi diferente e, mais, fazia intercâmbio, levava as alunas da Escola Normal para as classes da escola primária e trazia, também, as crianças para Sorocaba.. Alegremente diz que todos adoravam.

De George Oeterer veio para Sorocaba, lecionando na escola Quinzinho, fui removida novamente, pois naquele tempo a remoção era anual, e do Quinzinho ela veio para o Padilha em 1964, nessa época já tinha dois filhos, um casal.

No Padilha, só deu aulas para os meninos, diz que adorava os meninos, mas me explica que tudo funcionava da seguinte maneira, as professoras escolhiam as classes pelos pontos que tinham, então para ela sempre sobravam os meninos, ela escolhia depois das demais pela sua pontuação, assim foi se apegando aos meninos e gostava de dar aula para eles. Mas teve uma vez que pegou uma classe de meninas, só essa vez, era à tarde. Divaga, pensa para continuar a falar e diz

textualmente : *mas eu tenho uma satisfação muito grande, pois meus meninos hoje são promotores, juízes, personalidades da cidade e da região, olha eu tenho ex-alunos em todas as profissões. Eu tinha um carinho especial pelas crianças, a gente se apegava. Um caso curioso, um dia tocou a campainha de casa e quando fui atender era um rapaz trazendo um convite para a formatura dele do curso de Medicina. Ele tinha sido meu aluno no Padilha, era o Miguel Soeiro, hoje grande médico da cidade. Sabe, eu fiz questão de ir à festa, foi gratificante, ver como eu tinha sido lembrada.*

Para ensinar os meninos usava sempre uma prática de jogos, diz que chamou isso de *ensino misto* e fazia do começo ao fim da aula só um assunto, uma aula temática, o qual era relacionado à Matemática, Português etc., desse modo, dava aulas inteiras com esse tema e diz que os meninos gostavam muito, e as três horas passavam voando.

Relembra que seu último ano no Padilha, lecionou para uma classe de 1ª série, diz ter adorado. Vale, nesse ponto colocar as palavras textuais de dona Neide: *Você já imaginou a criança aprender a ler e escrever com você, é um sentimento delicioso. Eu sempre quis muito primeira série, mas nunca tinha tido a oportunidade de escolher, pois eu só podia lecionar de manhã, por causa das aulas do Getúlio. Com essa classe, eu fiz uma bandinha para comemorar quando eles receberam o 1º livro de leitura, e com essa classe, também, no final do ano, eu fiz uma representação do presépio do menino Jesus.*

Relata que nessa classe de 1º ano, usou a cartilha Caminho Suave, também alfabetizou por silabação, mas usou também outros métodos, como o global, aliás, diz que tentou usar todos os métodos que conhecia, pois achava que só soletrando não dava muito certo. Como era Pedagoga, tinha outros conhecimentos, usou tudo o que sabia. Mas desabafa: *Agora, criança aprende, não importa o método.*

Conta-me que nessa época do Padilha, todos os professores eram muito conscientes, cumpriam com suas obrigações. Alega que todos sabem o que é certo e errado ninguém precisa ser avisado. Diz uma máxima : *o bom aluno tem sempre bons professores e o para mau aluno, o professor não serve nunca.* Esclarece que para quem não se interessa, o professor é exigente demais, chato demais, não ensina, não tem paciência. Diz-me que trabalhou com muita coisa, tem experiência com o ser humano. O fato de ter dado aula de Psicologia ajudou-a muito a trabalhar com as crianças do Padilha. Porém esclarece que não se indispunha com outros

colegas, caso discordasse de seus métodos, cada uma fazia seu trabalho se fosse preciso ajudava.

Também relembra das festas cívicas, diz que sempre achou importante a parte do culto à Bandeira. No Padilha, todas as comemorações eram feitas no pátio interno. Todas as datas eram lembradas na escola. A criança era educada para ter orgulho de sua Pátria. Isso foi uma tônica em todos os depoimentos.

Com relação ao diretor senhor Wilson, comenta que ele era um homem muito bom, incentivava muito as professoras, tinha também suas coisas esquisitas, mas o Padilha sempre andou sozinho. O seu Wilson tinha a esposa dele, Dona Luiza, que era sua auxiliar de direção. Ele morava numa casa que dava fundos com o Padilha e criava, ali, galinha, porco, galo de briga. Ele era muito presente na escola, estava lá todos os dias, mas como várias das entrevistadas alegaram que era dona Luíza, a esposa, quem dirigia o Padilha, com mãos de ferro. Quando as professoras chegavam o diretor já estava lá. Dona Neide encerra sua entrevista como as demais, pois tem lembranças muito boas de seu tempo de professora primária. Diz que foi feliz trabalhando no Padilha.

ELZA BERTAZINI BRACHER
ANTONIO PADILHA - 1969/1976

Meu pai, tendo apenas concluído o 3º ano primário, era um grande incentivador para que eu estudasse, mostrou também o valor da leitura, incentivava muito a minha leitura com fascículos que ele formava com recortes de jornal. Elza Bracher

Dona Elza nasceu em Sorocaba no dia 30 de dezembro de 1927, filha de Atílio Bertazini e Christina Rosa Bertazini, teve apenas um irmão, Ezio. Durante sua infância, morou na rua Dr. Braguinha (centro da cidade), onde, junto com outras crianças, brincava de amarelinha, pular corda, corrida e até de cirquinho.

Freqüentou o Grupo Escolar Visconde de Porto Seguro, teve como professoras: Virginia Lopes de Mello, Maria Samarco, novamente Virginia e Almira Verano.

Fez o curso ginásial no Estadão e depois o curso Normal no Getúlio Vargas, de onde saiu professora em 1946. Durante esses anos de estudante, gostava e participava das aulas de Educação Física (inclusive participou durante os jogos abertos do interior em 1943 de corrida e salto em extensão), também participava do coral gostava de música, também participava das festas de comemoração histórica.

Conta, de maneira orgulhosa sobre seu pai, diz que tendo concluído apenas o 3º ano primário, era um grande incentivador para que ela estudasse, pois dizia-lhe *“Se um dia precisar ajudar alguém : seu diploma vai ser seu marido”*; mostrou-lhe também o valor da leitura, incentivou muito a leitura da pequena Elza com fascículos que ele formava com recortes de jornal.

Começou como professora, substituindo no Grupo Escolar de Mairinque até junho de 1948, quando ingressou no Magistério Estadual na escola isolada da Colônia Brasileira, município de Maracai, onde permaneceu até fevereiro de 1952.

Em 1949, casou-se com Sebastião Alberto Bracher, moraram em Maracai, lá nasceram duas de suas filhas Elza e Laura Cristina. Dela, foi removida para a escola isolada do bairro Avecuia, município de Porto Feliz, onde permaneceu até janeiro de 1956; ali nasceram as filhas Elisabeth e Sonia Regina. Dona Elza mostrou-se durante as duas entrevistas que fiz com ela, ser uma mulher de grande garra e força de vontade, disse-me que levava todos os dias, ao trabalho, as filhas para poder amamentá-las, pois ficava o dia todo na escola, só retornando à sua

casa à tarde. Esse fato foi confirmado por outras colegas de trabalho, que a viam com grande admiração pela luta que enfrentou em sua jornada de trinta anos de magistério.

Contou-me que quando ainda lecionava no bairro Avecuia, em Porto Feliz, um dia, durante uma visita à escola do Inspetor Escolar Pascoal Visconti, ele encontrou sua filha Sonia dentro de um caixote com um colchãozinho de palha, isso era sua rotina para poder criar seus filhos, ao todo, seis.

Em 1956, quando foi removida para o bairro Cajuru, município de Sorocaba, nasceu seu filho Alberto. Em agosto de 1957, foi para o Grupo Escolar Comendador Pereira Inácio, em Votorantim, onde permaneceu até 1969, vindo, então, removida para o Grupo Escolar Antonio Padilha.

Em seus relatos, dona Elza, deixa transparecer o orgulho que teve ao criar seus seis filhos, e toda a trajetória de suas memórias é permeada pelo nascimento de cada filho. Em 1958, nasceu a filha caçula Lígia; o diretor, nessa época deixava-a amamentar a menina antes de começar a dar aula.

Conta também que com muito sacrifício, suas crianças fizeram o curso primário no Getúlio Vargas, passando depois para o Estadão, é preciso que se anote que essas duas escolas mais o Achilles de Almeida eram a continuação natural dos estudos para quem fosse fazer o curso ginásial e depois o colegial.

Dona Elza foi uma lutadora, seu marido como ferroviário trabalhou em São Paulo e, depois, veio removido para Sorocaba, trabalhando como escriturário no almoxarifado, morreu em 1980. Sozinha, dona Elza formou seus filhos como conta: Elza e Laura Cristina se formaram professoras, fizeram o curso de Pedagogia e Administração Escolar, na UNISO, já são aposentadas. Elisabeth e Sonia Regina fizeram o curso de Administração de Empresas; Elisabeth trabalha como corretora de imóveis e Sonia na Telefônica. Alberto não estudou muito, mas por concurso é hoje funcionário do Presídio de Aparecidinha, trabalhando na parte de cadastro.

Lígia é formada em Tecnologia de Alimentos, trabalhou muitos anos implantando restaurantes industriais e, atualmente, está morando na Venezuela, a serviço. Tem dezoito netos e três bisnetos. Duas netas já se casaram e são formadas em Tecnologia da Saúde, Eliana e Taís formaram-se em Terapia Ocupacional; Maurício é casado e formado em Marketing e Propaganda.

Esse esforço que tanto orgulha dona Elza foi reconhecido por suas colegas do Padilha, e dona Elza textualmente relata: *com muito esforço, depois de 22 anos,*

pagando aluguel, consegui , através do BNH, a casa onde moro desde novembro de 1970.

Trabalhou no Antonio Padilha entre agosto de 1969 e julho de 1976, quando se aposentou, deu aulas para 1º e 2º anos. Usou para alfabetização nas escolas isoladas a cartilha da Helena Ribeiro São João e nos grupos escolares a cartilha Caminho Suave.



Turma de 1975 – Dona Elza (penúltima turma antes de sua aposentadoria)

Relata que quando usou a cartilha da Helena São João, essa tinha uma parte que treinava a coordenação motora da criança, pois algumas nem sabiam como pegar no lápis; já na parte das sílabas tinha letras de forma e letras cursivas. Já no grupo escolar passou a usar a Caminho Suave que estava em moda, na sua opinião, a Caminho Suave era mais ou menos como a Helena São João, só que não tinha a parte de coordenação motora.

Lembra do preparo diário das aulas, e como era feito o registro em livro próprio chamado de “Diário de Classe”, o qual era um caderno no qual a matéria era registrada como seria dada realmente, ou seja, isso era uma cópia fiel de cada aula dada. Orgulhosamente, conta que enfeitava o diário, era muito bonito, diz que foi muita perda não ter guardado nenhum. Porém, com Dona Valdivia eu consegui um

exemplar desse trabalho das professoras primárias, o qual será analisado nas considerações finais desse trabalho.

Lembra de como preparava a aula com a dificuldade a ser trabalhada, punha na lousa, com letra de forma ou cursiva, os alunos copiavam, fazia ditados com as palavrinhas, usando as sílabas que eles já conheciam. Nesse ritmo, havia, também, uma parte de matemática com o ensinamento dos números, depois vinha a tabuada, após algum tempo vinham os probleminhas para as crianças resolverem; o enunciado do problema era colocado na lousa, os alunos copiavam e resolviam.

É interessante anotar a preferência de cada professora, a Dona Elza, deteve-se muito na explicação do ensinamento da Matemática e na Alfabetização, mas apenas cita as aulas de História, Geografia e religião, às sextas-feiras, havia o canto e alguma poesia pequena.

Tônica de todas as entrevistadas, o culto à Bandeira era realizado, segundo Dona Elza, aos sábados, mas se recorda que houve um tempo que era às quintas-feiras. Contou-me que, muitas vezes, eram ensaiados cantos dentro das classes e apresentados no pátio. Como ela não tinha muitas habilidades com canto, quem ensaiava sua turma era professora Ordália, do canto orfeônico. Cada classe apresentava alguma coisa, mas no geral eram os hinos cívicos, ou quando havia alguma data comemorativa específica como o dia da Bandeira, daí, sim, era preparado algo para essa data. As crianças sabiam todos os hinos cívicos, elas realmente sabiam cantá-los, foi veemente nesse depoimento, mostrou-se orgulhosa com essa afirmação.

Na questão da disciplina na sala de aula, ela se considerava um pouco rigorosa, diz que sem silêncio, não se pode explicar nada, quando começava muito a “baguncinha”, ia perto do aluno e mandava-o ficar quieto, mas nunca houve grandes problemas como hoje, e lamenta saber que, atualmente, há aluno armado indo à aula.

Quando o assunto foi a repetência, ela abre um sorriso e diz que não era grande, a não ser aquela turminha que ficava na sessão mais fraca e demorava mais para aprender e, às vezes, não conseguia, e ficava em torno de cinco ou seis numa classe de quarenta alunos. Lamenta lembrar que dificuldade na aprendizagem existia, mas sem muita pressa, dando muito dever de casa e ficando três ou quatro dias numa mesma lição eles aprendiam.

Dona Elza era, basicamente, professora de 1ª série, e, por isso, para ela a festa da entrega do 1º livro era um acontecimento, assim como era para as outras que lecionaram em outras séries. Com emoção, lembra que eram preparados cantos, poesias, era uma cerimônia, e era muito importante para os alunos, esperavam com ansiedade, principalmente, aqueles que já sabiam ler e já tinham terminado a cartilha e todas as dificuldades, assinala em sua fala que a nossa língua tem muitos obstáculos. Já os que ainda não tinham terminado a cartilha e, por isso, não pegavam o livro, agora, tinham pressa em terminar para poder pegar seu livro, sem festa.

No entanto, ela não se lembra de que esse fato tenha constituído um elemento traumático para esses alunos, segundo ela, isso valia, sim, como reforço de aprendizagem. Textualmente: *Sabe isso era um estímulo, as crianças não encaravam como negativo, e havia muito esforço por parte delas para superar as dificuldades e chegar ao livro, era um ritual de passagem dentro da 1ª série.*

Saudosista, hoje, percebe que as crianças não prestam atenção em muita coisa, estão sempre dispersas, comenta que teve alunos em escola isolada que não sabiam nem mesmo pegar no lápis, mas chegavam ao final do ano sabendo ler, escrever, fazer continha, resolver problemas, cantavam, sabiam desenhar e um pouquinho de História e Geografia.

Finalizando a entrevista de Dona Elza, ela me mostra seus trabalhos manuais, faz muito tricô e crochê, diz que lê os clássicos da Língua Portuguesa, bem como os best seller da atualidade, a leitura é um passatempo muito agradável para ela. É muito informada e atualizada, ainda, tem habilidades na arte da costura. Diz como última fala, que foi muito feliz enquanto trabalhava no Padilha, sentia-se realizada com a profissão de professora, apesar de toda a luta árdua que enfrentou, falou-me orgulhosa de suas conquistas e a criação dos seis filhos.

Desde 1987, há 19 anos está casada com Cid Odin Arruda, cujos pais José Odin Arruda e Jordina Amaral Arruda era professores do Grupo Escolar Antonio Padilha. Cid foi aluno do Padilha e foi alfabetizado pela mãe, dona Jordina.

**MARIA DE LOURDES COELHO FLUERY
ANTONIO PADILHA - 1969/1987**

O orgulho do professor não é um orgulho bobo é, sim, de alguém que fez algo muito importante, de saber que você contribuiu para que uma pessoa progreda na vida. Maria de Lourdes Fleury

Dona Maria de Lourdes Coelho Fleury, nasceu aos 6 de agosto de 1928, em São Jose do Rio Preto, seu pai era fazendeiro, a família era proprietária da Fazenda Cruzeiro, seu pai era dentista também, mas preferiu ser da terra, sua mãe era de Três Corações. Foi na fazenda que estudou na escola primária, recorda-se que era uma escola muito boa.

O curso Ginásial e a Escola Normal, fez um colégio interno em São Paulo, conta-me que nessa época fez amizade com a filha do ex-governador Ademar de Barros, Maria Helena, eram amigas inclusive de saírem juntas e dona Maria de Lourdes freqüentava a casa dessa moça.

Dona Maria de Lourdes, gostou muito de relatar sua juventude e início da carreira de professora, ficou feliz, falou muito e sorriu também. Recebeu-me na casa de sua filha em Palmital, por coincidência, minha terra natal, quis começar nossa conversa, cantando o hino de despedida dos alunos da quarta série do Padilha, dona de uma voz muito bonita, também falou que dona Miriam cantava melhor que ela. Humildade de uma grande cantora.

Na época que seu pai teve de vender a fazenda por causa do preço do café, ela foi comprada pelo genro do ex-governador Ademar de Barros, o qual era casado com a Maria Helena, que era sua amiga. Um fato, dessa época, marcou sua memória, textualmente: *eu me lembro bem, o ex-governador ia sempre visitar sua filha no colégio interno, onde nós estudávamos, e como ele era dono da Lacta (fábrica de chocolate), sempre eu ganhava também.*

Casou-se em 10 de abril 1948, nessa época morava em São José do Rio Preto, o seu marido tinha um laticínio, cuidava também de café. Ele também foi prefeito de Nova Aliança seu nome era Luiz Antonio Fleury, relembra que com essa vida política, viajavam muito e diz que foram muito felizes juntos, tiveram quatro

filhos, sendo três meninos e somente uma menina: Luiz Antonio (ex-governador do Estado de São Paulo), Frederico, Anna Isméria e Paulo Fernando.

Quando se formou professora, começou a lecionar na fazenda que era de seu pai. Quando houve a necessidade de vender a fazenda, foram para São Paulo, nessa época, seu marido era chefe do CEAGESP, depois ele foi transferido para Sorocaba. Porém quando estava em Nova Aliança, lecionou em Rio Preto primeiro, depois em Nova Aliança. E quando veio para São Paulo, foi trabalhar na Secretaria da Educação, na Praça da Sé, depois trabalhou também com Sólon Borges dos Reis na Secretaria da Educação de São Paulo.

Quando veio para Sorocaba, em 1969, foi transferida para o Padilha. Lá, conta com um bom humor, aliás isso lhe é peculiar, que encontrou uma turma de professoras muito unidas. No Padilha, trabalhou em jornada dupla, ou seja, de manhã e à tarde, deu aulas para a quarta série, comenta que muitas das professoras nem iam para casa para almoçar.

Há de se salientar que dona Maria de Lourdes ensinava para a série final do grupo escolar, então seus alunos já eram alfabetizados e sabiam as quatro operações. Conta orgulhosa que no ensino da Língua Portuguesa, usava, muito, palavras cruzadas, já para o ensino da Matemática, no qual a grande dificuldade eram os algarismos romanos, ela ensinava com jogos, usando as iniciais dos nomes dos alunos e o seu LOURDES, destacava, por exemplo, o L dando o valor numérico dessa letra no algarismo romano. Dona Maria de Lourdes foi entrevistada pessoalmente uma única vez, posto que ela se encontra na cidade de Palmital, estado de São Paulo, na casa da filha Isméria, tinha muita pressa em falar comigo para não esquecer de nenhum detalhe, e isso fez com que nossa conversa não tivesse uma ordem cronológica. A transcrição de seu relato obedece a ordem de sua lembrança, pois se assim não o fosse, o trabalho não seria completo.

Dona Maria de Lourdes tem uma voz bonita com timbre forte, é dotada de uma personalidade cativante, isso vai explicar seu relato a seguir, o qual foi transcrito na sua íntegra: *Teve uma única vez que tive um problema com um pai de aluno. Eu não dava tarefa para as férias. E sempre um dia antes das férias, nós fazíamos uma reunião. E havia um juiz que tinha dois filhos na Escola. E o tio desses dois alunos era Delegado de Ensino. Nessa reunião, o juiz que estava presente, perguntou-me por que eu não dava tarefa nas férias, eu argumentei que*

eu não achava necessário. No entanto, quando ele falou que era necessária a tarefa, todo mundo aplaudiu.

Então eu perguntei para onde ele viajava nas férias, ele respondeu que ia à praia, eu, então, perguntei se o filho ia fazer a tarefa antes ou depois da viagem, ele respondeu que o filho faria depois. Argumentei que a criança ficaria as férias inteiras pensando na bendita tarefa, e se ele achava que isso seria bom para essa criança. Ele resmungou bastante, e numa certa altura da conversa ele disse textualmente eu exijo, como juiz, aliás estou ordenando que a senhora faça isso, ou seja, dê a tarefa.

Bem eu disse que ele me desculpasse, mas daquela porta de sala de aula para fora ele era juiz, mas dessa porta para dentro quem mandava era eu. Aqui o senhor é pai de aluno. Ele me ameaçou que faria uma reclamação formal junto à Secretaria da Educação. Eu argumentei que eu topava, ele podia fazê-la que eu me defenderia. Isso mostra a personalidade de dona Maria de Lourdes que não se intimidou com as ameaças de um juiz de direito, entendendo muito bem seu papel como professora e educadora, defendeu seus princípios, como me explicou depois.

Jocosamente, depois do relato acima, ela me diz que, atropelos à parte, ela adorava dar aulas, seus alunos da quarta série não tinham dificuldade de leitura, nem de grafia, e ao final dessa série, eles estavam lendo e escrevendo de maneira fluente. E também havia muita disciplina, recordou-se de uma feita que um dos seus filhos foi até a sua classe para falar com ela, e ficou surpreso com o silêncio que havia na sala.

As lembranças de dona Maria de Lourdes vão fluindo e ela se lembra de que gostava de fazer caminhada com as crianças no pátio da escola, diz que era muito bom. Interessante ressaltar que eram as professoras primárias quem davam as aulas de Educação Física para as crianças do Grupo Escolar, lembra que as crianças gostavam muito dessas atividades e ela também.

Diz que seus alunos não gostavam de ler em voz alta, ela tinha de determinar quem iria ler, mas esse relato de leitura da quarta série não corresponde ao relato das professoras que davam aulas nas séries anteriores, nessas as crianças adoravam ler. Talvez algo relacionado com a faixa etária, dona Maria de Lourdes diz que nunca pensou nisso, mas concorda que podia ser vergonha, coisa própria dessa idade. Mas garante de forma enfática, que esses alunos liam fluentemente.

O diretor professor Wilson foi a tônica de todas as entrevistadas, quando o assunto era a direção da escola, todas relataram que ele era uma pessoa boa, sua

mulher era sua assistente de direção. Ele gostava muito dos hinos. Toda semana, havia o Culto à Bandeira, realizado no pátio interno.

Conta-me que era ela e dona Miriam as que mais faziam festa, uma vez até chegaram a fazer uma festa para um guarda de trânsito, que trabalhava nas ruas próximas ao Padilha, cuidando da travessia dos alunos. A fim de homenageá-lo, infelizmente, ela não se recorda o motivo da homenagem. Lembra também que as duas faziam muitas atividades ligadas ao civismo, e as crianças adoravam.

Volta ao tempo no seu relato, e lembra-se da fazenda, aliás foi nessa escola da fazenda que o ex-governador do Estado de São Paulo, Luiz Antonio Fleury Filho cursou suas séries do Grupo Escolar. O olhar de Maria de Lourdes se perde no teto de sua elegante sala de visitas, e ela fala de um garoto da fazenda que foi criado pela família, e que ficou com o pai de seu marido, ele se chamava Nino. Essa criança queria muito ser alguém na vida, e dona Maria de Lourdes começou a ensiná-lo, ele freqüentava a escola da fazenda, junto com seu filho (Luiz Fleury Filho). Conta, orgulhosa, que ele estudou muito, e quando já adulto, houve um concurso para trabalhar na fábrica de cosméticos da Avon, e ele prestou e passou, chegou à chefia e até hoje trabalha lá, textualmente ela confessa: *foi uma vitória para mim, ter instruído aquela criança humilde e ver como ela venceu na vida. O orgulho do professor não é um orgulho bobo é, sim, de alguém que fez algo muito importante, de saber que você contribuiu para que uma pessoa progrida na vida.*

Dona Maria de Lourdes volta a narrar seu tempo de estudante normalista e conta que terminou a Escola Normal em Rio Preto, e foi chamada para lecionar em um Grupo Escolar, e como dona Maria de Lourdes teve sua família ligada à Política Paulista, foi comissionada para trabalhar na Delegacia de Ensino, posto que esse era um cargo político e de confiança, e confessa, que já a essa época se apaixonou pelo Magistério.

Os seus relatos são sempre muito prazerosos, lembra de um interessante, uma feita chegou a Sorocaba um gerente do Banco do Estado de São Paulo (ex-BANESPA), veio com sua família de um estado do nordeste brasileiro. Essa pessoa matriculou seu filho na quarta série do Padilha e na classe de dona Maria de Lourdes. Um dia, numa aula de Português, foi pedido aos alunos que falassem as letras do alfabeto, é claro, esse aluno também foi argüido. O aluno começou a falar e a pronúncia dos efe (f) lá no nordeste é fê, o ene (n) é nê. Nesse momento a professora temendo pela sorte do aluno, e que esse fosse exposto ao ridículo

perante os colegas, pediu-lhe que ensinasse às crianças como era a pronúncia do alfabeto em outra região do Brasil. Ela diz que tudo foi muito bonito, os alunos adoraram a aula do colega, as outras professoras elogiaram sua atitude e esse abecedário recebeu o nome de *nortista*.

Relembra-me que, na sua época, a professora primária dava todas as matérias do currículo escolar, mas, principalmente, que em Matemática, ela pedia que, durante, as explicações eles fechassem o olho para que fizessem uma “viagem”, exemplo, dizia aos seus alunos: *vamos entrar na casa decimal e ver quem mora aí* e assim ela ia progredindo todas as casas de unidade, dezena e centena e eles aprendiam com muita facilidade. Ela dava uma atenção especial à leitura, pois fazia uma pequena leitura todos os dias, depois pedia que os alunos fechassem o livro e da leitura feita, e fazia um ditado com as palavras que apresentassem maior dificuldade, então era feita uma auto-correção, mas foi enfática ao dizer-me que não era para escrever mais de 20 vezes a palavra que fora escrita de maneira incorreta, como ela sabia que algumas professoras, de outras escolas faziam, era importante para dona Maria de Lourdes que as crianças soubessem que tinham errado a grafia e treinassem um pouco mais aquela palavra.

Também havia a descrição e a narração que era feita com os quadros em que o aluno via. Eram feitos os comentários do que aquilo sugeria, cada uma falava um pouco e depois inventavam a história. Ela mesma não inventava nada, cada um tinha de fazer a composição usando sua imaginação, qual a conclusão que ele tinha chegado com relação àquele quadro, que era um reforço visual.

A avaliação era feita por matéria; em Língua Portuguesa eram feitos um ditado, uma composição e a gramática, com exercícios. Mas, alega, com ênfase, suas provas eram pequenas, nunca achou que para avaliar tivesse de fazer muitos exercícios, bastava avaliar um tópico do que foi ensinado, pois se desse exercícios repetidos de uma mesma matéria, e aluno errasse um, errava o outro, diz que achava injusto, e não era didático. As avaliações eram semanais, depois no final do mês, havia a avaliação que era feita pela escola, vinha pronta da Diretoria. Dona Maria de Lourdes fazia sua avaliação no começo da semana, na segunda-feira. O número de reprovados não era grande, todos aprendiam. Pois, segundo ela, eles já vinham com um bom aproveitamento desde a alfabetização, que ocorria na primeira série.

Muito emocionada, dona Maria de Lourdes encerra seu relato com as seguintes palavras: *Mas posso dizer que os anos de Padilha foram excelentes, eu fui muito feliz lá, tenho a sensação de dever cumprido, ainda mais quando encontro com ex-alunos tão importantes na sociedade atual.*

VOLDA PEDROZO LIPPI
ANTONIO PADILHA - 1980/1990

O Estado deve valorizar como eu valorizo e sempre tentei conscientizar os professores de que seu trabalho formador é imprescindível para o desenvolvimento e bem-estar da sociedade. Volda Lippi

Volda Pedrozo Lippi, filha primogênita do Dr. Victor Pedrozo, nasceu aos 28 de dezembro de 1938, com 1.250 Kg, aos seis meses de gestação, na cidade de Piraju – SP. Seu nome reúne todas as iniciais de seus tios paternos por ordem cronológica, V – Victor; O – Ofélia; L – Lara; D – Dicéia e A de Asdrúbal.

Ao ouvir a história de Dona Volda, é impossível não perceber a admiração que nutre por seu pai, o qual terá grande influência no decorrer de sua vida pessoal e profissional. Dona Volda é mãe do atual prefeito da cidade de Sorocaba – Vitor Lippi – eleito no pleito de 2004. Conta com muito conhecimento que, devido ao parto prematuro, fui mantida viva pelo “Método Canguru”, inventado por seu pai, posto que era médico; sua mãe, dona Dolores Fagundes Pedrozo, professora, mantinha-a aquecida em contato com seu corpo, durante o dia, e o pai, revezando com ela à noite. Foi alimentada com leite materno em conta-gotas, explica-me que a ausência de cuidados hospitalares deveu-se à escolha do pai que temeu riscos de infecção hospitalar.

Seu desenvolvimento foi normal, cresceu saudável, e afirma que com dois anos já reconhecia, no jornal que o pai lhe apresentava, todas as letras do alfabeto. Aqui paro em uma reflexão, pois dona Elza Bracher também foi alfabetizada pelo pai, com o uso do jornal.

Dona Volda fez o curso primário em grupos escolares de Piraju e Cerqueira César, cidades próximas a sua cidade natal. Em Avaré fez o 1º e 2º anos do secundário, e, em 1951, em Sorocaba, continuou os estudos no Estadão (Instituto de Educação Julio Prestes de Albuquerque), até a conclusão em 1956, do curso chamado, à época, Científico.

No 3º colegial, entusiasmou-se com as aulas de Filosofia do Professor Rui A. Nunes e com as freqüentes discussões políticas e filosóficas em casa com seu pai. No prosseguimento da instrução superior, optou por fazer o curso de Filosofia na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba (hoje UNISO). O curso foi concluído em 1960, quando já era casada.

Em 1958, após um ano de namoro, casou-se com médico Dr. Eno Lippi, natural de Mairinque, que nessa época era médico da Companhia Brasileira de Alumínio (CBA). Seu primeiro filho, Vitor, nasceu quando cursava o 3º ano do curso superior e Selma, a segunda filha, dias após a colação de grau do Ensino Superior.

Ainda solteira, quando cursava o primeiro ano de faculdade, obteve o registro de professora particular, e, com esse registro deu aulas no Curso de Madureza no Liceu Monte Serrat, na rua da Penha, essa foi sua primeira experiência como docente em 1957.

No período de 1960 a 1970, só havia aula de Filosofia no colegial, o que dificultava seu trabalho como docente. Conseguiu uma substituição de quatro meses no Estadão, em 1964, e aulas regulares na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Manley Lave, em São Roque de 17 de março de 1967 e 30 de junho de 1968.

Seu trabalho como docente no Estadão, é motivo de muito orgulho, mostrou-me o registro das aulas preparado àquela época, explicou-me que lecionava nos cursos Clássico, Científico e Normal a Administradores Escolares. Preparava suas aulas com os conteúdos programáticos de cada curso, isso fazia com que ministrasse uma aula diferente em cada classe, ou seja, uma classe era História da Filosofia; Lógica Maior e Menor; Pedagogia Contemporânea; História da Educação; Psicologia Geral e Social. Impressionante a sua memória na lógica com a qual preparava cada aula.

O Curso de Psicologia era o preparatório para os alunos que queriam o curso de Direito. Conta-me um fato com muito orgulho, fez questão de frisar que muitos de seus alunos devem ter obtido êxito, pois quase 40 anos após, o ex-prefeito de Sorocaba, formado em Direito e antecessor de seu filho na administração pública da cidade, Renato F.Amary, chamou-a de “minha professora”, recordando-se de seus ensinamentos no referido curso.

No período de 1970 e 1979, com a inclusão de Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política, nas 6ªs e 8ªs séries e as atividades de Orientadora de Educação Moral e Cívica, lecionou nas Escolas de 1º e 2º Graus de Mairinque e Alumínio.

Em 1980, veio residir em Sorocaba, na Casa de Pedra de seu finado pai, na rua Humaitá, 180, próximo ao Padilha.

Dona Volda mostra-se uma entusiasta do ensino da Educação Moral e Cívica. Textualmente: *Com que entusiasmo, continuei meu importante propósito de ensinar*

e desenvolver o espírito moral e cívico de meus alunos na tradicional e importante EEPSEG Antonio Padilha. Muitas das importantes personalidades da cidade estudaram suas primeiras letras no Padilha, e, de 1980 a 1990, concentrei meus esforços na formação cultural e cívica de todos os alunos.

Essa atividade de orientadora de educação Moral e Cívica, permitia-lhe trabalhar com todos os professores e alunos na preparação e participação de atividades cívicas, regularmente, às terças-feiras, no início de cada período de aula, todos cantavam o Hino Nacional com a apresentação de poesias; textos, sobre datas cívicas e grandes personalidades históricas, preparados pelos alunos e apresentados, sob minha supervisão e orientação, com toda ordem e respeito que a ocasião exigia. Esse foi o elo entre dona Volda e as demais professoras entrevistadas, pois, a partir de 1980, era dona Volda quem preparava o Culto à Bandeira, que agora incluía os alunos do antigo Ginásio, posto que agora a terminologia era Ensino de I Grau, numa seqüência de oito anos.



Dona Volda : desfile no dia 7 de setembro.

Ela me conta que os professores de 1ª a 4ª séries, de acordo com um calendário pré-estabelecido, preparavam os alunos que, juntamente com os alunos de 5ª a 8ª série e os do colegial, preparados por ela, apresentavam-se no pátio para todos os colegas. Eram momentos de civismo que, juntamente com os realizados em 7 de setembro, com o uso da fanfarra da escola, homenageava os vultos históricos, bem como as personalidades importantes da cidade, tal como o

compositor Nilson Lombardi, os quais foram lembrados em exposições dentro das dependências do Padilha.

Dona Volda foi a idealizadora de outra atividade importante o Centro Cívico, do qual participavam alunos, hoje, segundo ela, brilhantes profissionais sorocabanos. A participação consistia desde a preparação do desfile até a realização de eleições para eleger a diretoria do Centro Cívico. As eleições eram similares as reais, com o período de propaganda estabelecido, utilização de título eleitoral, as seções e as cabines indevassáveis com a mesa etc, e a apuração era realizada pelos alunos. A professora se empolga, volta ao passado e conta: *era um verdadeiro exercício democrático de escolha dos representantes. Também a visita à Câmara Municipal pelos alunos de OSPB, após preparação prévia, completava o conhecimento do funcionamento do Poder Legislativo. Esses conhecimentos indispensáveis para a boa formação da cidadania eram trabalhados pelo Orientador de Educação Moral e Cívica.*

Nesse período no qual trabalhou no Padilha, dona Volda contou com a ajuda da professora de Música, professora Benedita, a qual era formada pela Escola Normal Caetano de Campos em São Paulo – capital. Elas juntaram suas habilidades e dedicação para ensinar os alunos, e formaram excelentes corais infantis e infanto-juvenis, os quais venceram concursos regionais realizados em Botucatu.

Dona Volda admirava muito a professora Benedita, a qual, também, ensinou dezenas de jovens a tocar flauta doce, esses se apresentavam brilhantemente nos desfiles cívicos. No período de 1980 e a 1990, a EEPSPG Antonio Padilha brilhava nos desfiles cívicos, com a apresentação de belíssimas fanfarras e carros alegóricos com temas brasileiros que enalteciam a história e a cultura do país. Os alunos eram entusiastas e ela também na demonstração de amor à pátria.

Como as demais, dona Volda recorda-se de que a escola era bem grande. As classes da pré-escola e de 1ª a 4ª séries ficavam aos cuidados de professoras bem selecionados por pontos e dedicadas aos seus alunos e à escola. Os alunos de 5ª a 8ª séries com tradicionais e brilhantes professores dedicados em ensinar disciplinas que não havia em outras escolas, como Francês e Música. Era o ideal de dar uma formação completa: intelectual, artística, moral e cívica.

É importante ressaltar que dona Volda forneceu informações que as demais não poderiam, posto que trabalhou com todos os níveis de ensino dentro do Padilha,

tendo em vista o seu cargo. Com relação ao curso Colegial, hoje, Ensino Médio, o noturno tinha características próprias. Eram dezenas de classes: dezoito de 1º ano; oito de 2º e cinco de 3º. Os alunos vinham de todos os bairros, para essa famosa escola central. As aulas começavam às 19 h e terminavam às 23h. No currículo escolar eram incluídas as atividades cívicas e aulas de Filosofia para os alunos do 3º ano. É importante notar que havia mais classes de primeiro ano, isso denota a evasão escolar com o decorrer do Ensino Médio, característica atual ainda.

Sua abordagem em sala de aula consistia em abordar os temas com clareza e dedicação, utilizava um livro didático básico com os conteúdos e desenvolvia-os em aula. A matéria desenvolvia-se conforme conteúdo programático e com uma abordagem prévia, a qual motivava os alunos para a contextualização.

Segundo ela, os alunos não encontravam grande dificuldade, pois as avaliações bimestrais demonstravam aquisição dos conhecimentos esperados. *O professor é o facilitador e o motivador das atividades.* São suas palavras textuais.

Revela-me que a satisfação em ensinar, a valorização e o respeito pelos alunos, fizeram-na ter real prazer nas atividades diárias, com os professores e alunos. Sempre ensinou com entusiasmo e obteve a recepção dos alunos.

Para ilustrar sua fala com relação ao seu método, conta que em ocasião teve em sala de aula um aluno cego. Ele ficava nas primeiras carteiras e parecia entender a matéria Filosofia. Na primeira prova bimestral, em abril, ele apresentou um resultado insatisfatório, após ler sua prova em braile, na classe, para mim. O aluno percebeu que teria de estudar no texto, para entender os conceitos e utilizar a terminologia específica. Ele providenciou que o livro didático fosse transcrito em Libras (linguagem brasileira de sinais) na cidade de São Paulo.

Daí em diante, esse aluno acompanhou a classe e fez provas regulares. Não houve nenhuma facilitação em respeito à capacidade e igualdade do aluno, houve a total inclusão do mesmo à matéria. Numa reunião de pais, sua mãe se apresentou e disse-lhe que seu filho gostava muito dela.

Ressalta que aconteceu um fato importante com relação a essa dificuldade do aluno cego, com a necessidade de ter transformado o manual de Filosofia para o Braile, esse aluno fundou um núcleo onde se faziam transcrições em braile para quem necessitava dessa leitura, na Praça Frei Baraúna, zona central da cidade, a uma quadra do Padilha.

Faz questão de salientar que foi questionada por alguns professores que comentavam o ato inicial de reprovar o aluno e tratá-lo como os demais. No entanto, ela frisa que para ela, essa era a única e verdadeira abordagem do problema e teve de fazer aquele aluno enfrentar da melhor maneira possível.

Sua abordagem, desde a primeira apresentação no início de cada ano letivo, era com otimismo e dedicação, apresentava a forma de trabalho didático, os conteúdos a serem abordados, a necessidade do livro didático e o compromisso de se atingir até os últimos conteúdos para que todos tivessem a oportunidade de adquirir amplos conhecimentos, os quais lhe seriam úteis na vida e até para os vestibulares e para a faculdade. Vale lembrar que a matéria Filosofia fazia parte do currículo do que estavam no 2º e 3º anos do curso colegial.

Como professora tinha real e presente preocupação em ensinar, avaliar os resultados e teve a consciência de que tinha contribuído para que seu aluno conseguisse adentrar na Faculdade e realizar seu projeto de vida; os alunos participavam, colaboravam, gostavam da disciplina e da escola, condições indispensáveis para o êxito na atividade ensino-aprendizagem, segundo sua convicção.

Fala textual de dona Volda, sempre muito politizada: *a boa escola está na base do sucesso do jovem. O professor é peça fundamental na formação integral do jovem consciente para se tornar um cidadão participante do progresso de sua pátria.*

O Estado deve valorizar como eu valorizo e sempre tentei conscientizar os professores de que seu trabalho formador é imprescindível para o desenvolvimento e bem-estar da sociedade.

3.

DA COSTURA DAS MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: O INICIO, O IGUAL, O DIFERENTE E O ÚNICO

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar.
É também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se “amarrar nele”. Paulo Freire

O recorte temporal, nessa pesquisa, permeia um período longo que vai de 1952, com a chegada de dona Meire ao Grupo Escolar Antonio Padilha, vinda de uma escola isolada criada para beneficiar os funcionários da Companhia Nacional de Estamparia, a qual nesse ano foi anexada ao Grupo Escolar e termina em 1990, no Brasil pós-ditadura militar, quando dona Volda, aposenta-se, essa que nunca foi professora primária, mas que esteve presente, desde 1980, na elaboração das festas cívicas, posto que seu cargo era a Orientadora de Educação Moral e Cívica.

Nesse período, o Brasil passa por um processo de redemocratização, pós Era Vargas. Em 1964, sofre o golpe dos militares e instala-se aqui, durante 21 anos, uma ditadura que vai vigiar a escola brasileira, bem como todos os cidadãos. Em 1985, volta a ser um país democrático de direito e minhas interlocutoras deram aula na escola primária, mesmo que a Lei 5692/71, tenha mudado essa nomenclatura, criando o Ensino de Primeiro Grau, com a duração de oito anos, e o antigo curso primário tenha desaparecido, inclusive a nomeação do curso ginásial.

Impressionante notar como tudo passou longe dessa sala de aula que foi mostrada nesse trabalho, as interlocutoras dessa pesquisa, passaram ao largo de toda essa mudança, exceção feita à criação do Ensino de Primeiro Grau, esse, sim, na mudança de hábitos, de nomenclatura, de fazeres diferentes em relação ao modo de alfabetizar, ler e o ensino da Matemática, foi lembrado. Em algumas incomodou mais, principalmente, aquelas que lecionavam nas duas séries iniciais, ou seja, primeiras e segundas séries.

Há ainda a figura do diretor, lembrado apenas na pessoa do professor Wilson, até parece que não houve outro diretor nesses 40 anos, houve, é claro, mas esse foi lembrado pelo seu modo de administrar, na sua não-interferência na sala de aula, mas no controle rígido da higiene, na pontualidade dos funcionários, na imparcialidade com que tratava a todos. E mais que tudo, pelo seu grande amor às festas cívicas, as quais permeiam todo o relato dessas professoras.

Os relatos seguem a linha temporal da memória das interlocutoras, as perguntas ou interferências da pesquisa, formam feitas no sentido de que fosse falado das práticas da sala de aula, que deveriam explicar o modo ensinavam, como resolviam seus problemas, fossem eles disciplinares ou de qualquer outra ordem, até mesmo aqueles casos, que à primeira vista, parecem corriqueiros, mas vistos de um outro ângulo poderiam, ao olhar do historiador, desvendar o Grupo Escolar Antonio Padilha. A título de esclarecimento de nomenclatura, que se diga que em 1952, a escola pesquisada chamava-se Grupo Escolar Antonio Padilha; em 1971, passou a se chamar Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Antonio Padilha e, hoje, é chamada de Escola Estadual Antonio Padilha.

O Grupo Escolar Antonio Padilha foi o primeiro grupo escolar da cidade de Sorocaba. Inaugurado em 1896, recebeu esse nome em homenagem ao cidadão Antonio Egydio Padilha de Camargo, vereador, sub-delegado e intendente municipal, que, juntamente com outros idealistas da cidade, foi figura de grande importância na criação do Grupo Escolar que recebeu seu nome. Era filho de tradicional família sorocabana, Sr. José Padilha de Camargo e de D. Maria Padilha de Camargo. Era casado com D. Dionísia Nogueira Padilha, mas infelizmente, esse idealizador não chegou a presenciar a instalação do Grupo, pois faleceu aos 33 anos a 7 de agosto de 1895.

À guisa de história do nome dado a essa primeira escola primária de Sorocaba, é sabido que como sinal de reconhecimento por seus esforços que sempre mostrou em relação à instalação de um Grupo escolar em Sorocaba, foi dado o nome de Antonio Padilha ao Grupo Escolar criado em 28 de março de 1896. Porém, em minhas pesquisas feitas, inicialmente em periódicos da época, nada encontrei sobre o ato político que nomeou o primeiro Grupo Escolar de Sorocaba homenageando seu patrono. Também no acervo da própria escola, bem como em outras fontes buscadas não obtive a resposta dessa nomeação. A fala dos presentes é unânime, foi uma homenagem a um benemérito.

E sobre a inauguração de um Grupo Escolar em Sorocaba:

A criação de Grupo escolar atraiu a atenção da sociedade Sorocabana. Propagandeada com uma nova escola, reunindo professores em só lugar, com um só tipo de ensino – o intuitivo-munida de material didático, com carteiras novas para todos os alunos, com funcionários para cuidar da limpeza, com diretor para administrar e sobretudo com ensino graduado,

surgia um espaço organizado, capaz de resolver as questões que tinham permanecido pendentes durante o tempo passado.(MENON, 2000, p.141)

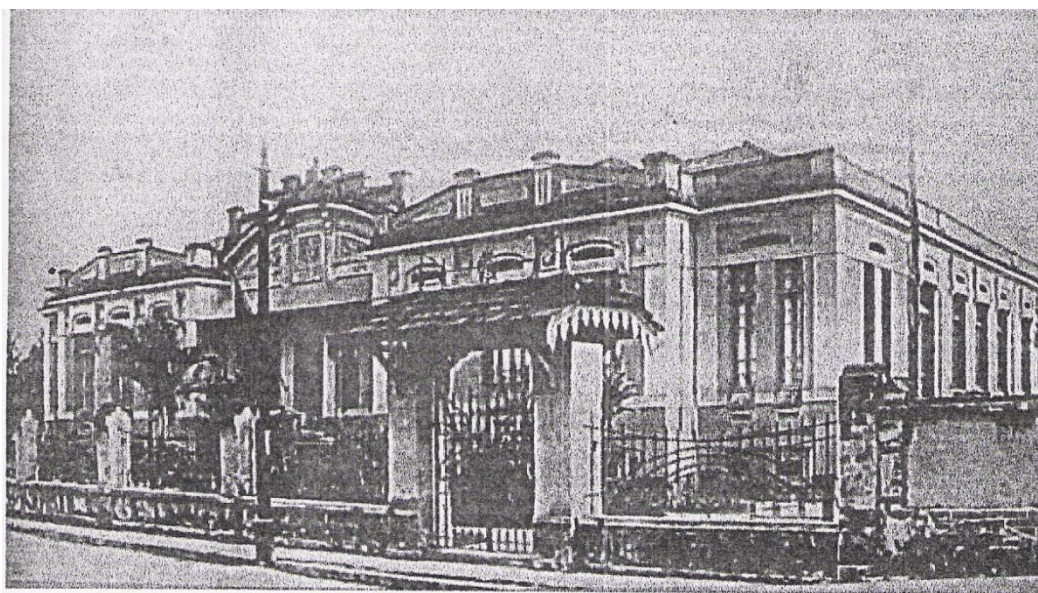
A instalação primeira do Grupo Escolar deu-se no prédio localizado entre as ruas do Theatro e das Flores, Brigadeiro Tobias e Monsenhor João Soares (1896-1905). Hoje, esse prédio abriga um teatro público, antes já foi a instalação da Câmara Municipal.

O Padilha funcionou depois de 1905, no sobrado da Rua das Flores, hoje Monsenhor João Soares, que mesmo assim se mostrou inadequado, fazendo com o município reforme o prédio em 1907. Data de 1910 a construção do prédio na Rua Cesário Mota. Prédio esse que até 1972, abrigou salas de aula e parte administrativa da escola. Com a construção do prédio novo, com entrada pela rua ao lado, o velho casarão ficou limitado à parte administrativa. Hoje, a construção centenária abriga a Delegacia de Ensino da cidade de Sorocaba, ficando o Padilha restrito ao prédio construído posteriormente.

A situação geográfica dessa escola, posto que é situada na centro da cidade de Sorocaba, facilitou a chegada de todos os integrantes dessa história contada, as professoras chegaram, com muita facilidade, pois moravam no centro da cidade, os alunos moravam nas redondezas, porém o crescimento da cidade, tornou o Padilha, no transcorrer dos anos, em apenas mais uma escola estadual em Sorocaba, que recebeu e recebe alunos de toda a cidade, o status de escola de elite, só ficou no imaginário das interlocutoras, que vivenciaram a escola de 1950 a 1970, mas há de se notar que, ainda, em 1980, com a chegada de dona Volda, ainda há o orgulho de trabalhar no Padilha, no imaginário das pessoas da cidade de Sorocaba, ainda, restava algo de muito saudoso com relação a essa escola.

Não tive a preocupação de analisar as práticas escolares, ou mesmo as memórias de minhas interlocutoras no percurso que tiveram no magistério da região, posto que a grande maioria dessas professoras, iniciou sua carreira no magistério paulista, lecionando em escolas isoladas; mas quis mostrar, relatar, registrar. Nesse meu trabalho de relato dessas memórias, outros olhares de pesquisadores poderão fazer análises várias. Até do ponto de vista da transcrição feitas, posto que a partir daí, minha transcrição das memórias das interlocutoras poderá ser objeto de pesquisa. Nada melhor ao pesquisador do que deixar um legado para as gerações futuras.

O Grupo Escolar Antonio Padilha, na sua falta de documentos que legitimassem sua história com fontes materiais, foi mostrado aqui, na sua sala de aula, que é o ambiente mais legitimador de uma escola, nessa relação professor-aluno, na qual há várias incursões entre vidas que se conjugam, saberes adquiridos e motivações várias, posto que a escola é um mecanismo dinâmico, vivo, o qual produz conhecimento.



Terceiro e definitivo prédio ocupado pelo Grupo Escolar Antonio Padilha, localizado na rua Cesário Motta. Inaugurado em 1913. Acervo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

3.1. O início

1952, chega ao Padilha dona Maria Aparecida Ferreira Pavlovsky, mencionada na pesquisa como dona Meire. Nesse ano, o Grupo Escolar Antonio Padilha tinha como diretora substituta a professora Olga de Toledo Lara, contava a escola, a essa época, com seis classes de primeiras séries, sendo três masculinas e três femininas. Contava, ainda com cinco classes de segunda série masculinas; três classes de segunda série femininas; três classes masculinas de terceira série e três femininas, assim como três masculinas e três femininas de quarta série. Há se notar que havia uma quinta série mista. Esses dados foram retirados da ata de Reunião Pedagógica datada de 22/05/1952.

Da análise desses dados encontrados, verifica-se que havia um número maior de classes na série inicial e esse número de classes vai diminuindo em relação às outras, chegando a apenas uma classe mista no quinto ano, que seria a preparatória para o curso ginasial. Sinal evidente da evasão escolar, assunto que será alvo de grande discussão na Lei 5692/71. Quando há apenas uma classe e mista de quinta série, ou quinto ano, a evidência torna-se certeza.

Sorocaba, nessa época, torna-se mais industrializada, com a chegada das fábricas de linho, e a tecelagem modesta deu lugar a um conjunto fabril, as maiores fábricas, dessa época foram as de Barbero e Alfredo Metidieri, essa última instalada em Votorantim, que, nesse tempo, era distrito de Sorocaba, hoje, uma cidade emancipada.

Dona Meire é designada para o Grupo Escolar Antonio Padilha a partir de uma escola isolada criada pelos dirigentes da Companhia Nacional de Estamparia, fundada pelo inglês John Kenworth, que a estruturou, a partir de 1903, com o auxílio do filho Alberto e os genros Francisco Sales de Gomes, Bento Pires de Campos e Alcebíades de Campos. Sorocaba, já sente, nesse tempo, as coisas boas e ruins de uma globalização que será tema de debates futuros.

Nesse cenário, os alunos são filhos de operários dessas unidades fabris, juntamente com os funcionários do comércio, posto que Sorocaba nasceu urbana, aqui salienta-se que o mote dessa pesquisa não é o corpo discente do Grupo Escolar Antonio Padilha, mas reúne material para pesquisa futura sobre esse alunado.

Nesse passo, chega ao Padilha, em 1958, a professora Miriam Baptista; em 1959, Ivone Soranz; em 1962, chegam Dalma Kalil e Valdivia de Toledo Almeida; em 1963, Eunice Rodrigues; em 1964, Neide Carriel; em 1969, Elza Bracher juntamente com Mária de Lourdes Fleury e, por último, fechando o ciclo, em 1980, Volda Lippi vem acrescentar sua experiência de professora de Filosofia à essas professoras primárias na elaboração das festas cívicas.

Nessa época o Grupo escolar Antonio Padilha, já é Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Antonio Padilha, mas ainda ocupa o mesmo prédio inaugurado em 1910, na rua Cesário Mota, não tem mais o status de escola de elite, que será elencado em todas as falas de minhas interlocutoras, mas é uma escola que recebe alunos de toda a periferia de Sorocaba, sofre as mazelas do Ensino Público Brasileiro, tão cheio de boas intenções, mas com difíceis realizações.

Sorocaba, por sua vez, torna-se um grande parque industrial, uma cidade com mais de quinhentos mil habitantes, tendo como seu penúltimo prefeito, o qual governou a cidade por oito anos, no período de 1997 a 2000, Renato F. Amary, ex-aluno do Grupo Escolar Antonio Padilha. Cidade essa que agora é governada pelo prefeito Victor Lippi, filho da ex-professora Volda Pedrozo Lippi.

A atual situação da Escola estadual Antonio Padilha, requer cuidados, hoje ela está instalada nos fundos do prédio que a sediou desde 1910, e onde era a residência do tão lembrado professor Wilson Ramos. A ilustração dessa conjuntura do atual Padilha, já pode ser notada da leitura de dois artigos que foram publicados pelo Jornal "Cruzeiro do Sul", e o Jornal "Diário de Sorocaba" por ocasião do centenário dessa escola, em 1996.



“Padilha”: mais empenho é pedido no centenário

O centenário da EEPSPG “Antônio Padilha” foi comemorado ontem em sessão especial na Câmara Municipal de Sorocaba. Vereadores, professores e a diretoria da escola pediram maior empenho das autoridades para melhoria da qualidade do ensino e manutenção das escolas no município. O caso da própria escola “Padilha” que aguarda reformas urgentes em suas instalações, pelo governo do Estado, foi citado como exemplo. Segundo a diretora Edna Ribeiro do Prado, “a verba do FDE, de apenas R\$ 2 mil para manutenção, não é suficiente para conter o desgaste do prédio, com forros podres e até a escada de acesso principal, com o risco de desmoronar”.

“Esforço”

A primeira meia hora da sessão da Câmara, das 9h às 9h30, foi usada pelo vereador José Francisco Martinez (PSDB). Em seu discurso ele enfatizou “o esforço dos professores e diretores pela disciplina da escola e que o prédio é um cartão histórico da cidade que não pode ser perdido”. Martinez lembrou que junto com a vereadora Iara Bernardi (PT) formaram uma Comissão do Legislativo, para acompanhar o processo de deterioração de suas instalações, cobrando providências das autoridades. “Em breve a antiga fonte voltará a funcionar, mas pela tradição do ‘Padilha’ muito mais precisa ser feito”, disse Martinez.

Fizeram parte da mesa diretora da Câmara Municipal a diretora da escola, Edna Ribeiro do Prado, representando os professores da ativa; Miriam César Batista, Maria Irene de Oliveira Leão, representando os professores aposentados; Ivo de Oliveira Vaz, da Comissão do Centenário do Padilha, e Thomaz Fernando Belini; representando a secretaria municipal de Educação e Cultura. Também assistiram à sessão os delegados de Ensino de Sorocaba, Maria Terezinha Del Cistia e José Maria Rodrigues da Paz.

Artigo fornecido pela professora Miriam, publicado pelo jornal “Cruzeiro do Sul”, 1996

Da leitura da matéria publicada, destaca-se o nome da professora Miriam Cesar Baptista, uma de minhas interlocutoras, bem como uma das mais entusiastas

da preservação e conservação dessa escola, aliás como dona Miriam define “*uma escola de elite dos anos 60 e 70*”.



Matéria sobre o mesmo tema publicada pelo jornal “Diário de Sorocaba”, cedida pela professora Miriam, dona Miriam é 1ª. da direita

3.2. O igual

Quando minhas interlocutoras falaram de sua prática docente em sala de aula, os falares de todas foram entrecortados por acontecimentos de suas vivências passadas, tanto como estudantes, como moças que se casaram e constituíram família, algumas, numerosas. Professoras que lecionaram em escolas isoladas e que, finalmente, chegaram (de algum modo) ao Grupo Escolar Antonio Padilha.

Em relação à formação escolar há de se destacar que dona Meire fez a Escola Normal na “Caetano de Campos” em São Paulo, isso foi motivo de orgulho em seus relatos, garantiu-me que, essa formação adquirida na mais famosa Escola Normal da época, valeu-lhe todos os trunfos colhidos em sua profissão. Também em termos de ter estudado em escolas pioneiras, dona Eunice se formou na Escola Normal Peixoto Gomide de Itapetininga, cidade essa que obteve sua primeira Escola Normal antes de Sorocaba, isso foi motivo de rivalidade entre as cidades, naquela época, porém não há de se negar a grandiosidade dessa escola.

Professora Miriam, a professora Dalma e a professora Neide fizeram sua Escola Normal em colégios confessionais, a primeira e a segunda na Escola Normal

Livre Santa Escolástica, aqui em Sorocaba. A professora Neide cursou a Escola Normal do Colégio São José das Irmãs do Patrocínio, em Santos.

Na primeira Escola Normal mantida pela municipalidade em Sorocaba, escola essa que nasceu da separação de um Ginásio e Escola Normal mantidos pelo Estado e que deram origem ao Instituto de Educação Júlio Prestes de Albuquerque (chamado carinhosamente de “Estadão”) e Escola Normal Dr. Getúlio Vargas, estudaram dona Ivone e dona Elza Bracher.

Dona Maria Valdivia e dona Maria de Lourdes fizeram a Escola Normal, respectivamente, em Piracicaba numa escola a qual denominou “Sud Minuci” e em São Paulo, porém essa não declinou o nome da escola que cursou.



Foto da formatura de dona Elza Bracher na Escola Normal Getúlio Vargas, 1946

Com relação aos casamentos e formação familiar dessas professoras na cidade de Sorocaba, os enlacs foram com jornalistas, médicos, tabelionatos, professores, ferroviários, comerciantes. Essas professoras buscaram a profissão, muitas vezes, à revelia da família, posto que muitas elas não careciam do seu

trabalho para o próprio sustento. Isso se faz presente na fala da professora Valdivia de forma veemente:

(...) Mas a minha professora de Didática da Escola Normal me encontrando na rua, o nome dela era Laudelina Cotrin, excelente professora, e como ela sabia que eu tinha tido excelentes notas no meu curso normal, ela me aconselhou a me inscrever no concurso.

Quando ela me perguntou se fazia conta de ir para longe, eu disse-lhe que tinha uma tia que dava aula na Delegacia de Presidente Prudente. Ela disse-me que essa delegacia tinha muitas vagas, que era ideal para eu começar. E também naquela região ainda não havia Escolas Normais.

Fiz minha inscrição, havia 116 vagas e eu fui o número 120, me inscrevi com as notas do diploma e minha tia já estava substituindo há dois anos para fazer pontos. Como ela tinha mais pontos, escolheu dentro de Santo Anastácio. (...) Meu pai ficou horrorizado, como largar uma escola que ficava a uma hora de casa e ir se aventurar pelo mundo distante. Meu argumento foi que aquela era uma escola municipal e mudando a política ela pode acabar e a outra é o Estado, o ingresso era segurança de carreira (...)

A professora Miriam contou-me que seus pais queriam que ela fosse médica, e como já havia, nessa época, a Pontifícia Universidade Católica em Sorocaba (PUC), ela quase viu seu sonho de ser professora ir ao chão, porém, conta que orgulhosa de seu temperamento, manteve-se firme ao seu propósito.

O começo de carreira, também não foi dos mais fáceis para essas jovens ingressantes no magistério paulista. Cabem aqui à guisa de retórica os depoimentos de algumas delas a esse respeito:

Para Miriam, começar a carreira foi uma aventura, na qual coube lances de viagens de barco, boléia de caminhão, filhas viajando junto e ainda uma gravidez em curso. Os relatos são convincentes:

Comecei a lecionar como substituta num Grupo Escolar de Sorocaba, em fevereiro de 1951. Em março, fui com uma prima e uma amiga procurar trabalho em Registro. A viagem até lá era longa, saímos de Sorocaba às 7 h e chegamos às 16 h. O professor Altamir lecionava em Registro e era nosso amigo, ele nos apresentou ao diretor. Professor Roberto era seu nome, ele designou minha prima Milady para o Bairro de Carapinga, a Maria José para Taquaruçu e eu para Guaviruvá, um lugar que não tinha estrada, só era possível chegar de ferro-bote descendo o rio Ribeira.

O Altamir ficou com pena e intercedeu por mim, o diretor, então, mandou-me para Taquaruçu a qual distava dezessete quilômetros de Registro. Para chegar até a escola Grupo Escolar Pascoal Greco, era muito ruim a estrada, na verdade, era um pântano, não tinha condução que chegasse até lá.

A próxima substituição foi em Lavras Velhas, foi o tempo mais difícil. Saía de casa às quatro Meira da manhã, um caminhão passava me pegar, eu ia no meio entre o motorista e mais dois homens. Nunca comi, passava o dia todo com um lanche que eu levava de casa. A escola era muito pequena, com janelas de madeira, se chovia ou ventava e precisava fechar a janela, não podia dar aula, pois não havia luz elétrica, nessas oportunidades eu aproveitava para cantar com as crianças. Só tinha uma lousa pequena e eu lecionava, primeira, segunda e terceira série, o pior – não tinha privada.

Para voltar para casa era uma agonia. Se algum caminhão carregado de pedra ou cal tivesse a boa vontade e parasse, eu pedia carona e voltava para casa. Nessa época eu estava grávida de minha filha.

Não menos sofrida e batalhada foi a carreira de Elza, em seu início. Em seu relato, percebe-se a luta entre a mãe de família e a profissional:

Removida para a escola isolada do bairro Avecuia, município de Porto Feliz, onde permaneci até janeiro de 1956; nasceram as filhas Elisabeth e Sonia Regina, as quais levava todos os dias, ao trabalho, para poder amamentá-las, pois ficava o dia todo na escola, só retornando em casa à tarde.

Durante uma visita à escola do Inspetor Escolar Pascoal Visconti, ele encontrou minha filha Sonia dentro de um caixote com um colchãozinho de palha.

A isso, some-se o fato que dona Elza Bracher criou seis filhos, trabalhando em várias escolas isoladas antes de chegar ao Padilha em 1969.

Na leitura da transcrição que fiz dos relatos dessas professoras, há ainda de se notar que todas as que trabalharam no curso primário e deram aulas em classes masculinas, femininas e, no final de suas carreiras, em classes mistas. Elas se dividem em suas preferências. Mas há de se salientar o relato de três delas a esse respeito, por serem muito pontuais.

Dona Meire orgulha-se por ter trabalhado só com meninas e na íntegra de seu relato há a confirmação de sua preferência:

Olha, eu tive somente uma classe de meninos, você sabe que o Padilha foi referência de boa escola em Sorocaba, era uma escola de elite, e também não havia a moda das escolas particulares, então todas as crianças da elite

estavam lá, incluindo as mais carentes também, todos aprendiam da mesma maneira. Bem, quando eu peguei essa classe de meninos, as mães fizeram um abaixo-assinado e voltei a trabalhar com as meninas.

Dona Dalma:

Com relação a trabalhar com meninos e meninas, com as meninas era mais fácil, os meninos são legais também e nas classes mistas (já no final havia classes mistas) o problema da disciplina era um pouco mais complicado. Eu acho que trabalhar com meninas era mais tranquilo só isso, pois os meninos são mais levados. Também a menina aprendia a ler mais rápido e elas se concentravam mais no que faziam, e os meninos eram mais dispersivos.

Dona Neide:

No Padilha, eu só dei aulas para os meninos, bem eu adorava os meninos, mas a coisa funcionava assim, as professoras escolhiam as classes pelos pontos que tinham, então para mim sempre sobravam os meninos, eu escolhia depois pela minha pontuação, assim fui me apegando com os meninos e gostava de dar aula para eles. Mas teve uma vez que peguei uma classe de meninas, só essa vez, era à tarde. Mas eu tenho uma satisfação muito grande, pois meus meninos hoje são promotores, juízes, personalidades da cidade e da região, olha eu tenho ex-alunos em todas as profissões.

Há de se notar na fala de minhas interlocutoras que houve lembranças de alunos famosos e nenhuma aluna, isso é fruto de um tempo no qual não havia a valorização do trabalho feminino. Essas mulheres tiveram como profissão – o magistério – isso era permitido, era como um alongamento do papel de mãe. É importante, nesse momento, destacar que no período, no qual fiz meu recorte temporal, que houve no Padilha um professor chamado Orlando Bastos, falecido no ano passado, mas isso também era incomum, tanto que esse professor estudou Direito e aposentou como Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, foi também grande professor de Processo Civil na Faculdade de Direito de Sorocaba, de quem fui aluna nos anos entre 1989 a 1991.

Os cultos cívicos fizeram o grande discurso de minhas entrevistadas, houve um apelo geral, todas clamaram para que as escolas pudessem ter novamente as datas cívicas comemoradas, invocaram a falta de patriotismo de hoje. Mostraram-me

as fotos que guardam com muito carinho, e que nesse trabalho incluo como testemunhas daquele tempo. Guardaram essas imagens como guardiãs de um tempo perdido e sem retorno. Na figura dos netos, mostraram-me que nenhum deles é capaz de cantar o hino Nacional ou da Independência, criticaram as escolas atuais por não levarem esse conhecimento à sala de aula. No recorte das falas, há de se notar a tônica dada a esse acontecimento:

Dona Eunice:

Eu gostava muito do Culto à Bandeira, demais. Nós ensinávamos todos os hinos para as crianças, a gente recitava os hinos, interpretava em classe, explicava os significados de cada verso. Os hinos Nacional, da Bandeira, da Independência e da República eram cantados todas as semanas, ou quase todas, eu não me lembro muito bem.

Dona Elza:

O culto à Bandeira era realizado no Padilha aos sábados, mas houve um tempo que era às quintas-feiras, muitas vezes eram ensaiados cantos dentro das classes e apresentados no pátio. Eu não tinha muitas habilidades com canto, quem ensaiava minha turma era professora Ordália, do canto orfeônico. Cada classe apresentava alguma coisa, mas no geral eram os hinos cívicos, ou quando havia alguma data comemorativa específica como o dia da Bandeira, daí, sim, a gente preparava algo para essa data. As crianças sabiam todos os hinos cívicos, elas realmente sabiam cantá-los.

Dona Maria de Lourdes:

Toda semana, nós tínhamos o Culto à Bandeira, realizado no pátio interno. E éramos a Miriam e eu que mais fazíamos festa, uma vez até chegamos a fazer uma festa para um guarda que trabalhava nas ruas próximas ao Padilha, cuidando da travessia dos alunos.

Nós duas fazíamos muitas atividades ligadas ao civismo, e as crianças adoravam.

Quando dona Maria de Lourdes refere-se a “*nós duas*”, a outra é dona Miriam, que além de ser uma escritora, posto que está escrevendo a história de sua cidade natal, Salto de Pirapora, é dona de uma voz lindíssima, assim como dona Maria de Lourdes. Aqui cabe a ressalva, minha visão de pesquisadora é turvada pelas minhas próprias lembranças, estudei no Grupo Escolar Monsenhor João Soares, aqui em

Sorocaba e minha memória está repleta das lembranças das festas cívicas e de como as minhas professoras gostavam de cantar e possuíam vozes muito bonitas.



Dia do culto à Bandeira - no alto o diretor José Garcia Ramos
(Acervo de dona Elza Bracher, ano provável 1970).

Lembrado por quase todas e atribuído o sucesso do evento, a grande participação de dona Meire, foram os chamados Jogos Infantis. Meu primeiro contato com o relato de dona Meire a esse respeito, impressionou-me pela sua emoção, disse-me que havia muito envolvimento de todos nessa festa da cidade de Sorocaba e o Padilha foi o vencedor de vários desses jogos. Seu relato é empolgante:

(...) eu adorava a organização, eram os Jogos Infantis, que eram campeonatos entre as escolas da cidade, com muitas modalidades esportivas, nós, então, fazíamos a abertura dos jogos, ou seja, o desfile de abertura dos jogos. Esse desfile era organizado pelas professoras juntamente com as crianças.

Tudo era muito organizado, nós fazíamos carros alegóricos, no desfile todas as crianças estavam uniformizadas e havia troféus para o melhor desfile. (...) também para os vencedores em cada modalidade esportiva. As escolas que mais venciam essas competições eram o Padilha, Senador Vergueiro, Visconde de Porto Seguro e o Maylaski, essas eram naquela época as escolas mais importantes da cidade. Todas as outras escolas participavam, mas eram pequenas, não ganhavam. Essas festas envolviam a todos, diretor, professoras e alunos.

Na fala de dona Meire não há explicação se havia o envolvimento familiar, mas no relato de dona Dalma sobre o mesmo acontecimento está implícita a participação familiar, posto que havia fantasias, decoração de carros alegóricos e é, praticamente, impossível à família ficar fora disso. O relato de dona Dalma impressiona:

Esse desfile de abertura dos jogos infantis era importante para nós também, pois acompanhávamos todo o cortejo, junto com os alunos. Era gostoso, muito bom. Depois havia os jogos, as competições, mas daí eram os professores que treinavam os alunos que participavam.

Os temas usados nesses desfiles de abertura eram cívicos, históricos. Teve uma vez, uma segunda série que resolveu fazer um caminhão com a 1ª missa rezada no Brasil. Bem, nessa encenação tinha o Frei Henrique Soares de Coimbra, e um aluno levantou e disse que ele seria o frei, eu concordei. Daí surgiu um problema, o cabelo do frei Henrique era apenas uma coroinha de cabelo em volta da cabeça. Ficamos pensando no que fazer. E a preocupação com a roupa e tudo mais. Um dia esse aluno, que seria o frei, me disse que ia fazer uma surpresa. No dia do desfile, ele apareceu com o cabelo cortado como o cabelo do frei. Veja como eles levavam a sério tudo isso que era feito nos desfiles. Os alunos se empolgavam com tudo aquilo e aprendiam sobre a história do Brasil, era uma aula.

Esse aluno da classe de dona Dalma só pôde ter cortado o cabelo com a permissão da mãe, afinal estamos na década de 60 do século XX.



Abertura dos Jogos Infantis de 1961.
Aluna com seu traje típico (acervo de dona Meire).

Dona Maria de Lourdes relata que, numa certa feita, ela e dona Miriam fizeram uma festa para o guarda de trânsito que atravessava as crianças em frente à escola, por conta da aposentadoria daquele policial, que era querido por todos, isso é uma relação comunitária.

Dona Meire, também citou e guardou em seu acervo as lembranças das festas juninas realizadas no Padilha, com a participação da comunidade, a família e, também, faz parte de seu acervo uma lembrança – um mimo - que os alunos faziam para oferecer às mães, na data comemorativa do “Dia das mães”.

Essas professoras relataram a relação profissional que mantiveram no Padilha, e essa relação foi também de amizade, posto que até hoje elas são amigas e realizam um evento chamado “Chá da Amizade”, acontecimento mensal que é realizado na casa de cada participante do grupo, hoje, são, ao todo, doze participantes, dessas doze professoras onze fazem parte dessa pesquisa. Só uma não é participante, dona Volda. Como já explanado, por diversas vezes, essa professora não foi e nem teve formação de professora primária, trabalhou com quase todas, posto que algumas se aposentaram antes de sua chegada ao Padilha em 1980, porém não se integrou ao Chá.

Esse Chá é um orgulho delas, o relato sobre ele foi permeado de muitas falas empolgadas e sorrisos largos. Numa oportunidade, quando o filho mais velho¹⁶ de dona Maria de Lourdes era governador do estado de São Paulo, o Chá aconteceu no Palácio do Governo. Nesse evento, as professoras buscam verba para ajuda comunitária, patrocinam causas beneméritas, além da conversa sobre vida, fazem desse encontro uma forma de mantê-las unidas ao vínculo comum que foi o fato de terem trabalhado no Grupo Escolar Antonio Padilha.

Essa confraria é conhecida em Sorocaba, já tendo sido noticiada na televisão e imprensa locais. Do recorte de jornal, anexado, o qual foi publicado pelo jornal sorocabano “Cruzeiro do Sul”, há de se notar a importância, não só para essas professoras, mas também para a comunidade sorocabana o fato de existir esse tipo de ação social. O mais importante de se ressaltar é que eu só pude dar cabo ao meu trabalho de pesquisa do primeiro Grupo Escolar implantado em Sorocaba, em 1896, porque uma de minhas alunas do Colégio Objetivo, Anna Vitória Fleury, contou-me

¹⁶ Luiz Antonio Fleury Filho governou o estado de São Paulo entre 1991 e 1994

da existência dele, quando eu reclamava da dificuldade de pesquisar essa escola, pela falta de documentos.

No jornal local “Cruzeiro do Sul”, no dia 01/04/1997, a jornalista Ângela Fiorenzano, publicou uma matéria referente a esse “Chá da Amizade”, a qual transcrevo alguns trechos:

Somam trinta anos a convivência desse grupo de professoras do Grupo escolar “Antonio Padilha”, que deu o nome de “Chá da Amizade” ao seu encontro mensal, sempre com uma delas como anfitriã.

Com a aposentadoria do magistério, algumas se dispersaram, mas catorze dessas amigas não deixaram morrer esse momento gostoso, esperado por todas, recheado de felicidade.

Assim há mais de duas décadas, elas que estão aqui se reúnem, usam um espaço da tarde para compartilhar o melhor de suas vidas (entra na conversa a saudade da escola) (...)

Cronologicamente, nomeei todos os diretores que dirigiram o Padilha, nesse recorte temporal do meu trabalho. Mas o interessante foi notar que minhas interlocutoras tiveram sempre um fato para relatar sobre a pessoa do professor Wilson Ramos.

O professor Wilson Ramos Brandão, nasceu em 23 de abril de 1916 em Cravinhos-SP, e era formado pela Escola Normal Livre de Ribeiro Preto em 1937. Assumiu por remoção a direção do Grupo Escolar Antonio Padilha em 1959, no qual permaneceu até 1969.

Fato marcante na vida desse professor e isso vem a referendar o relato de minhas interlocutoras a respeito desse diretor. Em 1968, no então governo estadual de Abreu Sodré, numa campanha sobre limpeza e manutenção de escolas do estado de São Paulo, houve a visita oficial do Chefe de Estado ao Padilha. O governador ficou impressionado com a organização desse grupo escolar. A referência elogiosa ao professor Wilson Brandão pela boa impressão causada ao governador mereceu publicação na primeira página do Diário Oficial em 19 de março de 1968.¹⁷

Na busca aos arquivos do Padilha, na tentativa de fazer um levantamento dos diretores que antecederam o professor Wilson encontrei nas atas escolares as seguintes informações: 1951 – diretor Paschoal Visconti; 1952 – Diretora Substitutiva

¹⁷ Esse fato foi a mim relatado pelo meu companheiro Juca, ex-aluno do Padilha, na busca aos arquivos encontrei a publicação

Olga de Toledo Lara; 1953 – Diretor Paschoal Visconti; 1954 – Diretor Paschoal Visconti; 1955 – Diretor Luiz Conceição Silva; 1956 - Diretor Luiz Conceição Silva; 1957 – Diretor Lauro Orlando de Oliveira. Não encontrei as atas dos anos seguintes, mas, no ano de 1964, numa ata de escolha de livros e leitura, o diretor era Wilson Ramos Brandão. Em 1970, o diretor era o professor José Garcia¹⁸, que permaneceu até 1971. Quando houve a unificação (lei 5.692/71), nesse mesmo ano, assume a direção da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Antonio Padilha o professor Ayrton Reinaldo Steffen¹⁹, que dirigiu a escola até 1989, quando se aposentou, ficando em seu lugar a professora Aimeé De Lolio Machado

Na análise dos dados acima, percebe-se que o professor Wilson é a tônica de todas as minhas interlocutoras, posto que ele trabalhou com elas durante dez anos consecutivos, e a partir de 1971, com o advento da lei 5.692/71, o grupo escolar desapareceu, pelo menos com essa terminologia. O Ensino de Primeiro Grau uniu o primário e o ginásial, a escola para as professoras integrantes dessa pesquisa ficou descaracterizada. Há muito silêncio na fala delas com relação a esse período. Assim sendo, as memórias com relação ao diretor devem ser levadas em conta nesse recorte temporal de 1959 a 1969.

Esse diretor, Wilson Ramos, marcou as lembranças das professoras primárias de maneira indelével, todas tiveram alguma coisa para relatar. Cabe aqui, à guisa de informação, que esse diretor morava nos fundos da escola, onde hoje funciona o prédio atual da Escola Estadual Antonio Padilha, posto que o prédio inaugurado em 1910, hoje, sedia a Delegacia de Ensino de Sorocaba. Professor Wilson, era assim chamado, por todos, tinha em sua casa uma chácara, onde criava alguns animais domésticos tais como: galinha, porcos, cabras e galos de “briga”²⁰.

Nesse espaço doméstico, o diretor misturou o público e o privado, levou a escola para sua casa e a casa para a escola. Como havia muita amizade entre os funcionários do Padilha, naquele momento, essa relação “escola-casa” pode ter parecido normal. Eu não notei nada, na fala de minhas interlocutoras que denotasse qualquer censura ao modo de administrar desse diretor. Nos parágrafos seguintes farei um recorte do que minhas interlocutoras relataram sobre esse tema:

¹⁸ Informação fornecida pela professora Elza Bracher

¹⁹ Essa informação me foi passada pelo próprio professor Ayrton Reinaldo Steffen

²⁰ Legalmente isso é crime, mas houve um tempo em que as rinhas de galo foram muito populares em Sorocaba, sendo colocadas na ilegalidade com o advento da lei de Crimes Ambientais – Lei 9605/98

Dona Ivone Soranz, faz um relato interessante, posto que a sopa mencionada, na sua fala, era feita com as hortaliças colhidas, segundo ela, na horta da casa do professor Wilson. Essa horta surgiu, primeiramente, como castigo aos alunos indisciplinados, mas que fez tanto sucesso que todos os alunos queriam trabalhar na horta, bem como há de extrair esse relato a preocupação do diretor com as crianças carentes que freqüentavam a escola.

O diretor professor Wilson era engraçadíssimo. Ele cuidava muito da alimentação dos alunos. Ele fazia sopa escolar, então, às vezes, tinha criança pobre que não aprendiam nada, não tinham rendimento escolar, as professoras reclamavam e ele dizia assim “não faz mal, eles que venham aqui nem que seja para tomar um copo de sopa, nem que ele não aprenda, pois estamos alimentando essa criança” porque a criança sem se alimentar não aprende. Também nossos alunos não eram só da cidade, vinham alunos que eram da periferia. O diretor cuidava muito dessa parte, também da higiene da escola. Toda classe tinha uma vassoura atrás da porta, pois não era para deixar a classe suja para a professora que viria no próximo período. Ele era exigente nessa parte.

Nesse recorte, há também a reincidência da fala sobre a higiene que o diretor fazia questão de manter na escola.

Na fala de dona Dalma há a constatação de que o professor Wilson foi o grande administrador mostrado pelas professoras, mas que, pedagogicamente, quem dirigia o Padilha era a esposa do diretor. “*A grande diretora do Padilha, ao nosso ver era dona Luiza, a mulher dele, mas quando ele dava seus gritos, ela também obedecia.*”

Dona Maria de Lourdes sobre o tema esposa do diretor: “*O sr. Wilson era uma pessoa boa, sua mulher era sua assistente de direção*”. Esse fato foi relevante na memória de todas, porém algumas quiseram que seu nome fosse omitido com relação a esse assunto.

Sem nomear a professora, mas o fato foi jocoso e merece ser transcrito, pois comprova a tese do entrelaçamento casa-escola-diretor. Uma das professoras iria receber visitas para o jantar, essa muito preocupada, demonstrou sua aflição na escola. O professor Wilson, prontamente, ofereceu vender-lhe um frango para que fosse servido no jantar, agradecimentos, pagamentos e alívio. No entanto, o famigerado frango mostrou-se relutante ao cozimento. Esse fato fez a professora acreditar que havia comprado um galo de briga morto em combate e, devido à

musculatura atlética desse tipo de ave, o cozimento fora impossível. Dia seguinte, reclamações feitas, tudo na normalidade. Mas na memória da professora isso ficou marcado como fato jocoso, apenas isso. Não houve mágoa pelo jantar malfadado.

Na fala dessas professoras nunca notei nada que desabonasse o método administrativo do professor Wilson, numa análise não-fundamentada, posto que foge a área de meu conhecimento, isso pode ser atribuído ao modelo patriarcal imposto à época.

O discurso, numa única tônica sobre o professor Wilson, revela uma pessoa que foi amada, apesar de seus métodos nada ortodoxos de administrar, posto que fazia os alunos limparem a própria classe, entrava no banheiro feminino das professoras para verificar a higiene, o pátio tinha de estar impecável, porém também foi tônica que ele não interferia nas práticas escolares, deixava as professoras à vontade para trabalhar como achavam correto, mas a disciplina tinha de ser mantida na sala de aula, inclusive a porta nunca poderia ser fechada.

Com relação a esse fato de exigência da porta fechada, dona Miriam tem um caso que aconteceu com ela e que, durante alguns dias, estremeceu seu relacionamento com o professor Wilson. Relata que, num dia, o vento fechou a porta de sua sala de aula, ela nem havia percebido, pois estava compenetrada na aula. Num determinado momento, a porta abre-se com um chute do professor Wilson que lhe disse que não admitia aula com a porta fechada. Entre pasmada e assustada, dona Miriam tenta explicar o ocorrido, mas o fato tinha sido traumático para ela.

Devido a isso passou a evitar o contato com o diretor, posto que estava magoada, afinal, foi o vento que havia fechado sua porta da sala de aula. Nesse intervalo, de mágoa e ressentimentos, um dia, o professor Wilson convida-a para ir à casa dele para que dona Miriam tomasse leite de cabra. Desse fato ela lembrou e sorriu.

Encerrando o diálogo entre as professoras e o diretor Wilson Brandão vale citar a fala de dona Valdivia quando de sua chegada ao Padilha em 1962:

O Padilha, nessa ocasião, tinha como diretor o seu Wilson Ramos Brandão um espetáculo de pessoa, como diretor ele amava o Padilha, dava todas as oportunidades, e exigia um bom trabalho, olhava os diários de classe, diariamente, seguia tudo à risca, mas o Padilha funcionava que era um relógio.

Contudo o mote de minha pesquisa foi como essas professoras trabalhavam, como passavam os conteúdos programáticos da série na qual lecionavam, como alfabetizavam, como eram ensinadas a Matemática, a redação, a leitura, além dos detalhes da lição de casa. É notável verificar a variedade de temas que essas professoras usaram para chegar ao seu objetivo escolar na Escola Primária. Qual era? A criança teria de sair da quarta série lendo e escrevendo corretamente, sabendo como montar um texto e trabalhando de forma convincente a Matemática nas quatro operações, incluindo frações.

Nesse contexto, será analisado o que elas faziam como práticas cotidianas, aquelas que norteavam o dia-a-dia de suas salas de aula, seus falares sobre o cotidiano dessa escola é mesclado de idéias e sugestões que o tempo não envelheceu, não tornou fora de moda, ainda são usadas, pois o certo dá resultado é mantido.

Das professoras de primeira série, ou seja, aquelas que durante todo o tempo de Padilha somente trabalharam com alfabetização, eu começo por citar dona Valdivia, sua fala é empolgada, citou detalhes muito ricos de seu cotidiano de alfabetizadora, permeando, inclusive, a passagem pelas mudanças da Lei 5692/71, da qual ela procurou tirar o melhor proveito possível.

“Quando eu peguei a primeira turma ainda não se usava a Caminho Suave, eu não me recordo o nome da outra cartilha, mas era muito ruim. Acho que só um ano eu dei aula por essa cartilha, quando surgiu a Caminho Suave, então achava mais de acordo, mas eu sentia a necessidade da criança enxergar como um todo, porque a nossa língua é silábica não adianta você querer só usar o método global, olha, no Padilha eu devo ter lecionado umas 12 classes de 1º ano (...)”

Com a junção do Curso Primário e Ginásial num ciclo único de oito anos e a chegada do que elas chamaram de Orientadoras Pedagógicas, para dona Valdivia foi um período no qual ela soube lidar com as mudanças, pesou seu conhecimento, o novo que lhe era transmitido e de tudo tirou sua lição para os anos que viriam, após a mudança, eis sua fala:

A Caminho Suave era muito boa, mas houve a temporada das orientadoras pedagógicas, do Ensino Renovado, algumas professoras fizeram um curso de especialização para a aplicação de um método analítico. Era um ensino totalmente visualizado, memorizado ele funcionava muito bem para bons alunos, mas para alunos com mais dificuldade era uma lástima, eles

trocavam letras, trocavam palavras, houve muita deficiência na escrita, eram os anos do remanejamento, onde nós tínhamos de separar as classes pelos níveis de aprendizagem em A, B, C, e D de acordo com o aproveitamento do aluno, as classes C e D eram os com mais dificuldade de aprendizagem, foram uns 5 ou 6 anos. Alguns alunos progrediram, mas a gente chegou a conclusão, que o Português é silábico e as palavras precisam ser aprendidas com a silabação.

Quando o tema é a alfabetização dona Elza também compartilha a mesma opinião de dona Valdivia sobre a silabação, em nosso último encontro, ela foi enfática e disse-me que seus netos demoraram muito para aprender a ler, culpa do método, segundo ela, é necessária a silabação.

No entanto dona Valdivia e dona Elza são as que mais trabalharam com primeira série, as outras em algumas ocasiões, e inegável a clareza de pensamento sobre o tema, quando a conversa é com dona Valdivia, suas lembranças remetem a um tempo que, por ela, não foi esquecido.

Outros temas são interessantes, como o ensino da composição, vale lembrar que quase todas trabalharam com a gravura da qual o aluno extraía suas idéias, mas elas usaram o método de forma criativa.

Dona Maria de Lourdes:

Também havia a descrição e a narração que era feita com os quadros em que o aluno via, fazíamos os comentários do que aquilo sugeria, cada uma falava um pouco e depois inventavam a história. Eu mesma não inventava nada, cada um tinha de fazer de sua imaginação, qual a conclusão que ele tinha chegado com relação àquele quadro que era um reforço visual.

Dona Valdivia, usava a redação para o ensino da gramática aplicada ao texto, hoje método muito apregoado na metalinguagem:

Meus alunos de 4ª série adoravam fazer redação, quando eu apresentava uma gravura, primeiro eu perguntava o que estavam vendo, sentindo, o que eles sentiam com aquilo, e eram sempre gravuras sugestivas. (...) Eu dava liberdade para eles escreverem e trazia tudo para casa, para a correção. Eles faziam a composição numa folha e quando, eu corrigia, ela era passada a limpo no caderno de classe, e quando eu fazia a correção do caderno, às vezes ainda achava algum errinho. Eu tinha um método de correção em classe, fazia o aluno ler seu trabalho em voz alta e, assim, eles percebiam o próprio erro e iam procedendo à correção, e eu ia andando pela classe e supervisionando esse trabalho. Eu também aproveitava essa

correção para fazermos novas concordâncias, novas frases, e assim dava aulas de gramática.

A dona Eunice orgulha-se de que seus alunos sabiam a diferença entre descrição e narração sua fala é forte nesse sentido:

Em Português, eu dava muito bem a diferença entre uma descrição e uma narração, e eles sabiam muito bem preparar os textos, quase todo dia eu pedia um pequeno texto, mais a gramática, claro, o elementar. Liam bem, sabiam interpretar o livro de leitura, também sabiam usar o parágrafo, usavam os pontos de exclamação e de interrogação bem direitinho.

Também é interessante notar nessa fala de dona Eunice, como na de outras interlocutoras, o uso do diminutivo da relatarem suas experiências em sala de aula, posto que trabalhavam com crianças, e na teoria da língua isso denota carinho, coisa especial, trabalho gostoso.

Dona Dalma denota sua satisfação ao dar a aula de redação:

A redação eu dava da seguinte maneira, nós discutíamos muito sobre o tema que ia ser escrito, eu deixava as crianças falarem. Depois de tudo isso, eles elaboravam sua composição. Olha eles gostavam de escrever. O dia de aula passava muito depressa, era agradável.



Gravura usada por dona Valdivia em sua aula de redação. (acervo pessoal).

Outro tópico de relevância é a lição de casa. Todas acham que a sedimentação da aprendizagem vem do reforço que o dever de casa ocasiona, foram muito severas ao criticar o ensino de hoje, que não valoriza mais esse fato.

Para elas, além do reforço da lição de casa, a correção feita em classe era muito importante, posto que essas crianças iam à lousa e lá copiavam o dever que haviam trazido pronto de casa. Dona Dalma, a esse respeito, disse-me que eram verdadeiras aulas particulares essas idas ao quadro negro, havia muita disputa entre os alunos para fosse permitida sua ida.

Já para dona Maria de Lourdes, a lição de casa não deveria ser dada durante as férias escolares, opinião sua bem fundamentada, de que não se devia sobrecarregar o aluno no seu descanso, posto que as famílias viajavam, e que esse dever poderia ficar no pensamento da criança como algo que incomodava muito. Argumenta que teve problemas pelo seu modo de encarar essa prática, mas tem muita certeza de agiu corretamente.

Havia no Padilha a festa da entrega do primeiro livro, isso realmente foi importante para todas. Essa importância revestia-se no fato de havia uma integração da família e nessa festa era total. Esse acontecimento era marcado para o sábado, naquela época havia aula aos sábados, para que a criança pudesse levar para casa esse livro. Esse acontecimento era um ritual de passagem, pois somente os alunos que tivessem vencido todas as etapas da cartilha receberiam o livro. Várias vezes eu interferi na fala de minhas interlocutoras para saber se isso não um motivo de trauma ou de humilhação para a criança. Elas responderam prontamente que isso era normal para essas crianças, elas sabiam que ia ocorrer desse modo.

Dona Ivone explica, muito bem, como era essa “passagem” para o mundo dos leitores, pois no imaginário dessas crianças era esse o significado.

Uma vez nós tivemos uma festa do livro, havia muitos alunos para receberem o 1º livro, pois todas nós tínhamos classes grandes, mais de 40 alunos. E vale lembrar que, naquele tempo, as crianças não vinham preparadas como agora, algumas não sabiam nem pegar no lápis, nós pegávamos na mão dela para ensinar a usar o lápis primeiro de tudo. Então nós demos os livros para quase 400 crianças e, naquele dia, nós recebemos a visita de um Inspetor de Ensino, que aliás era substituto, na verdade, ele era diretor de outra escola e ele fez um comentário “todas essas crianças sabem ler? No meu grupo eu não tenho esse número.” O nosso diretor, Sr. Wilson respondeu que todas sabiam ler, pois estavam recebendo o livro.

Isso ocorreu num sábado à tarde. Nós segurávamos o 1º livro para ser lido na escola, mas entregávamos no sábado para que elas pudessem levar para casa e mostrar aos pais.

Um assunto que afetou mais umas do que outras, foi a mudança na legislação com a criação do Ensino de Primeiro Grau num ciclo de oito anos. Algumas como dona Dalma e dona Valdivia, disseram que aproveitaram o que deu para aproveitar, mas nunca demonstraram qualquer fato modificativo ou impeditivo de suas práticas com a chegada das Orientadoras Pedagógicas. Assim com o dona Eunice, dona Neide e dona Meire, elas nem sequer citaram essa mudança, não foi significativo para elas.

No entanto dona Ivone Soranz, até hoje, inflama-se quando o assunto é prática escolar e esse tema transporta-a à mudança da legislação. Sua entrevista como pode ser lida, no anexo desse trabalho, na íntegra, é permeada pela mudança, mostra sua desolação, insegurança no trabalhar com o novo, o desconforto de lidar com um treinamento, que nem sempre é eficaz.

O desgaste que a mudança ofereceu a dona Ivone é normal num país que quer resolver todos os seus problemas com mais uma legislação, a qual, às vezes, quando chega ao seu destinatário final, é mal interpretada, afetando no seu bojo todo seu referencial teórico, ficando somente o fazer por fazer, o cumprir por cumprir e isso pode ser retirado do desabafo de dona Ivone.

Nessa época da instituição do remanejamento tivemos a presença na escola de Orientadoras Pedagógicas, mas nós professoras tínhamos mais prática do que ela (ih falei coisa que não devia) tanto que nós introduzimos junto a essa “orientação pedagógica” nossos métodos para que tudo desse certo, senão não ia dar nada como elas queriam. Nós sentimos nessa época que nosso trabalho não rendia, as crianças não aprendiam como antes dessa orientação. Não posso explicar o porquê disso, não sei se a prática das orientadoras era uma e a nossa era outra. Mas essa foi a verdade daquilo e assim, nós, as professoras nos unimos, trabalhamos em conjunto para que tudo desse certo e a escola progredisse.

Em outro momento de sua fala, ela volta ao assunto:

Mas voltando ao remanejamento, não sei se hoje ainda existe de promoção automática. A professora da classe fraca começava com a cartilha, eram crianças de cartilha, começavam a aprender a cartilha novamente, mas quando chegava ao final do ano faziam exame como se fosse o 2º ano,

porque elas tinham sido promovidas automaticamente. Era segundo ano de escolaridade, mas não de aprendizado, diziam que era assim que tinha que ser, diziam que quando chegasse no oitavo ano saia mesmo sem aprender, porém já tinha feito oito anos de escolaridade. Mas eu pergunto como é que pode fazer um exame numa criança se não aprendeu aquilo. É um contra-senso.

Finalizando seu desabafo:

As crianças que eram alfabetizadas pelo nosso método, aprendiam a ler e escrever, recebiam o primeiro livro. Um dia acabou essa história de remanejamento, pois as professoras começaram a achar ruim, pois se vai fazer uma coisa, no faz-de-conta. A gente trabalhava muito bem, todas tinham muita prática e fizeram sucesso no Padilha.

Minha prática como professora de Direito Civil, mostra que o brasileiro tem dificuldade na assimilação de novas legislações, ou mesmo pode ser uma aversão cultural a tantas legislações criadas com o intuito de resolver problemas que poderiam ser resolvidos de outra forma. Essa minha análise cabe no caso de minhas interlocutoras que ainda nem haviam assimilado a LDB de 1961 e tiveram que trabalhar e entender a Lei 6952/71.

3.3. O diferente

Minhas interlocutoras tinham liberdade de trabalho na sala de aula, elas sempre usaram essa tônica nas suas falas comigo, tanto é que, mesmo com o apoio dado pelas Orientadoras Pedagógicas, houve um tempo que somente restou da nova legislação o ciclo básico de dois anos, a progressão continuada, mas a sala de aula voltou ao *status quo ante*.

Nesse item quero mostrar como essas professoras foram criativas na sua forma de elaborar a motivação de suas aulas, buscando no seu conhecimento e na aptidão de cada um seu método para que a aprendizagem fosse concretizada.

Dona Meire foi a que me deixou mais espantada com seu relato de metodologia, posto que seu início no Padilha deu-se no ano de 1952. Com a maior naturalidade possível, ela me conta que usava o trabalho em equipe, na qual a nota

mensal²¹ seria dada ao grupo e, portanto, esse tinha de batalhar para que todos aprendessem.

O trabalho em equipe é questionado até hoje, porém dona Meire garante que os pais adoravam esse método, pois as meninas – dona Meire lecionou mais com meninas – ficavam confiantes e prestativas umas com as outras.

Dona Valdivia apesar de ser, entre minhas entrevistadas, a que mais trabalhou com alfabetização, tem no seu relato uma declaração muito interessante. Quando dona Valdivia, trabalhou com quarta série, ela adotou o método da pesquisa. Muito segura do que fez, ela relata que adorava Geografia, e no ensino dessa matéria mostrou ao aluno como seria fazer um trabalho baseado no conhecimento adquirido pela busca em livros e gráficos e material outro, fornecido por ela. Em seu relato há de se notar a veemência de sua convicção:

O Padilha em si tinha pouco material didático, éramos nós que comprávamos, pois sentíamos necessidade. Houve uma vez, quando comecei a trabalhar com 4º ano, que comecei a dar questões para eles responderem em casa. Foi um tumulto, não queriam, pois diziam que era difícil. Mas eu insisti na pesquisa, disse que eles iriam procurar a resposta no livro, pois sabiam ler, escrever e tudo mais. Argumentei que quando se resolve uma questão pesquisando, não se esquece mais e já estudou. Demorou, porque no começo eu pegava o livro, lia uma pergunta e dizia para que procurássemos juntos a resposta no livro. É claro, eu não respondia, apenas indicava onde estava o assunto, pois eram eles quem teriam de formular a resposta.

Olha, eu precisava fazer isso apenas por uns 15 dias, a partir do que eles já faziam sozinhos, mas a correção era demorada, pois vinham muitas respostas. E eu selecionava na lousa aquela que havia ficado mais completa e todos copiavam, ou corrigiam suas respostas. Isso surtia um efeito muito bom.

Houve uma reunião de pais de uma 4ª série que o pai veio e me perguntou qual era meu método, pois ele achava que somente a partir de minhas aulas, o filho tinha começado a aprender se interessar por geografia. Daí eu expliquei que eu não soltava o assunto a esmo, eu ensino como pesquisar. Cada um fazia sua pesquisa e eles próprios sua autocorreção, isso era muito valioso para o conhecimento novo do aluno.

²¹ segundo relato dessas professoras, uma prova oficial no bimestre era elaborada pela direção de acordo com o conteúdo programático de cada série

Dona Neide, de todas as que deram aula para o Curso Primário, foi a única que começou pela Escola Normal. Essa professora, quando ainda era aluna da primeira turma de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras em Sorocaba, hoje, UNISO, foi convidada a dar aula de Psicologia da Educação para as alunas normalistas, na Escola Normal Getúlio Vargas, somente em 1964 é que designada para o Padilha, como professora primária.

Dona Neide, como já citado anteriormente, gostava de dar aulas para os meninos, orgulha-se disso e aproveitando sua experiência no ensino do Segundo Grau, ela cria aulas temáticas para dar andamento ao conteúdo de sala de aula. Explicou-me que, havia dias, seu tema era o futebol, desse modo, toda aula, daquele dia versaria sobre isso, incluindo composições, problemas de matemática, na explicação de Geografia, afirma ela que os meninos adoravam e a aula passava rapidamente.

Dona Neide foi inovadora em relação ao intercâmbio entre seus alunos do primário e os alunos a Escola Normal, até sua fala a esse respeito denota o carinho que teve ao relatar sobre esse assunto:

Apesar de ser corrido, pois eu sempre lecionei na Escola Normal do Getúlio e no primário era uma coisa muito boa, eu fazia intercâmbio, levava as alunas da Escola Normal para as minhas classes e trazia também as crianças para Sorocaba, todos adoravam.

A respeito da alfabetização, também, dona Neide foi única em relatar que não concordava com o método da silabação:

O último ano que dei aula no Padilha foi para uma classe de 1ª série, ah! Eu adorei. Você imaginou a criança aprender a ler e escrever com você, é um sentimento delicioso. Eu sempre quis muito primeira série, mas nunca tinha tido a oportunidade de escolher, pois eu só podia lecionar de manhã, por causa do Getúlio.

Nessa classe de 1º ano, eu usei a cartilha Caminho Suave, também alfabetizei por silabação, mas usei também outros métodos, mas usei o global, aliás eu tentei usar todos os métodos que conhecia, só soletrando eu achava que não dava muito certo. Como eu era pedagoga eu tinha outros conhecimentos, usei tudo o que sabia. Agora criança aprende, não importa o método.

Sábia também foi a última frase de dona Neide, no transcrito acima, posto que a criança tem necessidade de aprender, curiosidade, basta que seja despertada.

As minhas interlocutoras trabalharam numa época que havia o Ensino Religioso, não souberem detalhar muito quando ocorreu, porém aqui cabe uma ressalva de minha experiência como aluna da escola Primária dessa época, no Grupo Escolar Monsenhor João Soares, onde fiz meu Curso Primário, entre 1961 e 1964, também havia o ensino da Religião, mas somente da Católica, aqueles alunos cujos pais professassem outra crença, eram dispensados dessa aula e iam ao pátio.

No Padilha, no recorte temporal entre 1960 e 1970, houve uma diferença significativa no tocante ao Ensino Religioso, pois dona Miriam dava aulas de Religião às crianças católicas e as demais, não importasse a crença, tinham essa aula com dona Eunice, que tem formação Protestante.

Na fala de dona Eunice, eu encontrei muita certeza e também muito carinho do trabalho realizado nesse campo do conhecimento, sua convicção era de que não importava a crença, mas, sim, a humanização da criança.

No Padilha eu dava aula de religião, pois sou evangélica, essa aula era na sexta-feira, eu ficava com as crianças que não eram católicas e ensinava as histórias bíblicas usando um flanelógrafo. O mais estranho era que minhas crianças não queriam sair da minha aula para ir à aula de sua religião, pois gostavam do modo como eu ensinava as histórias da Bíblia, era somente o básico. Nunca fui contra essa ou aquela religião. Também nenhuma mãe reclamou de minhas aulas, mesmo que elas fossem de outra religião, minhas classes eram cheias. Isso estimulava a humanização da criança.

Grande parte de meu recorte temporal, nessa pesquisa ocorreu no tempo da Ditadura Militar. Eu não encontrei eco, nas minhas interlocutoras com relação a esse assunto. Como na minha metodologia de pesquisa eu trabalhei com entrevista semi-estruturada, ou seja, eu explicava a elas o que precisava saber para elaborar meu trabalho, dava um rumo à minha investigação, apesar de trabalhar com histórias de vida. No entanto, todas as vezes que tentei entrar no assunto político, a conversas não fluíram, mesmo a mais politizada delas – dona Volda – disse-me que esse tempo não interferiu no seu trabalho, ao menos ela não sentiu isso.

No entanto, dona Ivone falou sobre isso:

Nem nas reuniões pedagógicas foi citado o momento político, nada, só tratávamos de assunto relacionados com a escola e seu Wilson nos

recomendava que quando a professora chegava no grupo escolar toda a sua preocupação tinha de ficar fora da sala de aula, no portão, não se entra com o problema, eu achava isso muito certo, até hoje acho isso.

Diferente quando o assunto era prática de sala de aula, daí, sim, eu tinha interlocutoras falantes, indignadas, saudosas, vitoriosas, tudo de acordo com a evocação da memória. Essas professoras tornaram-se muito empolgadas em relatar suas memórias, a sala de aula, foi evocada por todas com muita veemência, eu mesma muitas foi tragada pelas minhas próprias lembranças de aluna do grupo escolar narrado, freqüentei a escola primária entre 1961 e 1964.

3.4. O único

Sempre tive um grande interesse, talvez pela minha experiência no Magistério, que já ultrapassa os trinta anos, em saber como os professores resolvem, na prática, aqueles problemas que surgem no inesperado da hora, como controlam sua ansiedade, posto que a surpresa desarma, ainda mais quando se trabalha com crianças de tenra idade.

Desse modo, como parte do que minhas interlocutoras tinham para me contar, eu pedi que elas me relatassem algo que aconteceu em sua sala de aula, ou nas dependências da escola, que fora surpresa, elas não poderiam supor que aquilo fosse ocorrer, mas tiveram de lidar com a situação. Obviamente, elas poderiam relatar mais de um caso, como de fato aconteceu.

A análise desses relatos tem muito de ver com a vida e o modo como essas professoras foram educadas, posto que dona Maria de Lourdes enfrentou, numa reunião pedagógica um juiz de direito que não concordava que ela não desse lição de casa para ser feita durante as férias. Em sua fala, há de se ver, claramente, que ela não se intimidou com a ameaça de ser denunciada junto ao órgão público que fosse responsável por sua suposta insubordinação.

Teve uma única vez que tive um problema com um pai de aluno. Eu não dava tarefa para as férias. E sempre um dia antes das férias, nós fazíamos uma reunião. E havia um juiz que tinha dois filhos na Escola. E o tio desses dois alunos era Delegado de Ensino. Nessa reunião, o juiz que estava presente, perguntou-me por que eu não dava tarefa nas férias, eu

argumentei que eu não achava necessário. No entanto, quando ele falou que era necessária a tarefa, todo mundo aplaudiu.

Então eu perguntei para onde ele viajava nas férias, no que ele respondeu que ia à praia, eu então perguntei se o filho ia fazer a tarefa antes ou depois da viagem, ele respondeu que o filho faria depois. Argumentei que a criança ficaria as férias inteiras pensando na bendita tarefa, e se ele achava que isso seria bom para essa criança. Ele resmungou bastante, e numa certa altura da conversa ele disse textualmente eu exijo, como juiz, aliás estou ordenando que a senhora faça isso, ou seja, dê a tarefa .

Bem eu disse que ele me desculpasse, mas daquela porta de sala de aula para fora ele era juiz, mas dessa porta para dentro quem manda sou eu. Aqui o senhor é pai de aluno. Ele me ameaçou que faria uma reclamação formal junto à Secretaria da Educação. Eu argumentei que eu topava, ele podia fazê-la que eu me defenderia.

A facilidade que dona Maria de Lourdes lidou com essa situação, pode ser analisada pelo ponto de vista dela ser filha de político, seu pai foi prefeito e o marido também. Anos mais tarde seu filho Luiz Antonio Fleury seria governador do estado de São Paulo.

Dona Dalma é uma senhora muito simpática de fala mansa, sempre teve muito cuidado com o que me relatou, pareceu-me sempre disposta a não contrariar regras impostas. O Padilha teve, como já inúmeras vezes relato aqui nesse trabalho, o professor Wilson como diretor. Profissional que exigia que as regras da escola fossem cumpridas à risca. Pois bem, dona Dalma, estava grávida, tinha enjôos freqüentes, quase não conseguia dar aula. Conversou com sua mãe que a aconselhou que colocasse uma bala na boca, pois isso iria aliviar seu mal-estar.

Ficou preocupada, pois era proibido comer em sala de aula, mas resolveu tentar a sugestão da sua mãe, posto que estava muito difícil continuar o trabalho. E assim fez. Mas o que aconteceu depois é digno de ser relatado com palavras textuais:

(...) ia dando a minha aula, lembro-me que era uma classe só de meninas (2ª série). De repente, olho em cima de minha mesa e estava cheia de balinhas que as meninas tinham colocado e todas estavam todas com bala na boca. Daí eu pensei – e agora?

Tive uma idéia, disse às meninas que todos poderiam chupar uma bala, mas nenhum papel de bala poderia ser deixado no chão, pois a limpeza da

escola era nosso orgulho. E assim foi todas fizeram direitinho. E eu não podia proibi-las afinal o professor é o exemplo.

No caso de dona Ivone Soranz é a leitura daquilo que essas professoras sempre disseram sobre a qualidade do ensino oferecido no Padilha, naquela época. Seu relato diz respeito a uma visita de um Inspetor de Ensino, haja vista que também foi relato de minhas interlocutoras que havia rivalidade entre os Grupos Escolares em Sorocaba, mas o relato de dona Ivone a seguir mostra o que realmente aconteceu nesse dia:

Uma vez nós tivemos uma festa do livro, havia muitos alunos para receberem o 1º livro, pois todas nós tínhamos classes grandes, mais de 40 alunos (...)

(...)Então nós demos os livros para quase 400 crianças e, naquele dia, nós recebemos a visita de um Inspetor de Ensino, que aliás era substituto, na verdade, ele era diretor de outra escola e ele fez um comentário “todas essas crianças sabem ler? No meu grupo eu não tenho esse número.” O nosso diretor, Sr. Wilson respondeu que todas sabiam ler, pois estavam recebendo o livro. Isso ocorreu num sábado à tarde.(...)

Bem, na segunda-feira, quando as classes de primeiro ano entraram, lá estava o inspetor, e ele foi de classe em classe mandando a criançada ler e abria o livro em qualquer página e pedia para a criança ler. Teve classe que ele mandou que todas as crianças lessem.

Ele ficou bem quietinho, pois ele fez a escolha em páginas salteadas que as crianças nunca tinham lido e tudo foi muito bem. Nós ficamos encantados, pois as crianças deram um show de leitura!

Vale lembrar que isso ocorreu com crianças de primeira série, isso foi único na opinião de dona Ivone, posto nem ela podia garantir que as crianças sairiam tão bem nessa “prova oral”.

Dona Miriam me relatou que numa ocasião, durante as comemorações do dia da Bandeira, a sua classe foi escolhida pelo professor Wilson pra fazer a apresentação naquele dia. Ela ficou apavorada, pois não havia preparado nada. Nesse instante um aluno disse-lhe que sabia tocar piano (havia um piano de cauda no pátio interno do Padilha). Dona Miriam ponderou, mas deixou que o menino tocasse, foi uma surpresa, todos adoraram, o aluno foi ovacionado. O diretor feliz e dona Miriam mais ainda. O aluno era Fábio Luz, grande músico, hoje, em Sorocaba.

Dona Eunice teve um caso grave de indisciplina, talvez pelo seu temperamento calmo, um aluno indisciplinado foi designado para sua classe. A solução que ela teve para resolver o problema foi criativa.

Também teve o caso do Bento. Esse menino era um problema, era indisciplinado e ninguém mais o queria e ele veio para minha classe.

Bem, eu não tive opção, coloquei o Bento ao lado de minha mesa, e disse-lhe que ele seria, daquele dia em diante, meu auxiliar, era ele quem apagaria a lousa, levaria as comunicações para a diretoria. Ele adorou e nunca me deu nenhum trabalho, acho que ele queria somente atenção.

Dona Volda foi pioneira na inclusão de alunos portadores de deficiência, essa professora trabalhava com o Segundo Grau (terminologia usada a partir de 1971 a 1994), e havia em sua sala de aula um aluno cego, que na primeira prova que fez com ela foi muito mal, não conseguiu elaborar os conceitos filosóficos de sua aula. Seu relato é muito esclarecedor a esse respeito:

Na 2ª série do 2º grau, entrei em contato com um aluno cego. Ele ficava nas primeiras carteiras e parecia entender a matéria Filosofia. Na primeira prova bimestral, em abril, ele apresentou um resultado insatisfatório, após ler sua prova em braile, na classe, para mim. O aluno percebeu que teria de estudar no texto, para entender os conceitos e utilizar a terminologia específica. Ele providenciou que o livro didático fosse escrito em braile na cidade de São Paulo.

Daí em diante, acompanhou a classe e fez provas regulares. Não houve nenhuma facilitação em respeito à capacidade e igualdade do aluno, houve a total inclusão do mesmo à matéria. Numa reunião de pais, sua mãe se apresentou e disse-me que seu filho gostava de mim.

Com a necessidade de ter transformado o manual de Filosofia para a linguagem braile, esse aluno fundou um núcleo onde se faziam transcrições em braile para quem necessitava dessa leitura, na Praça Frei Baraúna.

Quero lembrar que alguns professores comentavam comigo o ato inicial de reprovar o aluno e tratá-lo como os demais. Para mim era essa a única e verdadeira abordagem do problema e tive de fazê-lo enfrentar da melhor maneira possível.

Vale lembrar que, hoje, há muita discussão e literatura a respeito de problemas em sala de aula, mas essas professoras garantiram-me que resolveram todos os seus problemas usando a criatividade e buscando uma solução que fosse boa para o aluno, notei uma grande preocupação com relação a isso, até porque

todas foram uníssonas em garantir a qualidade do aprendizado dessas crianças em relação à leitura.

O silêncio num relato oral pode mostrar grandes coisas, isso é fato. Há as que foram silentes em relação à mudança da legislação, Lei 6592/71. Também houve silêncio, no tocante à manutenção da disciplina na escola, a repetência, a evasão escolar, isso posto como que para exorcizar aquilo que não deve ser lembrado e nem comentado.

Como de fato foi única a lembrança com relação ao professor Wilson Brandão. Claro que houve outros diretores trabalhando com minhas interlocutoras, no período do recorte temporal de 1952 a 1990. No entanto, esse diretor permaneceu durante 10 anos como diretor do Grupo Escolar Antonio Padilha. Fez uma administração voltada para a organização escolar com ênfase para a disciplina, a limpeza, era rígido em suas medidas administrativas. Porém minhas interlocutoras foram unânimes em afirmar que havia, em sua gestão, muita liberdade pedagógica, ou seja, ele não interferia dentro da sala de aula no tocante ao método utilizado, isso deu a elas, muita segurança ao realizar o trabalho.

Com uma de minhas interlocutoras, ao final de uma entrevista, já com o gravador desligado, eu toquei no assunto de como ficou a relação das professoras primárias com as demais que chegaram após a unificação do Primeiro Grau. Relutância ao responder, mas disse-me que, antes, a figura do diretor era muito presente, a organização era ótima; depois a escola cresceu, já não era mais uma escola de elite, tudo ficou mais difícil. Não havia mais aquela forma de convivência anterior, as professoras que chegaram do antigo ginásio, às vezes, chamavam as professoras primárias de “caxias” elas não gostavam. Ela não quis citar nomes, nem quis fazer maiores comentários, as outras nem chegaram a isso.

O máximo que soube da gestão do Padilha, após 1971, foi que elas continuaram a utilizar seus métodos de aula, mantiveram, pelo menos nas séries iniciais (as quatro primeiras) a mesma disciplina, as festas cívicas continuaram, agora, com a participação e organização de dona Volda Lippi. Porém não citaram mais nomes da administração.

Interessante é notar que esse ranço não está presente na fala de dona Volda, ela que chegou ao Padilha em 1980, depois da unificação do Primário e do Ginásio, bem como as professoras primárias viram nela a figura de coesão entre os antigos primário e ginásial. Fácil de entender: dona Volda era quem as ajudava, agora, sem

a presença do professor Wilson, na organização das festas cívicas, isso elas gostavam muito, era muito importante para todas, dona Volda compartilha dessa opinião.

Roberto Da Matta, teoriza essa situação dos rituais, num embasamento antropológico:

Em outros termos, o domínio dos ritos e das fórmulas paradigmáticas que inventam e sustentam personagens culturais é a esfera daquilo que gostaríamos que estivesse situado ao longo ou mesmo fora do tempo. Daí porque os rituais servem, sobretudo na sociedade complexa, para promover a identidade social e construir seu caráter. É como se o domínio ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no sistema de valores. (DA MATTA, 1997, p. 29)

Claro está, essas professoras encontraram a antiga fórmula na ajuda de dona Volda, agora que não mais contavam com a presença do professor Wilson. Queriam manter acesa a chama dos rituais, isso era bem típico da personalidade do antigo diretor e pessoa que admiravam. Manter significava : ele estava ali.

DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando repartimos nossas histórias com os outros, celebramos nossa parte mais humana – ofertamos nossa história como presente. Vera Rosenbluth

Parafraseando meu amigo, José Wilson, também mestre pela UNISO, em 2004, com o trabalho intitulado “A Gestão da escola Municipal Dr. Achilles de Almeida de 1951 a 1991”, trabalho também realizado com história de vida e com o recurso da transcrição, devo dizer que minhas interlocutoras mostraram-me como eram suas práticas escolares no Grupo Escolar Antonio Padilha, também digo, aqui, que foi uma história montada com bases em fatos, numa construção, que mostrou o que o imaginário do povo de Sorocaba conserva a respeito dessa escola.

Longe de mostrar algo inverossímil, o dia-a-dia foi surgindo, com as aulas de leitura, as festas no pátio, as competições com outras escolas, a amizade que, até hoje, une as ex-professoras. Bem como, suas histórias e memórias.

Os relatos foram tão fortes e reais, que, muitas vezes, o leitor mais vivido, desse texto, irá remeter-se à sua escola primária, comparando-a com a que aparece nessa dissertação, ou simplesmente conhecendo-a, caso seja mais jovem, como era essa escola nesse recorte temporal usado.

Fui fiel aos relatos que me foram confiados, assim como quem guarda uma preciosidade, prova disso que junto, nos anexos, a íntegra das conversas ou do que elas escreveram, como prova de fidelidade às suas memórias.

Também me foi permitido, na realização dessa pesquisa, um retorno ao meu tempo de aluna do Grupo Escolar²² como o aqui narrado. Em diversas ocasiões, eu fui me buscar nos anos 60 para que pudesse dar cabo à tarefa de montar essa história, pois havia ficado presa nas malhas de minha própria memória.

Deixo aqui um legado para quem quiser pesquisar essa escola. Aqui está a prova de que já houve um tempo que o Magistério era um sacerdócio. Minhas interlocutoras, em muitas vezes, mostraram-me isso, pois a maioria delas não precisava desse trabalho como professoras para seu sustento, mas nem por isso deixou de realizá-lo com muita dedicação, buscando o melhor de seu conhecimento para aquela sala-de-aula.

²² Fui aluna do Grupo Escolar Monsenhor João Soares de 1961 a 1964, aqui em Sorocaba

Mesmo quando uma delas buscou no Magistério o sustento de sua família para compor sua renda familiar, o fez da maneira mais digna possível, isso lhe rendeu considerações das outras amigas pelo esforço produzido e pela luta em unir a vida profissional e a particular.

No meu trabalho, o mote principal foram as práticas escolares desenvolvidas no Grupo Escolar, entre 1952 e 1990, mas não de uma escola qualquer, mas sim, da primeira a ser criada em Sorocaba, ainda no século XIX, que fez dessa escola tão importante para a cidade de Sorocaba.

Ao longo dessa pesquisa, o leitor pode buscar o ensino que minhas interlocutoras desenvolveram, o carinho com preparavam suas aulas, a dedicação que tiveram para suprir as dificuldades do escasso material didático, a alegria da convivência no local de trabalho. O mérito ao realizar o trabalho de comemoração de suas festas cívicas, isso permeou toda a narrativa.

Não quis, em momento algum, fazer críticas ou buscar respostas, mas sim colher dados, registrar e comparar os relatos. Minha intenção de pesquisa se mostra finda, nesse momento. No entanto, pesquisar sobre o Padilha, não. Ainda há muito a se buscar na reconstrução dessa história.

Quero deixar aqui grafado, como forma indelével, meu agradecimento a todas minhas interlocutoras, pela paciência e pelo carinho que me dedicaram, posto que, durante a coleta de dados, tudo o que não deveria acontecer – aconteceu. Houve fotos perdidas (na digitalização), entrevistas que não gravaram (falta de conhecimento técnico da pesquisadora em operar o gravador), encontros e reencontros nos quais eu tirei-as do convívio familiar. Obrigada Meire, Maria de Lourdes, Eunice, Volda, Ivone, Dalma, Miriam, Neide, Elza e Valdivia.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História oral e experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador**. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (coleção os Pensadores)
- BERNARDO, Teresinha. **Memória em Branco e Negro – Olhares sobre São Paulo**. São Paulo: EDUC: UNESP, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- CAMPOS, José Wilson Sanches. **A gestão da Escola Municipal “Dr. Aquilles de Almeida**. 2004. Dissertação (mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba. Sorocaba, 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- DA MATTA, Roberto. **Carnaval, malandros e heróis**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FERREIRA, Rodolfo. **Entre o sagrado e o profano: o lugar social do professor**. Rio de Janeiro, 1998.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: história oral de vida**. São Paulo: Papirus, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Coleção Leitura.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História oral possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.
- FUNDAÇÃO UBALDINO DO AMARAL – **Sorocaba 350 anos: Uma História Ilustrada**. Série de 20 suplementos especiais do jornal Cruzeiro do Sul . Sorocaba, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **Lês cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Librarie Felix Alcan, 1935.
- JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da educação. Campinas, SP: Autores associados, Sociedade Brasileira de História da Educação, n.1, jan./jun. 2001, p.9-43.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Revista de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP – Trabalhos de Memória. Revista, São Paulo, nov. 1998. Projeto História 17.

MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MENON, Og Natal. **A Educação escolarizada em Sorocaba entre o Império e a República**. 2000. Tese. V.1. (Doutorado em Educação). PUC/SP, São Paulo, 2000.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. 14. ed. Campinas, SP: Autores associados, 1995.

SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: UNESP, 1998.

TOBIAS, José Antônio. **História da educação brasileira**. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1986.

TOMPSON, Paul (1935). **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

DOS ANEXOS

Os anexos foram colocados na mesma ordem das transcrições, isso para facilitar as comparações com o texto que foi transcrito.

As entrevistas partiram de dois pressupostos: a gravação da conversa em fitas magnéticas, ou a entrevistada poderia escrever sua memória numa autobiografia. Isso foi colocado para as entrevistadas e elas poderiam escolher como trabalhar seus relatos.

Não houve consenso, algumas escreveram e gravaram entrevistas, outras somente gravaram. Nesses anexos, não há a interferência do pesquisador na transcrição dos relatos.

As entrevistas não foram feitas em forma de questionário. Apenas levei ao conhecimento, das participantes, o que se buscava para a pesquisa, elas relataram na ordem que quiseram, obviamente, nas transcrições apareceu o olhar do narrador, então, muito do que não foi escrito ou gravado apareceu como memória do que foi ouvido na pesquisa, pela metodologia adotada.

Porém em cada anexo, será listado todo o processo que foi utilizado na elaboração de cada entrevista.

ANEXO A

MARIA APPARECIDA FERREIRA PAVLOVSKY (MEIRE PAVLOVSKY)

Dona Meire, assim gosta de ser chamada e também é conhecida, foi contatada primeiramente via telefone, aliás todas foram. A indicação de dona Meire foi feita por intermédio de dona Dalma.

A primeira entrevista se deu no prédio da Rádio Vanguarda de Sorocaba, onde dona Meire é diretora executiva, desde o falecimento de seu esposo o jornalista Salomão Pavlovsky.

Em conversa telefônica, dona Meire quis gravar entrevista. No dia marcado, no mês de julho, à tarde, com gravador em punho, gravo uma entrevista de três horas. Material farto, dona Meire falou de coração aberto, mas infelizmente eu perdi essa gravação, ou seja, nada do que foi dito ficou gravado, operei mal o equipamento.

Marquei outra entrevista com dona Meire, agora em sua residência, numa noite da semana seguinte à malfada gravação anterior. Tomamos um lanche, era começo de noite. Nesse dia, dona Meire apenas quis falar de sua vida profissional no Padilha, toda a riqueza de informação que tinha dado anteriormente foi censurada por ela. Marcamos um outro dia para que eu passasse na Rádio e pegasse uma pequena autobiografia que ela me faria.

Nesse texto na íntegra, o que está grafado em itálico corresponde ao texto escrito, o resto foi gravação feita em fita magnética

MEIRE PAVLOVSKY

Meu nome é Maria Aparecida Ferreira Pavlovsky, conhecida como Meire Pavlovsky, nasci em Piraju em 20/12/1928, cursei a Escola Primária no Grupo Escolar Prudente de Moraes e no Grupo Escolar Marechal Floriano, os dois em São Paulo, capital.

O antigo curso ginasial fiz no Colégio Santa Escolástica (1ª e 2ª séries) e no Ginásio Estadual de Taubaté (3ª e 4ª séries). O curso Pré-normal foi feito na Escola Municipal Dr. Getúlio Vargas, em Sorocaba, mas concluí a Escola Normal “Caetano de Campos”, na Praça da República, São Paulo, capital.

Me formei professora primária em 1948, fiz um curso para a Escola Típica Rural e fui para Campo Largo, hoje, Araçoiaba da Serra, lá trabalhei como substituta efetiva na Escola do Bairro retiro, de 1º estágio.

Inscrevi-me no concurso para escolha nas escolas Típicas Rurais e escolhi o Grupo Escolar de Maristela, no município de Laranjal Paulista.

Em 1949, morando em Sorocaba e já casada com o jornalista Salomão Pavlovsky, tomei posse na Escola Industrial criada pela Companhia Nacional de Estamparia, escola essa que era freqüentada pelos filhos dos operários da fábrica.

Em 1952, essa escola foi anexada ao Grupo Escolar Antonio Padilha, onde permaneci até 1978, quando me aposentei, lecionei para as 1ª, 2ª e 4ª séries femininas.

As 1ªs séries eram a alfabetização é claro, as crianças vinham para a escola sem ao menos saber pegar no lápis, raríssimas tinham o período do pré. Mas a maior parte da minha vida foi com 4ª série feminina, e a minha classe era diferente das demais, aliás eu era uma professora diferente, e também trabalhava porque gostava do Magistério e gostava das meninas, com elas eu fazia jogos, campeonatos, brincadeiras na classe.

As classes no Padilha tinham seis fileiras de carteiras, então eu dividia a classe em filas e chamava a melhor aluna de cada fila, então eu tinha as seis melhores notas da classe, todo o mês eu fazia isso. Essas meninas vinham a frente e elas escolhiam suas companheiras de trabalho, claro por serem muito espertas, escolhiam as mais fortes para sua equipe, e as que tinham um aproveitamento menor acabavam sendo escolhidas por afinidade com a equipe.

Então essas meninas formavam as equipes que iam trabalhar como se fosse um jogo, como basquete ou vôlei, e elas sabiam disso, e durante todo o mês, elas jogavam pelas notas, pelo estudo, pelo trabalho que faziam em casa, tudo, enfim, era avaliado e quando chegava ao final do mês, eu computava as notas, era outra classificação e, aí, a equipe que tinha alcançado os melhores resultados era premiada, claro, todas da equipe recebiam prêmios, que podia ser lápis de cor, estojo, carimbos, enfim coisas de uso na escola. Era esse meu trabalho diário, tanto que as substitutas não gostavam de pegar a minha classe, numa eventual falta minha.

O argumento era de que as meninas eram muito irrequietas, claro, elas eram muito espertas, vivas, lutavam por suas notas. Com isso, as alunas que tinham um rendimento mais baixo eram acompanhadas pelas colegas, pois o sucesso delas dependia de todas, então essas eram tuteladas pelas mais capacitadas no currículo ensinado. Afinal todas queriam o primeiro lugar. Até hoje, se alguma ex-aluna minha for questionada sobre meu método, elas vão dizer que aprendiam muito com isso, a classe ficava muito uniforme.

Nas minhas aulas, eu não usava o canto, pois não tenho voz para nada, infelizmente, é o meu maior complexo. Mas na hora do canto, nós tínhamos a professora de música, Dona Ordália, que era um espetáculo, dona de uma voz maravilhosa, ela tinha o Coral da escola, que era magnífico.

As meninas desenhavam muito, mas eu não dava trabalhos manuais. As crianças gostavam de ler, já no 1º ano, quando recebiam o 1º livro, em meados de agosto, elas estavam alfabetizadas, lendo e interpretando textos, imagine como chegavam a 4ª série, era um espetáculo a leitura daquelas crianças.

Com relação a 1ª série do primário (antiga denominação), era muito gratificante trabalhar com elas, é a satisfação de você ver a criança chegar à escolas em saber nada, sem saber pegar no lápis, sem saber fazer bolinha e chegar ao final do ano lendo e alfabetizada. Isso, sem falar da matemática, pois elas faziam as continhas muito bem, claro, as mais elementares. Olha, eu não tinha reprova, as minhas criancinhas passavam todas.

Olha, eu tive somente uma classe de meninos, você sabe que o Padilha foi referência de boa escola em Sorocaba, era uma escola de elite, e também não havia a moda das escolas particulares, então todas as crianças da elite estavam lá, incluindo as mais carentes também, todos aprendiam da mesma maneira. Bem,

quando eu peguei essa classe de meninos, as mães fizeram um abaixo-assinado e voltei a trabalhar com as meninas.

É bom que se diga que ali no Padilha se concentravam as melhores professoras da cidade, comprometidas com a educação e que trabalhavam no magistério porque gostavam, pois a maioria delas, era casada e não dependia do próprio salário para seu sustento, era mesmo uma ligação de amor ao magistério.

Meu pai foi Delegado de Ensino no estado de São Paulo, e eu me lembro que um dia ele trouxe uma visita de São Paulo, era um sábado, pois nós dávamos aulas aos sábados, eu estava em sala de aula e meu pai aproveitou a passagem pela cidade pra me ver, e o Padilha estava lindo, impecável, o diretor, nessa época, era o seu Wilson. O pátio limpo, não havia um papel no chão. Porém quando houve a unificação, o Padilha perdeu toda a graça, toda a beleza.

No pátio interno, era onde realizávamos nossas festas, inclusive as festas juninas que eram lindas, muito bem organizadas, com a participação, inclusive, das famílias dos alunos.

Outra coisa que eu adorava a organização eram os Jogos Infantis, que eram campeonatos entre as escolas da cidade, com muitas modalidades esportivas, nós, então, fazíamos a abertura dos jogos, ou seja, o desfile de abertura dos jogos. Esse desfile era organizado pelas professoras juntamente com as crianças.

Tudo era muito organizado, nós fazíamos carros alegóricos, no desfile todas as crianças estavam uniformizadas e havia troféus para o melhor desfile e também para os vencedores em cada modalidade esportiva. As escolas que mais venciam essas competições eram o Padilha, Senador Vergueiro, Visconde de Porto Seguro e o Maylaski, essas eram naquela época as escolas mais importantes da cidade. Todas as outras escolas participavam, mas eram pequenas, não ganhavam. Essas festas envolviam a todos, diretor, professoras e alunos.

No Padilha, todos éramos muito felizes e empenhados com a escola.

ANEXO B

MIRIAM CESAR BAPTISTA

Com dona Miriam o contato telefônico forma dois. Essa professora foi indicada, primeiramente, pela minha aluna do Colégio Objetivo – Unidade Portal da Colina – Sorocaba, Renata, de quem é neta. Porém dona Miriam é muito amiga de dona Maria de Lourdes Fleury e essa fez questão que dona Miriam fosse uma das integrantes da pesquisa, opinião das mais valiosas, devido à riqueza de informações colhidas desse relato.

Marquei uma visita à casa de dona Miriam numa terça-feira, à noite, segunda semana do mês de julho. Nossa conversa durou três horas e nada foi gravado, apenas expliquei com detalhes minha pesquisa e dona Miriam optou por escrever sua autobiografia, por isso todo o texto anexado está grafado em itálico

Na transcrição, há trechos de nossa conversa, que, ao todo, formam três.

MIRIAM CESAR BAPTISTA

Meu nome Miriam César Baptista, nasci no dia 31/05/1932 (em plena Revolução Constitucionalista, meu pai foi um valente soldado), em Salto de Pirapora, na época uma pequena vila, um distrito de Sorocaba, sem água encanada e sem luz elétrica. Esses melhoramentos só chegariam em 1945.

Meus pais eram Lauro Magno César e Adalgisa Dias Baptista. Quando nasci, meus pais eram jovens; minha mãe mais enérgica, mas uma boa mãe; meu pai alegre e brincalhão. Nasci na casa de meus avós maternos, uma casa grande (vinte cômodos), quintal com muitas árvores frutíferas e ornamentais, um imenso jardim com uma gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Sou filha única, mas éramos dezoito (primos e primas) mais ou menos da mesma idade. Sempre os considerei como irmãos e irmãs. A casa da vó Marica era cheia de netos. Tive uma infância muito feliz, conhecia todo mundo brincava muito e, desde pequena, sabia andar a cavalo.

Entre para uma Escola isolada no ano 1939, com seis anos e meio. Minha primeira professora chamava Irmã Graner Carine, era casada com o Pedrão, um grande amigo de meu pai. Fui aluna de D. Irmã durante três anos, na quarta série minha professora foi D. Matidia Tavares. Em 1941, foi inaugurado o primeiro Grupo Escolar. A primeira diretora era da cidade de Aparecida do Norte, seu nome era Verônica Ferreira, era bonita e elegante, mas muito brava.

Naquela época, o diploma de quarta série era muito valorizado, quem tirava esse diploma já conseguia arrumar trabalho. A festa da entrega do diploma de 1942 foi linda, com cantos, bailados, teatro etc. Havia uma música muito bonita e triste (Adeus Escola), muita choradeira na despedida.

Como em Salto de Pirapora eu não podia continuar os estudos, vim estudar em Sorocaba com as monjas Beneditinas no Colégio Santa Escolástica. Fiquei interna no colégio dois anos, meu pai sempre me visitava e, uma vez por mês, eu ia para casa. Nessa época, no Colégio, havia cem alunas internas, eu era uma das menores, pouco mais de dez anos. Não podemos esquecer que era tempo da Segunda Guerra e a vida estava difícil.

Em 1945, meus pais vieram morar em Sorocaba, eu continuei estudando no Colégio, mas como aluna externa. Guardo do Colégio e das irmãs as melhores lembranças.

Em 1950, recebi o diploma de professora. No dia da colação de grau, às oito horas houve uma missa festiva, na saída, ajoelhei-me no altar de Nossa Senhora e disse: -Mãe querida, de agora em diante minha vida vai ser diferente, cuida de mim, abençoa minha via, abençoa meu trabalho” Ela ouviu minha prece, pois lecionei trinta e seis anos, não me cansei, não enjoei das crianças.

Comecei a lecionar como substituta num Grupo Escolar de Sorocaba, em fevereiro de 1951. Em março, fui com uma prima e uma amiga procurar trabalho em Registro. A viagem até lá era longa, saímos de Sorocaba às 7 h e chegamos às 16 h. O professor Altamir lecionava em Registro e era nosso amigo, ele nos apresentou ao diretor. Professor Roberto era seu nome, ele designou minha prima Milady para o Bairro de Carapinga, a Maria José para Taquaruçu e eu para Guaviruva, um lugar que não tinha estrada, só era possível chegar de ferro-bote descendo o rio Ribeira.

O Altamir ficou com pena e intercedeu por mim, o diretor, então, mandou-me para Taquaruçu a qual distava dezessete quilômetros de Registro. Para chegar até a escola Grupo Escolar Pascoal Greco, era muito ruim a estrada, na verdade, era um pântano, não tinha condução que chegasse até lá. Quase todos os alunos eram de origem japonesa, porém em julho perdi a substituição, pois a professora titular voltou.

Voltei a trabalhar em Sorocaba, numa escola municipal Jardim da Infância Nossa Senhora Consolata.

Em agosto de 1952, casei com um professor que lecionava no quartel, seu nome era Geraldo. Em setembro de 1953, nasceu nossa primeira filha. Nessa época, fui substituir em Salto, ia de ônibus levando a criança, mamadeira, cadernos etc.

A próxima substituição foi em Lavras Velhas, foi o tempo mais difícil. Saía de casa às quatro Meira da manhã, um caminhão passava me pegar, eu ia no meio entre o motorista e mais dois homens. Nunca comi, passava o dia todo com um lanche que eu levava de casa. A escola era muito pequena, com janelas de madeira, se chovia ou ventava e precisava fechar a janela, não podia dar aula, pois não havia luz elétrica, nessas oportunidades eu aproveitava para cantar com as crianças. Só

tinha uma lousa pequena e eu lecionava, primeira, segunda e terceira série, o pior – não tinha privada.

Para voltar para casa era uma agonia. Se algum caminhão carregado de pedra ou cal tivesse a boa vontade e parasse, eu pedia carona e voltava para casa. Nessa época eu estava grávida de minha filha.

Em 1955, consegui ingresso no Magistério. Escolhi a escola a Ressaca. Ficava quinze dias na escola, com duas filhinhas. Meu pai ia nos buscar de jipe, a estrada era péssima, tinta quilômetros de Salto mais ou menos.

No início de 1957, fui transferida para o Bairro do Calcife, bem perto de Sorocaba, oito quilômetros mais ou menos. Havia ônibus como transporte, já foi mais tranqüilo. Em agosto de 1958, por união de cônjuge fui nomeada para o Padilha.

Meu Deus! Fiquei apavorada, sabia que o Padilha era o Grupo da Elite e eu só acostumada com a zona rural, com o povo simples, como ia conseguir me adaptar? Quando fui tomar posse, a querida Maria Joana muito alegre e brincalhona me apresentou às colegas e ao diretor. Foi só medo! Todas as colegas foram muito gentis e eu me adaptei rapidamente. Na época, eu era uma das mais jovens. O diretor era o Prof. Lauro de Oliveira (seu Laurinho, como era chamado).

Por longos anos tivemos a felicidade de ter como diretor o prof. Wilson Ramos Brandão e como assistente, sua esposa, profª Luiza Guilhermina Araújo Brandão. O seu Wilson tinha um modo muito especial de dirigir a Escola. Gostava muito de música e poesia, todas as quintas-feiras, todas as classes reuniam-se no pátio onde havia um piano de cauda, ele conversava com os alunos, aconselhava, incentivava-os. Cantavam o Hino Nacional, o Hino à Bandeira e sempre tinha um canto novo e poesias novas. Havia a horta cuidada pelos alunos, uma deliciosa merenda, festa de entrega do 1º livro.

O prof. José Garcia foi também um bom diretor. O prof. Roberto Sergio Baptista também foi nosso diretor, era muito bom e competente. Foi convocado para um trabalho na Delegacia de Ensino e eu fiquei em seu lugar por vários meses. Quando houve a integração da escola primário com o antigo ginásial, o prof. Airton ficou na direção. A escola nunca mais foi a mesma, não pela direção, mas tudo ficou diferente.

Até a época em que me aposentei, em 1986, várias professores e professoras ficaram na direção do Padilha.

Como era o ensino em minha época? Muito bom, com ótimos resultados, na minha opinião. Professoras excelentes como Aparecida Levy (exímia violonista), Aparecida Marins, Maria Benedita Santos, Valdívia, Célia Vendramini, Ilze de Camargo, Eugênia Moreira, Therezinha Parducci, Maria Joana Piccini e muitas outras.

Eu sempre procurei dar alegria a meus alunos, se percebia que estavam cansados ou aborrecidos, parava a aula, contava uma estória, fazia a dramatização da mesma, cantava alguma canção e depois retornava a aula. Sempre achei que a música, a poesia e as estórias ajudavam muito na aprendizagem. Nas datas comemorativas procurava globalizar todas as matérias.

Fui coordenadora do ensino religioso durante muitos anos. As aulas eram ecumênicas e auxiliavam muito na educação das crianças.

As festas no dia Nacional de Ação de Graças (última quinta-feira de novembro) eram lindas. As professoras Maria de Lourdes Fleury e Volda ajudavam muito na organização.

A amizade das professoras da velha-guarda é muito grande, temos o Chá da Amizade no qual nos reunimos mensalmente há mais de 30 anos. É uma reunião muito agradável cada mês em casa de uma. Estamos sempre unidas nas horas felizes e nas horas tristes. Sempre iniciamos nosso chá com uma oração de agradecimento, e todas as reuniões arrecadamos dinheiro para ajudar pessoas carentes.

Aposentei em 1986, depois de aposentada, sempre tive uma vida ativa. Sou Ministra da Eucaristia desde 1983. Faço parte da Pastoral da Saúde. Visito mais ou menos doze doentes ou carentes por semana. Sou também presidente do Apostolado da Oração, faço um trabalho com sessenta e três pessoas.

Sou viúva, tenho três filhas: Laura (diretora de escola), Flávia Adalgisa (jornalista), Miriam Elena (pedagoga de excepcionais) e Geraldo (economista e advogado). Tenho cinco netas, três netos e um bisneto.

Graças a Deus e a Nossa Senhora sou muito feliz, amo a vida e não temo a morte.

ANEXO C

IVONE SORANZ

Com dona Ivone tive apenas dois contatos, um por telefone e outro no qual gravamos nossa entrevista. Fui recebida em seu apartamento na zona central da cidade onde ela reside com uma irmã mais velha, com a qual logo fiz amizade também.

Dona Ivone mostrou-se de início um pouco reservada, mas logo se soltou e gravamos três horas de conversa. Ela não quis escrever e foi a que mais falou sobre a mudança de legislação que unificou o primário e o ginásio, aí sua fala ficava exaltada, mudava totalmente seu jeito calmo de falar.

IVONE SORANZ

Trabalhei no Grupo Escolar Antonio Padilha de 1959 a 1977, lecionava para o 1º ano. Gostava mais de trabalhar com as meninas, mas trabalhei muito com os meninos. Também fui aluna da Padilha. Trabalhei de 1950 a 1958 no Grupo Escolar Baltazar Fernandes.

Nasci em Sorocaba em 05 de abril de 1924 (sou novinha), as primeiras quatro séries do grupo escolar estudei no Padilha, depois fui estudar no Estadão, onde cursei o antigo ginásio e depois fiz a Escola Normal no Getúlio Vargas. Ingressei como professora em 1948, em Penapólis onde fiquei por meio ano e depois fui transferida para Timbóris, aí fiquei por um ano e ano seguinte, 1950 vim para o Baltazar Fernandes, por permuta. Nessa escola por 7 anos lecionei para o 1º ano e um ano foi para o 3º ano.

Em 1959, eu vim para o Padilha, nesse ano peguei uma classe mista de 4º ano e já no ano seguinte peguei 1º ano e fiquei até 1977 lecionando para o 1º ano. Alfabetizando sempre, com classes numerosas a gente ensinava até sem cartilha, houve um tempo no qual eu conversei com o diretor e pedi autorização para alfabetizar sem a cartilha e ele respondeu que podia *“faça como você quiser é até melhor”*. No entanto, depois eu precisei adotar a cartilha, pois tinha de haver remanejamento de classe, então todos os professores tinham de ter a mesma cartilha, porque todos os professores tinham de ter a mesma maneira de ensinar para que depois a criança não se atrapalhasse, quando fosse remanejada.

O remanejamento de classe era o agrupamento dos alunos por nível de aprendizagem, ou seja, os melhores com os melhores e os ruins com os ruins, ou melhor, os que tinham dificuldade de aprendizagem deveriam ficar numa mesma classe. Isso se justifica porque, antes desse remanejamento, as classes eram divididas internamente pelo grau de aprendizado fraco, médio e forte.

Nessa época da instituição do remanejamento tivemos a presença na escola de Orientadoras Pedagógicas, mas nós professoras tínhamos mais prática do que ela *(ih falei coisa que não devia)* tanto que nós introduzimos junto a essa “orientação pedagógica” nossos métodos para que tudo desse certo, senão não ia dar nada como elas queriam. Nós sentimos nessa época que nosso trabalho não rendia, as crianças não aprendiam como antes dessa orientação. Não posso explicar o porquê

disso, não sei se a prática das orientadoras era uma e a nossa era outra. Mas essa foi a verdade daquilo e assim, nós, as professoras nos unimos, trabalhamos em conjunto para que tudo desse certo e a escola progredisse.

Existia muita amizade entre nós, as professoras, e também tive classes bem boas fortes e fomos indo. Sim, havia dificuldades de aprendizagem, algumas crianças tinham muita dificuldade para aprender, como eu já disse a classe era dividida em 3 sessões: A, B, e C. Então a sessão A era das crianças mais fracas, elas tinham aula separado, era a mesma matéria, mas sempre mais atrasado, em outro ritmo, então à medida que a criança ia se desenvolvendo a gente ia passando para a outra sessão das elites da classe, também a gente trabalhava bastante com essas crianças fracas e muitas delas conseguiram se recuperar. Algumas não.

Tanto é que um dia eu disse para o Diretor, Sr. Wilson, que eu não achava certo o remanejamento de classes porque numa classe heterogênea a criança fraca da sessão A vê que a outra está aprendendo e tem o estímulo – *também quero aprender* – mas numa classe que ninguém aprende. O remanejamento foi pro conta de uma nova orientação pedagógica, mas também houve outra investida desse remanejamento em outra ocasião, no entanto parece que não estava dando certo e tudo voltou a ser como era antes, com as classes divididas em três sessões.

Eu sempre achei que a divisão dentro da classe funcionava melhor, com toda certeza, apesar de eu ter tido a felicidade de sempre de pegar classe forte, eu não me lembro de ter pego uma classe fraca. Mas eu tinha colegas que trabalhavam em classes fracas, e nessas classes faltava o estímulo para a criança, apenas duas ou três crianças saíam dessa turma fraca com algum aprendizado. Em contrapartida, das classes médias e fortes o aprendizado era quase que na sua totalidade.

Mesmo com a divisão de classes em sessões, as crianças chegavam ao final do 1º ano sabendo ler e escrever, porém algumas não conseguiam, mas eram poucas. Essas crianças eram reprovadas.

Porém quando houve o remanejamento, também houve a promoção automática (*hoje, Progressão Continuada*), uma coisa que eu nunca fui de acordo, porque as crianças passavam de ano, mesmo os da classe fraca eram promovidos.

Então a professora da classe fraca começava a cartilha. Quando a criança acabava a cartilha ela pegava o primeiro livro. Aliás havia uma festa da entrega do primeiro livro. Nem todas as crianças pegavam o primeiro livro, pois as mais fracas pegavam depois, pois elas não podiam acompanhar a leitura. As minhas classes

eram muito boas, então poucas crianças ficavam sem pegar o livro, as que pegavam o livro mais tarde era sem festa.

Mas voltando ao remanejamento, não sei se hoje ainda existe de promoção automática. A professora da classe fraca começava com a cartilha, eram crianças de cartilha, começavam a aprender a cartilha novamente, mas quando chegava ao final do ano faziam exame como se fosse o 2º ano, porque ela tinham sido promovidas automaticamente. Era segundo ano de escolaridade, mas não de aprendizado, diziam que era assim que tinha que ser, diziam que quando chegasse no oitavo ano saia mesmo sem aprender, porém já tinha feito oito anos de escolaridade. Mas eu pergunto como é que pode fazer um exame numa criança se não aprendeu aquilo. É um contra-senso.

As crianças que eram alfabetizadas pelo nosso método, aprendiam a ler e escrever, recebiam o primeiro livro. Um dia acabou essa história de remanejamento, pois as professoras começaram a achar ruim, pois se vai fazer uma coisa, no faz-de-conta. A gente trabalhava muito bem, todas tinham muita prática e fizeram sucesso no Padilha.

O diretor prof. Wilson era engraçadíssimo. Ele cuidava muito da alimentação dos alunos. Ele fazia sopa escolar, então, às vezes, tinha criança pobre que não aprendiam nada, não tinham rendimento escolar, as professoras reclamavam e ele dizia assim *“não faz mal, eles que venham aqui nem que seja para tomar um copo de sopa, nem que ele não aprenda, pois estamos alimentando essa criança”* porque a criança sem se alimentar não aprende. Também nossos alunos não eram só da cidade, vinham alunos que eram da periferia. O diretor cuidava muito dessa parte, também da higiene da escola. Toda classe tinha uma vassoura atrás da porte, pois não era para deixar a classe suja para a professora que viria no próximo período. Ele era exigente nessa parte.

Havia culto à bandeira todo o sábado, no começo era às quintas-feiras, mas depois passamos a trabalhar aos sábados e daí o culto era aos sábados. As crianças recitavam, cantavam e ele (prof. Wilson) estava ali presente.

Eu não me utilizava da música e da poesia para ensinar, eu usava meu material e a escola não tinha tanto atrativo como hoje, pois agora há computação, mas naquele tempo a gente fazia cartazes ou qualquer do gênero para incentivar. E acho que a escola era atrativa com nossos métodos, pois as criança gostavam de ir à escola, e já havia televisão era de se admirar que ela ainda gostasse de ir

estudar. Era um prazer quando eles aprendiam alguma coisa, pois criança gosta de aprender.

Uma vez nós tivemos uma festa do livro, havia muitos alunos para receberem o 1º livro, pois todas nós tínhamos classes grandes, mais de 40 alunos. E vale lembrar que, naquele tempo, as crianças não vinham preparadas como agora, algumas não sabiam nem pegar no lápis, nós pegávamos na mão dela para ensinar a usar o lápis primeiro de tudo. Então nós demos os livros para quase 400 crianças e, naquele dia, nós recebemos a visita de um Inspetor de Ensino, que aliás era substituto, na verdade, ele era diretor de outra escola e ele fez um comentário *“todas essas crianças sabem ler? No meu grupo eu não tenho esse número.”* O nosso diretor, Sr. Wilson respondeu que todas sabiam ler, pois estavam recebendo o livro. Isso ocorreu num sábado à tarde. Nós segurávamos o 1º livro para ser lido na escola, mas entregávamos no sábado para que elas pudessem levar para casa e mostrar aos pais.

Bem, na segunda-feira, quando as classes de primeiro ano entraram, lá estava o inspetor, e ele foi de classe em classe mandando a criançada ler e abria o livro em qualquer página e pedia para a criança ler. Teve classe que ele mandou que todas as crianças lessem. Quando ele chegou na minha classe, ele escolheu apenas algumas crianças para lerem, eu tinha um sobrinho que era meu aluno, e ele veio até mim e disse *“tia ele não mandou eu ler”*, no que eu disse para ele ir até o inspetor e pedir para ler. Ele foi e falou ao inspetor que queria ler para ele e leu muito bem, por sinal.

Ele ficou bem quietinho, pois ele fez a escolha em páginas salteadas que as crianças nunca tinham lido e tudo foi muito bem. Nós ficamos encantados, pois as crianças deram um show de leitura!

O livro de leitura era entregue no 2º semestre, no 1º semestre era a cartilha, Eu não me lembro o nome de nenhum desse livro, cada ano era um livro. A cartilha nos últimos tempos era a Caminho Suave.

Com relação à disciplina na sala de aula, era muito boa também eu fazia trabalhar, eles não paravam porque a criança não pode parar, parou conversa e faz bagunça. E eles trabalhavam muito.

Uma coisa que me recordo com relação à Orientação Pedagógica é que elas davam um a série de números e os alunos tinham que fazer o enunciado do problema de matemática, isso eu achei muito interessante porque eles mesmos

redigiam o problema com os números que você dava , teve alguma coisa interessante nessa Orientação Pedagógica que nós pudemos aproveitar. Com relação à leitura essa orientação foi silente. Mas com relação à alfabetização, houve mudança no método que consistia da sentença para o alfabeto, e não era isso o que fazíamos para alfabetizar.

Nosso método era primeiro a sílaba e depois a palavra e por último a oração. Nós achamos necessário que eles aprendessem pela silabação, que depois poderiam ler qualquer palavra. Com o método da oração a criança decorava a oração, não sabia lê-la. Eu não concordava com isso, afinal nossa língua é silábica. Quando foi posto termino a essa orientação, o método da alfabetização voltou a ser silábico até eu sair em 1977, usei esse método novamente. Elas ficaram apenas um ano.

Com relação à Ditadura Militar não notei nenhuma modificação na escola e nem houve nenhuma recomendação por parte do Diretor, nós ouvíamos falar , mas nada mais que isso, nem fora da escola, não notei nada de diferente.

Durante os anos de magistério eu quase não lia, pois tinha muito trabalho para fazer em casa, mas lia alguns didáticos, de recreação e o Jornal “O Estado de São Paulo”, meu irmão que morava conosco era assinante e por isso eu tinha acesso ao jornal, também lia o jornal da cidade “Cruzeiro do Sul”, lia mas nunca a política influenciou minha vida ou minha sala de aula.

Na escolha do livro de leitura, nós éramos livres, o diretor não nos influenciou me nada, escolhíamos o que gostávamos, alguns nós repetíamos no ano seguinte, por termos gostado muito.

Nem nas reuniões pedagógicas foi citado o momento político, nada, só tratávamos de assunto relacionados com a escola e seu Wilson nos recomendava que quando a professora chegava no grupo escolar toda a sua preocupação tinha de ficar fora da sala de aula, no portão, não se entra com o problema, eu achava isso muito certo, até hoje acho isso. O Sr. Wilson era muito paternalista, muito amigo, nós gostávamos dele.

ANEXO D

DALMA SINISGALLI KALIL

Dona Dalma me foi indicada como professora do Padilha por dona Volda, fiz meu contato por telefone, com fiz com as demais. Entrevistei dona Dalma na última semana de julho e tivemos mais dois encontros na primeira semana de agosto. Todas as entrevistas foram realizadas em seu apartamento, onde vive sozinha, na região central da cidade.

No primeiro encontro eu apenas conversei com dona Dalma durante três horas, no segundo encontro eu peguei seu texto escrito e, no terceiro, gravei duas horas de entrevista em fita magnética.

Nas nossas conversas com o gravador desligado e, portanto, informais fico sabendo que dona Dalma foi casada com Doutor Gelson Kalil, grande professor de Propedêutica da faculdade de Medicina de Sorocaba (PUC) e também foi o cardiologista de minha mãe, dona Cida Meira, tantas coincidências somente facilitaram meu trabalho com essa senhora e as outras também.

A parte do anexo que está grafada em *itálico* corresponde ao que foi escrito por dona Dalma.

DALMA SINISGALLI KALIL

Nasci em Sorocaba em 26 de dezembro de 1933. Sou filha única. Perdi meu pai aos 4 anos e meio de idade, foi minha mãe quem me criou e, por isso, nos tornamos muito apegadas uma a outra.

Aos 6 anos de idade entrei na Cartilha no Colégio Santa Escolástica, hoje, Instituto de Educação Santa Escolástica. Já entrei conhecendo muito bem as letras e no final do ano estava completamente alfabetizada, segui meus estudos sempre na mesma escola e concluí a Escola Normal Livre Santa Escolástica em 1951, tornando-me professora primária.

Desde pequena tive vontade de lecionar, ensinar crianças. Morando na Rua da Penha, perto do Grupo Escolar Antonio Padilha, via as professoras passarem carregando os cadernos e os alunos que as acompanhavam e pensava que um dia eu faria a mesma coisa, talvez no Antonio Padilha.

Ao me formar, fui substituir no Grupo Escolar Genésio Machado, aqui em Soorcaba, no Bairro dos Farias em Araçoiaba da Serra, na Escola Maternal em Santa Rosália e Vila Elvio em Piedade.

Após 2 anos de formada fiz um curso de aperfeiçoamento no Instituto de Educação Barão de Surui, em Tatuí. No ano seguinte, 1954, com uma boa quantidade de pontos, ingressei no Estado e fui lecionar em São João Novo, onde permaneci por um ano e meio.

Depois fui removida para o Grupo Escolar Manoel Martins em Mairinque. Quando cheguei, esse grupo escolar funcionava em salas espalhadas pela cidade, pois estavam terminando de construir o prédio novo. Depois de algum tempo, participei de uma festa linda, organizada pela diretora e nós, professoras, a inauguração do novo prédio escolar.

Lecionei por quatro anos e meio em Mairinque, e em 1962 me transferi para o Grupo Escolar Antonio Padilha, vindo pelo artigo 1º (união de cônjuge), pois meu marido era médico do Estado. Naquele ano de transferência, indiquei somente o Padilha, pois tinha muita vontade de lecionar lê e por bem classificada, consegui a vaga. Permaneci no Padilha até 1983, quando me aposentei.

Foram anos muito bons na minha vida, pois fazia aquilo que gostava e ainda fiz belas amizades que conservo até hoje. Havia muito companheirismo em nossa

escola. Todos nós nos dávamos muito bem, sempre tivemos diretores bons e todos estavam unidos para fazer o melhor pelos alunos.

No Padilha, eu dei aulas para as 2^{as} séries, antes já tinha lecionado para 3^a e 4^a Série, mas finalmente fiquei só com 2^a série, lecionei para meninos, meninas e ultimamente já havia classes mistas. Os alunos do Padilha chegavam muito bem na 2^a série, pois já estavam alfabetizados e fazendo as quatro operações, simples sem o vai 1, mas sabiam bem essas quatro, daí eu continuava aquele trabalho da 1^a série. Na 2^a série já não havia mais o diário de classe, como as outras minhas amigas da 1^a série. Nas séries a partir da 2^a, era feito um semanário, onde as matérias a serem dadas na semana eram registradas do mesmo modo como nós iríamos ensinar, com todos os passos e exercícios e lições de casa. Teve um tempo que o diário valeu para todas as séries e mais tarde voltou ao que era antes, mas sempre nós fazíamos o que nos era pedido.

Houve um tempo no Padilha que houve uma orientação pedagógica, eu não tive problemas com isso, porque eu unia a orientação delas com a minha prática docente, nós éramos muito experientes, e se a orientação não desse muito certo a gente mesclava com a nossa prática.

Dessa orientação, eu me lembro que um dia elas deram umas instruções acerca de como nós daríamos aula de leitura. Daí elas queriam leitura em coro, um dia individual, outro só com interpretação. Com relação à matemática, nós fizemos muito material, também tivemos de destrinchar a tabuada tudo com bolinhas e risquinhos, isso era interessante, a criança tinha de entender, isso foi interessante, mas a gente acabava mandando decorar a tabuada senão não funcionava. Isso foi engraçado, nós tentamos, alguma coisa funcionou, outras não. Para essa orientadoras faltava prática da sala de aula.

A Escola Normal que nós formou foi muito boa, as Escolas Normais preparavam a gente para ser professora mesmo, depois, na minha opinião, começou muita teoria e pouca aula da prática do ensino. Sabe eu tive estagiárias que ficavam com a gente, e se o seu Wilson chamava a gente na diretoria e a gente largava a classe com elas, era um Deus nos acuda, não tinham controle, e as crianças não gostavam, elas não tinham jeito, olha quer saber, até escreviam errado na lousa.

Olha, eu nunca tive problema com indisciplina, os alunos obedeciam bastante a gente, nós éramos amigas delas, mas ao mesmo tempo mantínhamos a disciplina,

os alunos respeitavam a gente, ou melhor idolatravam, nem sei explicar sentiam carinho pela gente, pois eles sabiam que a gente também queria-os muito bem. Qualquer pedido de silencio ou para prestar atenção era atendido prontamente.

Com relação à lição de casa, eles faziam tudo direitinho e outra coisa, eu mandava fazer a lição de casa e corrigia, também não era muita lição, só que a gente corrigia esse trabalho, o aluno sabia o que tinha feito e como deveria ter feito, daí a gente também sabia quem sabia fazer, quem não sabia, chamava na lousa e tinha cobrança, acho que hoje já não tem mais essa cobrança. O ensino era reforçada com muita lousa, todas as crianças iam à lousa para fazer exercício, na matemática por exemplo, eu chamava a classe inteira na lousa, a gente tinha paciência era quase uma aula particular, nós conhecíamos casa criança. Claro isso era feito depois que já tínhamos dado a aula para a classe inteira, explicava tudo e ficava em cima e ela correspondia.

A repetência era muito pequena, quase não tinha, também há de se convir que o Padilha era uma escola de elite.

As festas cívicas, eram um capítulo a parte. Tinham aqui em Sorocaba uns desfiles, eram os jogos infantis. Então esse desfile era uma coisa, O senador Vergueiro , o Visconde competiam muito com o Padilha, tudo era feito na surdina, ninguém contava o que estava fazendo, para preparar a festa a gente trabalhava que nem louca. Teve uma vez que quando chegou a hora do Padilha desfilar choveu e todos tiveram que sair correndo, foi engraçado e trágico.

Esse desfile de abertura dos jogos infantis era importante para nós também, pois acompanhávamos todo o cortejo, junto com os alunos. Era gostoso, muito bom. Depois havia os jogos, as competições, mas daí eram os professores que treinavam os alunos que participavam.

Os temas usados nesses desfiles de abertura eram cívicos, históricos. Teve uma vez, uma 2ª série que resolveu fazer um caminhão com a 1ª missa rezada no Brasil. Bem, nessa encenação tinha o Frei Henrique Soares de Coimbra, e um aluno levantou e disse que ele seria o frei, eu concordei. Daí surgiu um problema, o cabelo do frei Henrique era apenas uma coroinha de cabelo em volta da cabeça. Ficamos pensando no que fazer. E a preocupação com a roupa e tudo mais. Um dia esse aluno, que seria o frei, me disse que ia fazer uma surpresa. No dia do desfile, ele apareceu com o cabelo cortado como o cabelo do frei. Veja como eles levavam a

sério tudo isso que era feito nos desfiles. Os alunos se empolgavam com tudo aquilo e aprendiam sobre a história do Brasil, era uma aula.

Já o culto à Bandeira e as festas das datas cívicas eram também muito bonitas, a gente preparava as poesias, os cantos. As crianças eram muito solícitas em participar de tudo, mas sempre havia aquelas que gostavam mais de recitar, de tocar algum instrumento, mas seu Wilson queria que todas participassem, mas você sabe, algumas não queriam ou não tinham muito jeito eram poupadas.

Eu acho que essas festas eram importantes para essas crianças, pois davam a noção de civismo, de amor à pátria. Hoje ninguém mais sabe cantar o hino nacional, nossas crianças sabiam todos os hinos cívicos, nós cantávamos com eles, o culto à Bandeira era semanal. Nós tínhamos a D. Ordália que regia o coral da escola e ela ensinava canto orfeônico, tinha uma voz maravilhosa, todos gostavam muito dela. Eu sou a favor de haver as festas cívicas, um pouco de patriotismo, fazer a criança amar a sua pátria, acho que o brasileiro nunca foi muito apegado à pátria.

Nossas crianças do Padilha sabiam todos os hinos, ainda tinha a aula de Educação Moral e Cívica que além de ensinar os hinos, ainda ensinava quem tinha escrito a letra e a música, os alunos copiavam a letra, cantavam se divertiam, ficavam felizes, gostavam de seu país.

Com relação à poesia, eu não usava muito em aula, só quando a ocasião exigia. A redação eu dava da seguinte maneira, nós discutíamos muito sobre o tema que ia ser escrito, eu deixava as crianças falarem. Depois de tudo isso, eles elaboravam sua composição. Olha eles gostavam de escrever. O dia de aula passava muito depressa, era agradável.

Houve um caso na minha aula que foi muito engraçado. Eu estava grávida de minha segunda filha, e tinha muito enjôo, passava mal, e minha mãe, aconselhou-me que colocasse uma bala na boca, pois isso iria aliviar um pouco meu mal estar.

Bem, o seu Wilson proibia que se comesse qualquer coisa em sala de aula, eu então coloquei uma balinha na boca e ia dando a minha aula, lembro-me que era uma classe só de meninas (2ª série). De repente, olho em cima de minha mesa e estava cheia de balinhas que as meninas tinham colocado e todas estavam com bala na boca. Daí eu pensei – *e agora?*

Tive uma idéia, disse às meninas que todos poderiam chupar uma bala, mas nenhum papel de bala poderia ser deixado no chão, pois a limpeza da escola era

nosso orgulho. E assim foi todas fizeram direitinho. E eu não podia proibi-las afinal o professor é o exemplo.

Com relação a trabalhar com meninos e meninas, com as meninas era mais fácil, os meninos são legais também e nas classes mistas (já no final havia classes mistas) o problema da disciplina era um pouco mais complicado. Eu acho que trabalhar com meninas era mais tranqüilo só isso, pois os meninos são mais levados. Também a menina aprendia a ler mais rápido e elas se concentravam mais no que faziam, e os meninos eram mais dispersivos.

Com as outras professoras a relação era de muita amizade, coisa que dura até hoje, muito companheirismo, eu acho que isso ajudava no trabalho pedagógico, cada uma queria mostrar seu potencial, éramos muito preocupadas em fazer tudo muito direito. O diretor seu Wilson era uma farra, muito legal, gostava de disciplina. Alguém já contou que eram as crianças que limpavam a sala de aula? Seguinte,. Não tinha faxineiras e ele gostava de tudo em ordem. Bem, a gente era contra, mas ele queria que duas crianças ficassem responsáveis pela limpeza, e olha, elas adoravam isso, gostavam, faziam direitinho. As vassouras ficavam atrás da porta.

A grande diretora do Padilha, ao nosso ver era dona. Luiza, a mulher dele, mas quando ele dava seus gritos, ela também obedecia. Eu tenho um caso para contar sobre eles. No Padilha, todas as classes eram voltadas para o pátio interno, eram as melhores classes, e eu estava já há 3 anos trabalhando nas salas de trás, escondidas, não muito ventiladas, lá no fundo, mas era a d.Luiza quem escolhia e nós não contestávamos. Um dia, quando eu dava aula, o sr. Wilson passou, olhou para a classe e me perguntou o que eu fazia ali. Claro, respondi que estava dando aula. Ele ficou contrariado, chamou a dona Luiza, falou que não era justo, que eu já estava lá atrás há muito tempo. E nessa mesma hora, minha classe foi mudada, fui lá para as classes de frente. Era assim a figura do sr. Wilson.

ANEXO E

VALDIVIA ANGELI DE TOLEDO ALMEIDA

Dona Valdivia me foi indicada por dona Dalma, essa foi enfática ao me disser que dona valdivia tinha grande experiência com alfabetização, que adorava o tempo do Padilha.

Marquei a entrevista para um sábado à tarde. Fui recebida em sua casa. Logo de início, dona Valdivia disse-me que teria pouco tempo para conversar comigo, pois iria à missa, às 18 horas. Dona Valdivia não quis escrever. Esse foi nosso único encontro pessoalmente, no último sábado de julho.

Gravei quatro horas de entrevista, foi a mais longa e a mais detalhada, as emoções de minha interlocutora, e as minhas impressões foram registradas na transcrição. Também dona Valdivia esqueceu seu compromisso, mas foi avisada por mim a tempo de cumpri-lo.

VALDIVIA ANGELI DE TOLEDO ALMEIDA

Eu me chamo Maria Valdivia Angeli de Toledo Almeida, eu nasci em Piracicaba no 01/03/1929, fiz o primário e o ginásio em um colégio lá na minha cidade e depois fiz a Escola Normal na Sud Minuci, uma escola famosa umas das primeiras fundadas no Estado de São Paulo. Bem, a minha intenção era fazer Medicina, mas meu pai não permitiu que eu saísse de casa para estudar na capital, tanto é que meus irmãos são médicos.

Mas daí eu fiz um ótimo curso Normal com boas notas em Pedagogia e Didática que eram as que contavam pontos para o ingresso no magistério. Eu me formei no 27/12/1947 e no dia 15/02/1948 já estava com uma escola. De que jeito? Essa minha escola pertencia a Capivari, mas ela tinha comunicação com Piracicaba, então para as professoras de Capivari era difícil, pois não tinha estrada. Um vereador de Piracicaba, que conhecendo meu pai, falou que gostaria de abrir uma escola na região, num bairro que se chamava Sitio Novo. E deram essa escola isolada para mim. O que era fácil o aceso, pois o ônibus passava em frente a minha casa.

Então fui para o bairro, coletei o nome dos alunos, a documentação, a autorização dos pais, isso tudo no mês de janeiro de 1948, e no dia 15 de fevereiro eu peguei a escola. E essa escola tem uma ligação com a história da minha vida. As aulas foram dadas, temporariamente, numa sala da casa da fazenda. Bem, essa fazenda havia sido do meu avô e eu ministrava minhas aulas na sala onde era, no passado, o quarto de dormir dos meus avós maternos.

Nesse mesmo ano, começou o concurso de ingresso no Estado, com inscrição por Delegacia de Ensino, ao invés da inscrição geral, você se inscrevia numa determinada Delegacia e concorria àquelas vagas. Eu não fiquei muito interessada, primeiro porque tinha minha escola, que da municipalidade, bem, poderia perdê-la se mudasse a política, mas também eu sabia que o começo era só substituição. E levava uns dois ou três anos para conseguir carreira.

Mas a minha professora de Didática da Escola Normal me encontrando na rua, o nome dela era Laudelina Cotrin, excelente professora, e como ela sabia que eu tinha tido excelentes notas Psicologia no meu curso normal, ela me aconselhou a me inscrever no concurso.

Quando ela me perguntou se fazia conta de ir para longe, eu disse-lhe que tinha uma tia que dava aula na Delegacia de Presidente Prudente. Ela disse-me que essa delegacia tinha muitas vagas, que era ideal para eu começar. E também naquela região ainda não havia Escolas Normais.

Fiz minha inscrição, havia 116 vagas e eu fui o número 120, me inscrevi com as notas do diploma e minha tia já estava substituindo há dois anos para fazer pontos. Como ela tinha mais pontos, escolheu dentro de Santo Anastácio. E quando vi minha classificação fiquei desanimada. Pensei, *estou com minha escola aqui em Piracicaba e vou continuar aqui*. Terminada as inscrições e as escolhas, uma semana depois, veio a chamada novamente até o preenchimento das vagas, pois havia tido muita desistência, fui para lá, peguei uma escola de 2º estágio, naquele tempo tudo era muito difícil, mas eu era muito destemida. Meu pai ficou horrorizado, como largar uma escola que ficava a uma hora de casa e ir se aventurar pelo mundo distante.

Meu argumento foi que aquela era uma escola municipal e mudando a política ela pode acabar e a outra é o Estado, o ingresso era segurança de carreira. Então fui para lá, e a primeira escola em que ingressei foi em Jaquaritê no município de Iepê, ao lado de Rancharia na barranca do Rio Parapanema, depois disso fiquei só quatro meses, pois ingressei em agosto e no início de cada não havia a remoção, eu e minha tia fomos juntas no início do ano para Mirandópolis, ficamos só um ano e fui removida para Capivari na escola Morro Vermelho, depois fui a outra escola e lá fiquei até me casar.

Meu marido conseguiu uma permuta para Votorantim, então eu me inscrevi em todas as escolas daqui, não percebendo que havia novo concurso, no dia do concurso fui nomeada para Santa Helena, eu a 1ª colocada aqui em Sorocaba e eu não sabia, fiquei 4 meses em Santa Helena e no ano seguinte eu ia ser removida para o Padilha, mas como Santa Helena era difícil e meu marido reformou a casa do cartório, onde ele era designado, nós nos mudamos para Votorantim, então eu não quis o Padilha e quis ficar no Pereira Inácio, foi também um absurdo muita gente não entendeu, a professora que foi ao meu lugar no Padilha deve ter adorado. Mas fiquei em Votorantim 4 anos, daí me removi para o Padilha foi em 1962 aí fiquei até que me aposentei em 1978.

O Padilha, nessa ocasião, tinha como diretor o seu Wilson Ramos Brandão um espetáculo de pessoa, como diretor ele amava o Padilha, dava todas as

oportunidades, e exigia um bom trabalho, olhava os diários de classe, diariamente, seguia tudo à risca, mas o Padilha funcionava que era um relógio.

Quando cheguei ao Padilha fui para a 4ª série de meninos, essa turma de meninos hoje, é a elite de cidade, tem médicos, promotores, advogados, enfim todos se deram bem na vida. O Padilha era de elite. E quando ainda hoje se encontram comigo eles comentam : *bem que a senhora falava que o futuro de Sorocaba estava em nossas mãos*. Isso porque num dia numa das redações que eu dei o tema foi “O que eu pretendo ser na vida” e daí foi nesse contexto que fiz esse comentário.

Mas quando minhas filhas tiveram idade escolar elas iam para a escola de manhã, eu pedi a mudança de horário no Padilha, queria pegar o período da manhã, e de manhã só funcionava 1º e 2º anos, a primeira série era uma série que era meio rejeitada, pela maioria porque alfabetizar é muito difícil, mas eu adorava aquela criançada, que em pouco tempo estava lendo e trabalhando.

Quando eu peguei a primeira turma ainda não se usava a Caminho Suave, eu não me recordo o nome da outra cartilha, mas era muito ruim. Acho que só um ano eu dei aula por essa cartilha, quando surgiu a Caminho Suave, então achava mais de acordo, mas eu sentia a necessidade da criança enxergar como um todo, porque a nossa língua é silábica não adianta você querer só usar o método global, olha, no Padilha eu devo ter lecionado umas 12 classes de 1º ano, aliás só lecionei 1ª e 4ª séries. Isso porque quando minhas filhas foram estudar à tarde, eu mudei de período e voltei a dar aulas na 4ª série.

Depois, meu filho 8 anos mais novo que as irmãs entrou para o Padilha, eu voltei para a 1ª série e alfabetizei o meu filho, esse foi o ano de minha aposentadoria.

A Caminho Suave era muito boa, mas houve a temporada das orientadoras pedagógicas, do Ensino Renovado, algumas professoras fizeram um curso de especialização para a aplicação de um método analítico. Era um ensino totalmente visualizado, memorizado ele funcionava muito bem para bons alunos, mas para alunos com mais dificuldade era uma lástima, eles trocavam letras, trocavam palavras, houve muita deficiência na escrita, eram os anos do remanejamento, onde nós tínhamos de separar as classes pelos níveis de aprendizagem em A, B, C, e D de acordo com o aproveitamento do aluno, as classes C e D eram os com mais dificuldades de aprendizagem, foram uns 5 ou 6 anos. Alguns alunos progrediram,

mas a gente chegou a conclusão, que o Português é silábico e as palavras precisam ser aprendidas com a silabação.

Nesse método que foi introduzido, eu me lembro da 1ª lição *Dudu vai à escola*, a gente tinha que ler com eles. Daí a gente punha na lousa a palavra Dudu e ia trocando formando novas palavras, para ver se haviam visualizado, daí depois é que ia silabar a palavra, separando Dudu, escola, e havia muito trabalho auditivo. Se a gente ia ensinar uma sílaba, então a gente fazia palavras que comessem por aquela sílaba. Olha essa fase não era escrita, mas eles sabiam outras palavras que começavam com aquela sílaba por exemplo DU. Enquanto eles iam falando as palavras a gente ia escrevendo: duvida, durante, só para eles.

Era um método muito estranho, então o primeiro mês aula era só período preparatório, só auditivo, com tudo que se punha lá na lousa e depois aquelas historinhas contadas para fazer os movimentos de coordenação motora da escrita, depois vinha a alfabetização, mas depois de uns tempos, eu comecei a utilizar os métodos mesclados, utilizando a parte boa de cada um. A caminho Suave tinha uma parte boa, aquela parte de memorização das sílabas, depois que você desse umas três ou quatro vezes seguidas, as crianças sabiam ler a palavra formada.

Por exemplo, eu dava a palavra inteira para eles memorizarem a palavra, e isso foi o que sobrou do método das orientadoras, depois eu explicava as sílabas, como a palavra escola, a sílaba CO é a mais fácil, então eu dizia o CO é de Coca-cola, eu repetia: *escola; coca-cola*, então ia formando as sílabas até visualizarem bem, eles não iam silabando, iam a palavra inteira, bem, eu não lembro qual era a primeira lição, mas parece que era o *pato via qualquer coisa* isso era memorizado inicialmente, mas se você ditasse nessa fase, eles não sabiam escrever. Mas quando você destacava a palavra *pato* e começávamos a explicar que para falar pato se abre a boca duas vezes, são duas sílabas.

Como a gente já tinha ensinado o a de abelha; e de elefante e assim por diante, sempre com visualização da vogal com uma figura, pois assim é mais fácil. A partir daí a gente ia formar palavras, usando o pa; pe; pi; po, pu. Eu levava quadradinhos de cartolina, com as consoantes e as vogais, com as letrinhas daquele dia. E convidava-os a juntarem as letrinhas para ver o que se conseguia formar de palavras novas, e a cada vez se formavam mais palavras à medida que eles iam conhecendo outros grupos de palavras. Ah! Eles copiavam as letras que levava recortadas em papel, ele copiava em seu caderno, mas primeiro eles aprendiam com

a minhas. Olha, ia tudo tão rápido que era espantoso. Às vezes eles iam formando palavras com lições ainda não dadas, avançavam pela cartilha a dentro. Quando eu percebia, eles estavam lendo, mesmo coisas que eu ainda não tinha ensinado.

Outra coisa era a chegada do primeiro livro no final do mês de agosto, uma festa. E eles estavam lendo fluentemente. Havia uma comemoração para festejar essa data, um acontecimento, com poesias, cantos. Eu já entregava os livros encapados com os nomes de cada um. A alfabetização durava um semestre letivo.

Com relação à minha aposentadoria, ela foi quase que compulsória, algumas professoras começaram a fazer pressão para que quem tivesse tempo de serviço, que se aposentasse, pois nós estaríamos tomando o lugar de outras.

Em 1978, eu estava dando aula no 1º ano para meu filho e queria terminar o ano com ele, mas não foi possível, eu saí em meados de agosto. Eu me lembro que eu entrei com o pedido de aposentadoria no dia 02 de agosto e logo em seguida eu entrei com o livro com eles, na primeira semana de agosto, eu dei uma recapitulação da alfabetização. Ainda tive tempo de dar umas 6 ou 7 lições de leitura antes de entregar a classe. Olha, eu saí chorando da escola.

Mas eu também gostava de dar aula na 4º ano, tinha muita gente que não gostava, achava que já era puxado o ensino, mas eu não usava um ensino decorativo, foi assim que aprendi, quando estudei, e sim, eu adorava pesquisa. Eu trabalhei com pesquisa em História e Geografia. Olha, nós vivíamos para o Padilha, então, cada uma de nós procurava fazer o melhor, criar novos métodos para nosso trabalho.

O Padilha em si tinha pouco material didático, éramos nós que comprávamos, pois sentíamos necessidade. Houve uma vez, quando comecei a trabalhar com 4º ano, que comecei a dar questões para eles responderem em casa. Foi um tumulto, não queriam, pois diziam que era muito difícil. Mas eu insisti na pesquisa, disse que eles iriam procurar a resposta no livro, pois sabiam ler, escrever e tudo mais. Argumentei que quando se resolve uma questão pesquisando, não se esquece mais e já estudou. Demorou, porque no começo eu pegava o livro, lia uma pergunta e dizia para que procurássemos, juntos, as respostas no livro. É claro, eu não respondia, apenas indicava onde estava o assunto, pois eram eles quem teriam de formular a resposta.

Olha, eu precisava fazer isso apenas por uns 15 dias, a partir do que eles já faziam sozinhos, mas a correção era demorada, pois vinham muitas respostas. E eu

selecionava na lousa aquela que havia ficado mais completa e todos copiavam, ou corrigiam suas respostas. Isso surtia um efeito muito bom.

Houve uma reunião de pais de uma 4ª série que o pai veio e me perguntou qual era meu método, pois ele achava que somente a partir de minhas aulas, o filho tinha começado a aprender se interessar por geografia. Daí eu expliquei que eu não soltava o assunto a esmo, eu ensino como pesquisar. Cada um fazia sua pesquisa e eles próprios sua autocorreção, isso era muito valioso para o conhecimento novo do aluno.

O único material que a gente tinha para ensinar Geografia eram os mapas, e eu tinha cartazes de regiões, era um calhamaço indicando a região do Brasil, por exemplo região norte e todos os rios, relevo, agricultura etc. Então havia gravuras dessas regiões, pois naquela época não havia filmes, nem documentários que pudéssemos usar na escola.

Meus alunos de 4ª série adoravam fazer redação, quando eu apresentava uma gravura; primeiro eu perguntava o que estavam vendo, sentindo, o que eles sentiam com aquilo, e eram sempre gravuras sugestivas. Eu me lembro de um quadro que tinha uma menininha com cachorrinho no colo e ela estava chorando. Eu me lembro bem disso, porque um garotinho fez um texto lindo, contando a história de uma menina que havia ganhado um cachorrinho. Eu dava liberdade para eles escreverem e trazia tudo para casa, para a correção.

Eles faziam a composição numa folha e quando, eu corrigia, ela era passada a limpo no caderno de classe, e quando eu fazia a correção do caderno, às vezes ainda achava algum errinho. Eu tinha um método de correção em classe, fazia o aluno ler seu trabalho em voz alta e, assim, eles percebiam o próprio erro e iam procedendo à correção, e eu ia andando pela classe e supervisionando esse trabalho. Eu também aproveitava essa correção para fazermos novas concordâncias, novas frases, e assim dava aulas de gramática.

Olha, indisciplina na classe havia sim, mas você trabalhando bastante, deixando-os ocupados, não dando chances para eles vagarem em classe, a disciplina era mantida.

Havia alguma repetência, mas muito pouca, na alfabetização praticamente não havia, mas na 4ª série tinha, porque tem aluno que trazia defasagem desde a 1ª série e quando chega na 4ª a coisa acontecia, esse aluno não conseguia ir adiante. Eu me lembrei de um caso que aconteceu. Eu tive um aluno na 1ª série,

Kinoshita, que havia sido um espetáculo, muito esperto, aprendia tudo. Quando eu o encontrei novamente, agora, na 4ª série, ele tinha muita dificuldade na escrita, trocava letras, não rendia. Fiquei muito preocupada e pedi que chamassem a mãe dele. Sabe o que estava ocorrendo? Ele estava sendo alfabetizado em japonês, e estava misturando tudo. A mãe concordou comigo, e achou que era melhor que ele aprendesse melhor o Português e então fosse alfabetizado no Japonês. Isso feito, em menos de um mês, ele recuperou toda a sua aprendizagem.

Eu adorava as festas cívicas, é o que falta hoje nas escolas. Antes de começarem as aulas, havia o canto; uma vez por semana, o culto à Bandeira no pátio interno. Cada classe, uma vez por semana apresentava alguma atividade, nesse rodízio, uma vez por vez sua classe apresentava algo.

E falo sempre que se eu tivesse de recomeçar, seria professora de novo, então, às vezes, eu até agradeço meu pai por não ter deixado eu fazer Medicina, mas era a vontade de fazer alguma coisa para o próximo, eu tenho uma formação muito religiosa, de família, mamãe, me educou assim. Então sempre pensando no próximo, havia crianças que tinham dificuldade no aprendizado e, para essas, eu dava aulas particulares na minha casa, sem cobrar nada, principalmente, na alfabetização, eu queria era trazer as crianças no mesmo nível de aprendizagem, pois facilitaria para mim também. Eu era um pouco criticada por isso, e às vezes eu até escondia da família.

Eu fui feliz no Padilha, muito feliz!

ANEXO F

EUNICE RODRIGUES

Dona Eunice foi indicação de dona Valdivia. Depois de um contato telefônico, marquei a entrevista com dona Eunice que foi a última a ser entrevistada, já no mês de agosto. Aconteceu num sábado, à tarde, em seu apartamento, perto da região do Hospital Universitário da PUC, bem próximo ao centro da cidade.

Dona Eunice com sua fala mansa e jeito carismático falou pouco, sua entrevista durou duas horas e foi somente gravada em fita magnética, mas ela falou do ensino religioso e avalizou a fala de todas as outras professoras que formam suas contemporâneas no Padilha.

EUNICE RODRIGUES

Eu sou de Itapetininga, estudei na famosa Peixoto Gomide, Escola Normal, mas eu não pretendi ser professora primária, meu forte era Educação Física, minha paixão era a quadra. Eu não tive condições de fazer faculdade, pois meu pai precisava de meu dinheiro como professora, eram tempos difíceis. Então fiz um curso de aperfeiçoamento já peguei uma classe, lá em Itapetininga mesmo. Fiquei quase 4 anos em uma escola municipal. Eu ingressei no magistério em 1956.

Em 1960, escolhi ser removida para Itapevi, onde fiquei dois anos, depois fui removida para Salto de Pirapora por mais dois anos e dela, em 1964 já vim para o Padilha, onde me aposentei no final de 1982, são quase 20 anos de Padilha.

Eu tinha paixão pelo Padilha, quando me aposentei saí chorando de lá e assim foi com minhas colegas que se aposentaram na mesma época. As crianças eram muito educadas, as colegas muito solidárias, enfim tudo andava muito bem nessa escola.

Eu sempre lecionei para as 3ª e 4ª séries, meninos e meninas e mistas, foram mais classes mistas e eram numerosas em torno de 40 alunos, sozinha era difícil, mal dava tempo de tomar um cafezinho, o qual era servido pelas serventes na porta da sala de aula, Uma curiosidade, éramos nós que pagávamos o café.

Nós trabalhávamos aos sábados, tínhamos uma substituta na classe, mas não havia muito interesse delas na aula. Era um trabalho danado, trazer os cadernos para serem corrigidos em casa, não foi fácil.

Com relação ao modo como eu dava aula, eu lembro que a tabuada era cantada e eles aprendiam tudo direitinho, adoravam cantar a tabuada. Elas saíam da 4ª série com a tabuada na cabeça, era muito bonito, também faziam as quatro operações tranquilamente.

Em Português, eu dava muito bem a diferença entre uma descrição e uma narração, e eles sabiam muito bem preparar os textos, quase todo dia eu pedia um pequeno texto, mais a gramática, claro, o elementar. Liam bem, sabiam interpretar o livro de leitura, também sabiam usar o parágrafo, usavam os pontos de exclamação e de interrogação bem direitinho.

No Padilha eu dava aula de religião, pois sou evangélica, essa aula era na sexta-feira, eu ficava com as crianças que não eram católicas e ensinava as histórias

bíblicas usando um flanelógrafo. O mais estranho era que minhas crianças não queriam sair da minha aula para ir à aula de sua religião, pois gostavam do modo como eu ensinava as histórias da Bíblia, era somente o básico. Nunca fui contra essa ou aquela religião. Também nenhuma mãe reclamou de minhas aulas, mesmo que elas fossem de outra religião, minhas classes eram cheias. Isso estimulava a humanização da criança.

Os materiais de sala de aula eram comprados por nós, havia precariedade desses materiais e nem tinha aqui na cidade, vinha de fora, de São Paulo.

O diretor seu Wilson era muito bom, exigia muito, o pátio da escola era muito limpo, ele chegava até a entrar no banheiro da professoras para examinar a limpeza, mas eu nunca tive nenhum problema com ele. Porém existia apoio para nós por parte da diretoria.

Eu gostava muito do Culto à Bandeira, demais. Nós ensinávamos todos os hinos para as crianças, a gente recitava os hinos, interpretava em classe, explicava os significado de cada verso. Os hinos Nacional, da Bandeira, da Independência e da República eram cantados todas as semanas, ou quase todas, eu não me lembro muito bem.

Uma coisa: os alunos não podiam ficar sem lição, tínhamos de trabalhar com eles o tempo todo, assim eu conseguia mantê-los ocupados e, com isso, ficavam quietos, mas a gente não sentava um minuto. Ma eu nunca tive problema com aluno.

Eu tive um ano uma aluna com problemas de saúde, ela desmaiava na classe e isso causava um pouco de tumulto, mas não tinha o que fazer a não ser tentar contornar o problema. Também teve o caso do Bento. Esse menino era um problema, era indisciplinado e ninguém mais o queria e ele veio para minha classe.

Bem, eu não tive opção, coloquei o Bento ao lado de minha mesa, e disse-lhe que ele seria, daquele dia em diante, meu auxiliar, era ele quem apagaria a lousa, levaria as comunicações para a diretoria. Ele adorou e nunca me deu nenhum trabalho, acho que ele queria somente atenção.

A repetência era pequena, não havia muito não, numa classe com 40 alunos eram mais ou menos 6 ou 7 alunos retidos. Também não éramos nós quem fazíamos os exames, eles vinham prontos da direção e nós aplicávamos.

A grande dificuldade no Português eram os verbos, tanto na terceira como na quarta série, só sei que eles escreviam bem, muito bem e gostavam de escrever. Eu gostava de ensinar Matemática e Português, principalmente, a redação. Eu usava as

gravuras e as crianças adoravam escreve sobre elas. Eu fazia as crianças irem formando as histórias e eu ia colocando na lousa e, com isso, ensinava a fazer a paragrafação, bem como os sinais de pontuação. Em outras ocasiões, faziam o texto sozinhas, isso variava conforme a necessidade de ensinar algo. Eu acho que isso foi importante, porque as crianças aprendiam mesmo.

Eu me lembro dos desfiles do 7 de setembro, era uma preparação imensa, com carros alegóricos, fanfarra, a gente trabalhava muito, mas era gratificante, mas em relação aos jogos infantis eu não me lembro muito, Ah!sim, a Meire fazia os carros alegóricos, ela gostava disso, muito. As festas juninas eram ótimas, eu adorava. A festa da entrega do livro era um acontecimento, no final de agosto. Todos os alunos participavam dessa festa, era importante para todos. Era uma alegria ver a criançada receber o livro. E o mais impressionante – elas sabiam ler mesmo.

Uma coisa com relação ao seu Wilson, ele cuidava muito da alimentação das crianças, as merendeiras faziam coisas muito boas, para as crianças da *caixa escolar*, principalmente, as sopas. Era um cardápio variado. As crianças pobres eram bem alimentadas, mas eram poucas as crianças carentes, o Padilha era uma escola de elite.

O sr. Wilson deixava-nos a vontade para trabalhar a parte pedagógica, ele era muito enérgico com a limpeza, a disciplina, os horários, comigo nunca houve nenhum incidente, nunca entrou na minha classe ou assistiu a uma aula minha. Eu acho que dei conta do recado lá no Padilha. Lá tudo era tão bom. Foram bons tempos, felizes!

ANEXO G

NEIDE CARRIEL MINELLI

Dona Neide foi indicada por dona Maria de Lourdes e dona Meire, mas foi muito difícil marcar uma entrevista com ela. Estava sempre ocupada ou com outros compromissos agendados, mas eu fui persistente.

Nesse caso, a minha surpresa foi muito grande, pois tanto como dona Meire, quanto dona Maria de Lourdes chamavam essa professora pelo nome de Neide Minelli e, quando cheguei ao seu apartamento, nas imediações do Campus Seminário da UNISO, minha, aliás, a nossa surpresa foi grande. Explico.

Quando uma senhora muito bonita e elegante abriu-me a porta de seu apartamento eu me vi diante da minha professora de Psicologia da Educação, dona Neide Carriel (nome de solteira), do curso da Escola Normal Dr. Getúlio Vargas. Nessa época, de aluna da Escola Normal eu era muito apegada a dona Neide, era minha professora-modelo, até hoje ainda me recordo de suas aulas.

Bem, conversamos durante uma tarde inteira, era uma sexta-feira, fria, mês e julho, tomamos, juntas um lanche e, com muito pesar, despedi-me de minha professora.

Na elaboração da transcrição, foi-me difícil esquecer da minha professora e escrever sobre aquela do Padilha, mas consegui.

NEIDE CARRIEL MINELLI

Meu nome é Neide Carriel Minello, nasci em Dois Córregos no dia 27/06/1931, onde estudei até o 2º ano do Grupo Escolar . Depois vim a Sorocaba e fui matriculada no Padilha, é, fui aluna do Padilha, terminei o Grupo Escolar lá. E de lá fui fazer o ginásio no Estadão, prestei o exame de admissão (isso existia antigamente para entrar no ginásio). Quando terminei o ginásio, minha família foi para Santos, nessa época meu padrasto tinha tido derrame e o clima de Santos favorecia a saúde dele.

Em Santos estudei no Colégio São José das Irmãs do Patrocínio, era um colégio de freiras. Adorei o colégio das freiras, era ótimo, lá fiz a Escola Normal, criei raízes nessa cidade, ainda hoje eu vou todo mês me reunir com as ex-alunas do Colégio São José, isso é sagrado para nós.

Depois de formada em Santos, voltei para Sorocaba, já 1954 fiz o vestibular para a Faculdade de Filosofia (hoje UNISO), em 1955, no segundo ano de faculdade fui convidada para lecionar Psicologia da Escola Getúlio Vargas, então eu lecionei no Getúlio desde 1955 até 1983.

Quando me formei na Filosofia, fizemos uma festa maravilhosa, pois foi a 1ª turma de Pedagogia, nós é que trabalhamos para a faculdade vir para cá, eu, Aluísio Vieira, bem como eu estava contando fizemos uma festa maravilhosa, tudo foi filmado, as primeiras filmadoras estavam chegando ao Brasil.

Eu me casei em 1961, depois que me formei e estava lecionando no Getúlio, veio uma lei na qual quem era formado em Pedagogia podia escolher cadeiras primárias em primeiro lugar e lá fui eu. E escolhi uma cadeira em Piedade, aí foi uma loucura eu lecionava no Getúlio à noite e, durante o dia em Piedade, isso durou quase dois anos. Depois de lá eu fui removida para George Oeterer , daí era mais perto e ficou mais fácil para eu ir e vir todos os dias. Apesar de ser corrido, pois eu sempre lecionei na Escola Normal do Getúlio e no primário era uma coisa muito boa, eu fazia intercâmbio, levava as alunas da Escola Normal para as minhas classes e trazia também as crianças para Sorocaba, todos adoravam.

De George Oeterer vim para Sorocaba, lecionando na escola Quinzinho, fui removida novamente, pois naquele tempo a remoção era anual, e do Quinzinho eu vim para o Padilha em 1964, nessa época eu já tinha meus dois filhos, um casal.

No Padilha, eu só dei aulas para os meninos, bem eu adorava os meninos, mas a coisa funcionava assim, as professoras escolhiam as classes pelos pontos que tinham, então para mim sempre sobravam os meninos, eu escolhia depois pela minha pontuação, assim fui me apegando com os meninos e gostava de dar aula para eles. Mas teve uma vez que peguei uma classe de meninas, só essa vez, era à tarde. Mas eu tenho uma satisfação muito grande, pois meus meninos hoje são promotores, juízes, personalidades da cidade e da região, olha eu tenho ex-alunos em todas as profissões.

Eu tinha um carinho especial pelas crianças, a gente se apegava. Um caso curioso, um dia tocou a campainha de casa e quando fui atender era um rapaz trazendo um convite para a formatura dele do curso de Medicina. Ele tinha sido meu aluno no Padilha, era o Miguel Soeiro, hoje grande médico da cidade. Sabe, eu fiz questão de ir à festa, foi gratificante, ver como eu tinha sido lembrada.

Para ensinar os meninos eu fazia muito jogos com eles, usava muito o futebol, nós chamamos isso de *ensino misto* eu fazia do começo ao fim da aula só um assunto, o qual era relacionado com a Matemática, Português, então eu dava aulas inteiras com esse tema e eles gostavam muito, as três horas passavam voando.

O último ano que dei aula no Padilha foi para uma classe de 1ª série, ah! Eu adorei. Você imaginou a criança aprender a ler e escrever com você, é um sentimento delicioso. Eu sempre quis muito primeira série, mas nunca tinha tido a oportunidade de escolher, pois eu só podia lecionar de manhã, por causa do Getúlio. Com essa classe, eu fiz uma bandinha e quando eles receberam o 1º livro de leitura, e com essa classe também, no final do ano eu fiz uma representação do presépio do menino Jesus.

Nessa classe de 1º ano, eu usei a cartilha Caminho Suave, também alfabetizei por silabação, mas usei também outros métodos, mas usei o global, aliás eu tentei usar todos os métodos que conhecia, só soletrando eu achava que não dava muito certo. Como eu era Pedagoga eu tinha outros conhecimentos, usei tudo o que sabia. Agora criança aprende, não importa o método.

Bem, já estamos em 1983 ou 84, em 1984 eu prestei vestibular para Direito, cursei o Direito de 1985 a 1988. Quando fomos colegas você além de minha aluna no Getúlio foi minha caloura no Direito. Só fiz direito para tomar um banho de juventude. Também fiz um curso de pós-graduação em Orientação Educacional.

Nessa época, os professores eram muito conscientes, todos cumpriam com suas obrigações. Todos sabem o que é certo e errado, ninguém precisa ser avisado. Eu digo sempre *o bom aluno tem sempre bons professores e o mau aluno, o professor não tem sempre um porém*. Para quem não se interessa, o professor é exigente demais, chato demais, na ensina, não tem paciência. Olha, eu trabalhei com muita coisa, tenho experiência com o ser humano. O fato de dar aula de Psicologia me ajudou muito no trabalhar com as crianças do Padilha. Olha, mas eu ficava na minha, não discordava de nada que minhas amigas faziam, eu trabalhava do meu jeito e pronto. Cada uma fazia seu trabalho. Se fosse preciso ajudava.

Também sempre achei importante a parte do culto à Bandeira, as festas cívicas do Padilha, todas as comemorações eram feitas no pátio interno. Todas as datas eram lembradas na escola. A criança era educada para ter orgulho de sua Pátria.

O diretor sr. Wilson era um homem muito bom, incentivava muito as professoras, tinham também suas coisas esquisitas, mas como eu já disse, o Padilha sempre andou sozinho. O seu Wilson tinha a esposa dele, D. Luiza, que era sua auxiliar de direção, que, na verdade, era quem dirigia o Padilha. Ele morava numa casa que dava fundos com o Padilha e criava, ali, galinha, porco, galo de briga. Ele era muito presente na escola, estava lá todos os dias. Quando a gente chegava o diretor já estava lá.

ANEXO H

ELZA BERTAZINI BRACHER

Dona Elza me foi indicada por dona Maria de Lourdes, contato telefônico feito, eu a visitei logo no início do mês de julho. Ela foi a segunda a ser entrevistada.

Nesse primeiro contato, conversamos durante três horas, nada foi gravado, fiz algumas anotações, as quais me foram úteis depois no processo da transcrição das entrevistas.

Dona Elza mostrou-se muito animada com nossa conversa e, dias depois, entregou-me sua autobiografia e num terceiro encontro, ainda gravei mais duas horas de conversa em fita magnética.

Todos os três encontros foram realizados na casa de dona Elza no bairro Jardim Sandra em Sorocaba, próximo ao Hospital Leonor Mendes de Barros. Esse bairro fica quase na região central da cidade.

O trecho grafado em *itálico* corresponde ao que foi escrito por dona Elza, o restante é transcrição da fita magnética, na íntegra.

ELZA BERTAZINI BRACHER

Nasci em Sorocaba no dia 30 de dezembro de 1927 filha de Attilio Bertazini e Christina Rosa Bertazini, tenho um irmão Ezio. Durante minha infância, morei na rua Dr. Braguinha, onde, junto com outras crianças, brincávamos de amarelinha, pular corda, corrida e até de cirquinho.

Freqüentei o Grupo Escolar Visconde de Porto Seguro, tendo como professoras: Virginia Lopes de Mello, Maria Samarco, novamente Virginia e Almira Verano.

Fiz o curso ginásial no Estadão e depois o curso Normal no Getúlio Vargas, onde me formei professora em 1946. Durante esses anos de estudante, gostava e participar das aulas de Educação Física (inclusive participei durante os jogos abertos do interior em 1943 de corrida e salto em extensão), também participava do coral gostava de música, também participava das festas de comemoração histórica.

Meu pai, tendo apenas concluído o 3º ano primário, era um grande incentivador para que eu estudasse, pois dizia “Se um dia precisar ajudar alguém : seu diploma vai ser marido”; mostrou também o valor da leitura, incentivava muito a minha leitura com fascículos que ele formava com recortes de jornal.

Como professora, iniciei substituindo no Grupo Escolar de Mairinque até junho de 1948, quando ingressei no Magistério Estadual na escola isolada da Colônia Brasileira, município de Maracai, onde permaneci até fevereiro de 1952.

Em 1949, casei com Sebastião Alberto Bracher, moramos em Maracai, lá nasceram minhas filhas Elza e Laura Cristina.

Removida para a escola isolada do bairro Avecuia, município de Porto Feliz, onde permaneci até janeiro de 1956; nasceram as filhas Elisabeth e Sonia Regina, as quais levava todos os dias, ao trabalho, para poder amamentá-las, pois ficava o dia todo na escola, só retornando em casa à tarde.

Durante uma visita à escola do Inspetor Escolar Pascoal Visconti, ele encontrou minha filha Sonia dentro de um caixote com um colchãozinho de palha.

Em 1956, fui removida para o bairro Cajuru, município de Sorocaba, nasceu meu filho Alberto.

Em agosto de 1957, fui para o Grupo Escolar Comendador Pereira Inácio, em Votorantim, onde permaneci até 1969, vindo, então, removida para o Grupo Escolar Antonio Padilha.

Em 1958, nasceu minha filha caçula Lígia; o diretor, nessa época deixava-me amamentar a menina antes de começar a dar aula. Com muito sacrifício, minhas crianças fizeram o curso primário no Getulio Vargas, passando depois para o Estadão.

Meu marido como ferroviário trabalhou em São Paulo e, depois, veio removido para Sorocaba, trabalhando como escriturário no almoxarifado, morreu em 1980. Elza e Laura Cristina se formaram professoras, fizeram o curso de Pedagogia e Administração Escolar, na UNISO, já são aposentadas.

Elisabeth e Sonia Regina fizeram o curso de Administração de Empresas; Elisabeth trabalha como corretora de imóveis e Sonia na Telefônica. Alberto não estudou muito, mas por concurso é hoje funcionário do Presídio de Aparecidinha, trabalhando na parte de cadastro.

Lígia é formada em Tecnologia de Alimentos, trabalhou muitos anos implantando restaurantes industriais e, atualmente, está morando na Venezuela, a serviço. Tenho 18 netos e 3 bisnetos. Duas netas já se casaram e são formadas em Tecnologia da Saúde, Eliana e Thaís formaram-se em Terapia Ocupacional; Maurício é casado e formado em Marketing e Propaganda.

Com muito esforço, depois de 22 anos, pagando aluguel, consegui comprar, através do BNH, a casa onde moro desde novembro de 1970.

De agosto de 1969 até julho de 1976, quando me aposentei, dei aulas para 1º e 2º anos do grupo escolar.

Usei para alfabetização nas escolas isoladas a cartilha da Helena Ribeiro São João e nos grupos escolares a cartilha Caminho Suave.

Quando eu usei a cartilha da Helena São João, essa cartilha tinha uma parte que treinava a coordenação motora da criança, pois algumas nem sabiam como pegar no lápis; já na parte das sílabas tinha letras de forma e letras cursivas. Essa eu usei muito nas escolas isoladas, depois já no grupo eu passei a usar a Caminho Suave que estava em moda, e ela mais ou menos como a Helena São João, só que não tinha a parte de coordenação motora.

Eu preparava minhas aulas, e como naquele tempo tinha o diário de aula, que era um caderno no qual nós preparávamos nossa aula como iríamos dar realmente,

isso era uma cópia fiel de cada aula dada, nós enfeitávamos nosso diário, era muito bonito, pena que não guardei nenhum. Como eu ia dizendo a cada a gente preparava a aula com a dificuldade a ser trabalhada, púnhamos na lousa, com letra de forma ou cursiva, os alunos copiavam, ditados com as palavrinhas, usando as sílabas que eles já conheciam.

Tinha, também, uma parte de matemática com o ensinamento dos números, depois vinha a tabuada, após algum tempo vinham os probleminhas para as crianças resolverem; nós púnhamos o enunciado do problema na lousa eles copiavam e resolviam.

Também havia as aulas de História e Geografia, religião às sextas-feiras, canto, alguma poesia pequena. Sempre colocávamos alguma atividade fora o Português e a Matemática e isso era registrado dia a dia no diário. Isso era feito na primeira série, já nas outras o registro das aulas era semanal. O Diretor passava visto.

O culto à Bandeira era realizado no Padilha aos sábados, mas houve um tempo que era às quintas-feiras, muitas vezes eram ensaiados cantos dentro das classes e apresentados no pátio. Eu não tinha muitas habilidades com canto, quem ensaiava minha turma era profesora Ordália, do canto orfeônico. Cada classe apresentava alguma coisa, mas no geral eram os hinos cívicos, ou quando havia alguma data comemorativa específica como o dia da Bandeira, daí, sim, a gente preparava algo para essa data. As crianças sabiam todos os hinos cívicos, elas realmente sabiam cantá-los.

Na questão da disciplina na sala de aula, eu achava que eu era um pouco rigorosa, eu exigia silencio, senão você não pode explicar nada, quando começava muito a baguncinha, eu ia perto do aluno e mandava ele ficar quieto, mas nunca houve grandes problemas como hoje eu sei que até aluno armado vai à aula.

Com relação à repetência, ela não era grande, a não ser aquela turminha que ficava na sessão mais fraca e demorava mais para aprender e às vezes não conseguia, e ficava em torno de 5 ou 6 numa classe de 40. Dificuldade na aprendizagem existia, mas sem muita pressa, dando lição ficando três ou quatro dias numa mesma lição eles aprendiam.

A festa da entrega do 1º livro era um acontecimento, eram preparados cantos, poesias, era uma cerimônia e era muito importante pra elas, esperavam com ansiedade, principalmente aquelas que já sabiam ler e já tinham terminado a cartilha

e todas as dificuldades, pois a nossa língua tem muitos obstáculos. Já as que ainda não tinham terminado a cartilha e, por isso, não pegavam o livro, agora, tinham pressa em terminar para poder pegar seu livro, sem festa.

Sabe isso era um estímulo, as crianças não encaravam como negativo, e havia muito esforço por parte delas para superar as dificuldades e chegar ao livro, era um ritual de passagem dentro da 1ª série.

Hoje, eu percebo que as crianças não prestam atenção em muita coisa, estão sempre dispersas, eu tive alunos em escola isolada que não sabiam nem mesmo pegar no lápis, mas chegava n fim do ano sabiam ler, escrever, fazer continha, resolver problemas, cantavam, sabiam desenhar, um pouquinho de História e Geografia.

ANEXO I

MARIA DE LOURDES COELHO FLEURY

Dona Maria de Lourdes Fleury foi muito importante nesse meu trabalho de pesquisa. Como já explanei na minha introdução, uma aluna do Colégio Objetivo aqui de Sorocaba, quando soube que eu estava pesquisando o Padilha e encontrava dificuldade na realização do trabalho, contou-me que sua avó fora professora primária dessa escola e ainda mantinha contatos com as suas amigas contemporâneas de trabalho no Padilha.

Aninha, como chamamos Anna Vitória Fleury, deu-me o telefone de sua avó. Contato feito, dona Maria de Lourdes foi pronta em atender meu pedido e elencar quem trabalhou com ela nos eu tempo de professora primária do Padilha.

Porém quando chegou a vez de entrevistar dona Maria de Lourdes, ela encontrava-se na casa da filha, em Palmital –SP. Não houve dúvida, numa sexta-feira chuvosa de julho, eu saí de Sorocaba perto da meia-noite com destino à cidade onde se encontrava dona Maria de Lourdes.

Viagem realizada. Encontrei-me pessoalmente com dona Maria de Lourdes num sábado às 14h. Conversamos durante três horas, fui recebida por ela com o canto de despedida dos alunos que terminavam a quarta série do Padilha.

Em muitas ocasiões a voz de dona Maria de Lourdes embargou-se, a emoção foi muito grande. Esse foi o nosso único contato pessoal. A entrevista foi gravada em fita magnética.

MARIA DE LOURDES COELHO FLEURY

Sou Maria de Lourdes Coelho Fleury, nasci aos 6 de agosto de 1928, em São Jose do Rio Preto, meu pai era fazendeiro, nós morávamos na fazenda Cruzeiro, como meu pai era dentista também, mas preferiu ser da terra, minha mãe era de Três Corações. Foi lá na fazenda que estudei na escola primária, era uma escola muito boa.

Depois eu fui para um colégio interno em São Paulo, onde fiz Ginásio e Escola Normal, eu era muito amiga da filha do ex-governador Ademar de Barros, Maria Helena, nós saíamos muito juntas e eu ia muito na casa dela.

Na época que meu pai teve de vender a fazenda por causa do negócio do café, ela foi comprada pelo genro do ex-governador Ademar de Barros, o qual era casado com a Maria Helena, que era minha amiga. Uma coisa eu me lembro bem, o ex-governador ia sempre visitar sua filha no colégio interno, onde nós estudávamos, e como ele era dono da Lacta (fábrica de chocolate), sempre eu ganhava também.

Eu me casei no dia 10 de abril 1948, morávamos em São José do Rio Preto, o meu marido tinha um laticínio, cuidava também de café. Ele também foi prefeito de Nova Aliança seu nome era Luiz Antonio Fleury, com essa vida política, nós viajávamos muito e fomos muito felizes juntos, tivemos quatro filhos maravilhosos, sendo três meninos e somente uma menina: Luiz Antonio (ex-governador do Estado de São Paulo), Frederico, Ana Esméria e Paulo Fernando.

Quando eu me formei professora, eu comecei a lecionar na fazenda que era de meu pai. Quando houve a necessidade de vender a fazenda, fomos para São Paulo, nessa época, meu marido era chefe do CEAGESP, depois ele foi transferido para Sorocaba. Quando nós estávamos em Nova Aliança, eu lecionei em Rio Preto primeiro, depois em Nova Aliança. E quando estava em São Paulo, fui trabalhar na Secretaria da Educação, na Praça da Sé, depois trabalhei também com Sólon Borges dos Reis na Secretaria da Educação também.

Quando viemos para Sorocaba, eu fui transferida para o Padilha, ou seja, o Grupo escolar Antonio Padilha, que é bem central na cidade. Lá eu encontrei uma turma de professoras muito unidas. Lá eu trabalhei de manhã e a tarde, dei aulas para a 4ª série, muitas de nós nem íamos para casa para almoçar.

Olha, ao ensino da Língua Portuguesa, eu usava, muito, palavras cruzadas, já para o ensino da Matemática, a grande dificuldade eram os algarismos romanos, eu ensinava com jogos, usando as iniciais dos nomes dos alunos e o meu LOURDES, destacava por exemplo, o L dando o valor numérico dessa letra no algarismo romano.

Teve uma única vez que tive um problema com um pai de aluno. Eu não dava tarefa para as férias. E sempre um dia antes das férias, nós fazíamos uma reunião. E havia um juiz que tinha dois filhos na Escola. E o tio desses dois alunos era Delegado de Ensino. Nessa reunião, o juiz que estava presente, perguntou-me por que eu não dava tarefa nas férias, eu argumentei que eu não achava necessário. No entanto, quando ele falou que era necessária a tarefa, todo mundo aplaudiu.

Então eu perguntei para onde ele viajava nas férias, no que ele respondeu que ia à praia, eu então perguntei se o filho ia fazer a tarefa antes ou depois da viagem, ele respondeu que o filho faria depois. Argumentei que a criança ficaria as férias inteiras pensando na bendita tarefa, e se ele achava que isso seria bom para essa criança. Ele resmungou bastante, e numa certa altura da conversa ele disse textualmente *eu exijo, como juiz, aliás estou ordenando que a senhora faça isso, ou seja, dê a tarefa*.

Bem eu disse que ele me desculpasse, mas daquela porta de sala de aula para fora ele era juiz, mas dessa porta para dentro quem manda sou eu. Aqui o senhor é pai de aluno. Ele me ameaçou que faria uma reclamação formal junto à Secretaria da Educação. Eu argumentei que eu topava, ele podia fazê-la que eu me defenderia.

Atropelos à parte, eu adorava dar aulas, meus alunos da 4ª série não tinham dificuldade de leitura, nem de grafia, ao final da 4ª série, eles estavam lendo e escrevendo de maneira fluente. E também havia muita disciplina, me lembro que um dia um dos meus filhos foi até a minha classe para falar comigo e ficou surpreso com o silêncio que havia na sala.

Ah! eu gostava de fazer caminhada com as crianças no pátio da escola, era muito bom, pois éramos nós que dávamos Educação Física para as crianças do Grupo Escolar, eu gostava muito disso e meus alunos também adoravam.

Com relação à leitura em voz alta, eles não gostavam muito. Eu tinha de escolher quem iria ler, mas sabiam ler.

O sr. Wilson era uma pessoa boa, sua mulher era sua assistente de direção. Ele gostava muito dos hinos. Toda semana, nós tínhamos o Culto à Bandeira, realizado no pátio interno. E éramos a Miriam e eu que mais fazíamos festa, uma vez até chegamos a fazer uma festa para um guarda que trabalhava nas ruas próximas ao Padilha, cuidando da travessia dos alunos.

Nós duas fazíamos muitas atividades ligadas ao civismo, e as crianças adoravam.

No meu tempo de fazenda, houve um menininho que nós levamos lá para a casa, e ele ficou com o pai do meu marido, ele se chamava Nino. Essa criança queria muito ser alguém na vida e eu comecei a ensiná-lo, ele freqüentava a escola da fazenda. Estudou muito, e quando já adulto, houve um concurso para trabalhar na fábrica de cosméticos da Avon e ele prestou e passou, chegou à chefia e até hoje trabalha lá, foi uma vitória para mim, ter instruído aquela criança humilde e ver como ela venceu na vida.

O orgulho do professor não é um orgulho bobo é, sim, de alguém que fez algo muito importante, de saber que você contribuiu para que uma pessoa progrida na vida.

Olha a Escola Normal eu terminei em Rio Preto, e fui chamada para ir para um Grupo Escolar e eu fui, como meu tinha muitos conhecidos na política, logo eu fui trabalhar a Delegacia de Ensino e aí eu fiquei apaixonada, a gente se apaixona pelo Magistério.

Eu tive um caso interessante no Padilha, tinha um gerente de banco do Estado que seu filho era meu aluno e a família tinha vindo do Norte do país. Bem, em uma aula eu pedi para os alunos que falassem o abecedário. Claro, também pedi a esse aluno que falasse também. Como você sabe, lá no Norte eles falam o efê (f) como fê, o enê (n) , como nê, como eu fiquei com medo que ele fosse, ridicularizado pela classe, eu pedi que ensinasse às crianças como era a pronúncia do alfabeto em outro lugar do país, ah! Foi muito bom, as colegas professoras também adoraram a idéia e esse abecedário recebeu o nome de *nortista*.

A professora primária dá todas as matérias do currículo escolar, mas principalmente em Matemática e Língua Portuguesa, eu pedia que, durante, as explicações eles fechassem o olho para fazermos uma “viagem”, exemplo, *vamos entrar na casa decimal e ver quem mora aí* e assim eu ia progredindo todas as casas de unidade, dezena e centena e eles aprendiam com muita facilidade. Todos os

dias, eu dava um pouquinho de leitura, depois fechávamos o livro e da leitura feita, eu fazia um ditado com as palavras que apresentassem maior dificuldade, então era feita uma auto-correção, mas não era escrever mais 20 vezes a palavra, como eu sabia que algumas professoras, de outras escolas faziam, era importante para mim que elas soubessem que tinha errado a grafia e treinassem um pouco mais aquela palavra.

Também havia a descrição e a narração que eram feitas com os quadros que o aluno via, fazíamos os comentários do que aquilo sugeria, cada uma falava um pouco e depois inventavam a história. Eu mesma não inventava nada, cada um tinha de fazer de sua imaginação, qual a conclusão que ele tinha chegado com relação àquele quadro que era um reforço visual.

A avaliação era feita por matéria; Língua Portuguesa eu fazia ditado, uma composição e a gramática, através de exercícios. Mas minhas provas eram pequenas, nunca achei que para avaliar eu tivesse que fazer muitos exercícios, bastava avaliar um tópico do que foi ensinado, pois se eu desse exercícios repetidos de uma mesma matéria, e aluno errar um, erra o outro, não achava justo, nem didático. As avaliações eram semanais, depois no final do mês havia a avaliação que era feita pela escola, vinha pronta da Diretoria. Eu fazia minha avaliação no começo da semana, na segunda-feira. O número de reprovados não era grande, todos aprendiam. Pois eles já vinham com um bom aproveitamento desde a alfabetização, que ocorria na 1ª série.

Mas posso dizer que os anos de Padilha foram excelentes, eu fui muito feliz lá, tenho a sensação de dever cumprido, ainda mais quando encontro com ex-alunos tão importantes na sociedade atual.

ANEXO J

VOLDA PEDROZO LIPPI

Dona Volda foi a primeira a ser entrevistada. Fora o contato telefônico, tivemos três encontros pessoalmente.

Dona Volda foi encontrada por mim por indicação do ex-diretor do Padilha professor Ayrton Reinaldo Steffen, porém quem me deu seu telefone foi meu ex-aluno e seu neto Murilo Gomes Lippi.

Fui recebida em sua “casa de pedra” na rua Humaitá, no centro da cidade. Interessante é contar que essa casa foi construída por seu pai e é totalmente feita de pedras, é bela e impressiona.

Dona Volda é uma senhora carismática e falante, conversamos, nos nossos três encontros, mais de duas horas, no total foram quase 10 horas de conversação, porém dona Volda optou por entregar-me um texto escrito. Suas falas aparecem apenas nas transcrições, nas quais juntei minhas anotações e a autobiografia.

O texto a seguir é produto da transcrição da escrita de dona Volda, por isso está totalmente grafado em itálico.

VOLDA PEDROZO LIPPI

Volda Pedrozo Lippi, filha primogênita, do Dr. Victor Pedrozo, nasci aos 28 de dezembro de 1938, com 1.250 Kg, aos seis meses de gestação, na cidade de Piraju – SP.

Meu nome reúne todas as iniciais de meus tios paternos por ordem cronológica, V – Victor; O – Ofélia; L – Lara; D – Dicéia e A de Asdrúbal.

Devido ao parto prematuro, fui mantida viva pelo “Método Canguru”, inventado pelo meu pai, posto que médico, minha mãe, D. Dolores Fagundes Pedrozo, professora, mantinha-me aquecida em contato com seu corpo, durante o dia, e papai, revezando com ele à noite. Fui alimentada com leite materno em contagotas, a ausência de cuidados hospitalares deveu-se à escolha de papai que temeu riscos de infecção hospitalar.

Cresci saudável, e com dois anos já reconhecia, no jornal que papai me apresentava, todas as letras do alfabeto.

Fiz o curso primário em grupos escolares de Piraju e Cerqueira César, cidades próximas à minha cidade natal. Em Avaré fiz o 1º e 2º anos do secundário, e, em 1951, em Sorocaba, continuei os estudos no Estadão (Instituto de Educação Julio Prestes de Albuquerque), até a conclusão em 1956, do curso chamado, à época, de Científico.

No 3º colegial, entusiasmei-me com as aulas de Filosofia do Professor Rui A. Nunes e com as freqüentes discussões políticas e filosóficas em casa com meu pai, no prosseguimento da instrução superior, optei por fazer o curso de Filosofia na Faculdade de Filosofia Ciência e Letras de Sorocaba (hoje UNISO). O curso foi concluído em 1960, quando já era casada.

Em 1958, após um ano de namoro, casei-me com médico Dr. Eno Lippi, natural de Mairinque, que nessa época era médico da Companhia Brasileira de Alumínio (CBA). Meu primeiro filho, Vitor, nasceu quando cursava o 3º ano do curso superior e Selma, a segunda filha, dias após a colação de grau do Ensino Superior.

Ainda solteira, quando cursava o primeiro ano de faculdade, obtive o registro de professora particular, e, com esse dei aulas no Curso de Madureza no Liceu Monte Serrat, na rua da Penha, essa foi minha primeira experiência como docente em 1957.

No período de 1960 a 1970, só havia aula de Filosofia no colegial, o que dificultava meu trabalho como docente. Consegui uma substituição de quatro meses no Estadão (Instituto de Educação Julio Prestes de Albuquerque), em 1964, e aulas regulares na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Manley Lave em São Roque de 17/03/67 a 30/06/68.

No Estadão, lecionei nos cursos Clássico, Científico e Normal a Administradores Escolares. Preparava minhas aulas com os conteúdos programáticos de cada curso, isso fazia com que deve uma aula diferente em cada classe, ou seja, uma classe era História da Filosofia; Lógica Maior e Menor; Pedagogia Contemporânea; História da Educação; Psicologia Geral e Social.

O Curso de Psicologia era para os alunos que queriam o curso de Direito. Creio que muitos obtiveram êxito, pois quase 40 anos após, o ex-prefeito Renato F.Amary, chamou-me de “minha professora”, recordando-me de meus ensinamentos!

No período de 1970 e 1979, coma inclusão de Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política, nas 6^{as} e 8^{as} séries e as atividades de Orientadora de Educação Moral e Cívica, lecionei nas Escolas de 1º e 2º Graus de Mairinque e Alumínio.

Em 1980, vim residir em Sorocaba, na Casa de Pedra de meu finado pai, na rua Humaitá, 180, próxima ao Padilha.

Com que entusiasmo, continuei meu importante propósito de ensinar e desenvolver o espírito moral e cívico de meus alunos na tradicional e importante EEPSPG Antonio Padilha. Muitas das importantes personalidades da cidade estudaram suas primeiras letras no Padilha, e, de 1980 a 1990, concentrei meus esforços na formação cultural e cívica de todos os alunos.

Essa atividade de orientadora de educação Moral e Cívica, permitia-me trabalhar com todos os professores e alunos na preparação e participação de atividades cívicas, regularmente, às terças-feiras, no início de cada período de aula, todos cantavam o Hino Nacional com a apresentação de poesias; textos, sobre datas cívicas e grandes personalidades históricas, preparados pelos alunos e apresentados, sob minha supervisão e orientação, com toda ordem e respeito que a ocasião exigia.

Os professores de 1ª a 4ª séries, de acordo com um calendário pré-estabelecido, preparavam os alunos que, juntamente com os alunos de 5ª a 8ª série

e os do colegial, preparados por mim, apresentavam-se no pátio para todos os colegas. Eram momentos de civismo que, juntamente com os realizados em 7 de setembro, com o uso da fanfarra da escola, homenageava os vultos históricos, bem como as personalidades importantes da cidade tal como o compositor Nilson Lombardi, foram lembrados com exposições dentro das dependências do Padilha.

Outra atividade importante foi o Centro Cívico, do qual participavam alunos, hoje, brilhantes profissionais sorocabanos, a participação consistia desde a preparação do desfile até a realização de eleições para eleger a diretoria do Centro Cívico. As eleições eram similares as reais, com o período de propaganda estabelecido, utilização de título eleitoral, as seções e as cabines indevassáveis com a mesa etc e a apuração era realizada pelos alunos. Era um verdadeiro exercício democrático de escolha dos representantes. Também a visita à Câmara Municipal pelos alunos de OSPB, após preparação prévia, completavam os conhecimentos do funcionamento do Poder Legislativo

Esses conhecimentos indispensáveis para a boa formação da cidadania eram trabalhados pelo Orientador de Educação Moral e Cívica.

O Padilha possuía uma professora de Música, professora Benedita, a qual era formada pela Escola Caetano de Campos em São Paulo – capital. Ela juntou sua habilidade e dedicação para ensinar os alunos a formar excelentes corais infantis e infanto-juvenis, os quais venceram concursos regionais realizados em Botucatu.

A professora Benedita também ensinou dezenas de jovens a tocar flauta doce, os quais se apresentavam brilhantemente nos desfiles cívicos. No período de 1980 e a 1990, a EEPSP Antonio Padilha brilhava nos desfiles cívicos, com a apresentação de belíssimas fanfarras e carros alegóricos com temas brasileiros que enalteciam a história e a cultura do país. Os alunos eram entusiastas e eu também na demonstração de amor à pátria.

A escola era bem grande. As classes da pré-escola e de 1ª a 4ª séries ficavam aos cuidados de professoras bem selecionados por pontos e dedicadas aos seus alunos e à escola. Os alunos de 5ª a 8ª séries com tradicionais e brilhantes professores dedicados em ensinar disciplinas que não havia em outras escolas, como Francês e Música. Era o ideal de dar uma formação completa: intelectual, artística, moral e cívica.

Com relação ao curso Colegial, hoje, Ensino Médio, o noturno tinha características próprias. Eram dezenas de classes: 18 de 1º ano; 8 de 2º e 5 de 3º.

Os alunos vinham de todos os bairros, para essa famosa escola central. As aulas começavam às 19 h e terminavam às 23h. No currículo escolar eram incluídas as atividades cívicas e aulas de Filosofia para os alunos do 3º ano.

Eu abordava os temas com clareza e dedicação, utilizava um livro didático básico com os conteúdos e desenvolvia-os em aula. A matéria desenvolvia-se conforme conteúdo programático e com uma abordagem prévia, a qual motivava os alunos para a contextualização.

Os alunos não encontravam grande dificuldade, pois as avaliações bimestrais demonstravam aquisição de conhecimentos esperados. O professor é o facilitador e o motivador das atividades.

A minha satisfação em ensinar, a valorização e o respeito pelos alunos me fizeram ter real prazer nas atividades diárias, com os professores e alunos. Sempre ensinei com entusiasmo e obtive a recepção dos alunos.

Na 2ª série do 2º grau, entrei em contato com um aluno cego. Ele ficava nas primeiras carteiras e parecia entender a matéria Filosofia. Na primeira prova bimestral, em abril, ele apresentou um resultado insatisfatório, após ler sua prova em braile, na classe, para mim. O aluno percebeu que teria de estudar no texto, para entender os conceitos e utilizar a terminologia específica. Ele providenciou que o livro didático fosse escrito em braile na cidade de São Paulo.

Daí em diante, acompanhou a classe e fez provas regulares. Não houve nenhuma facilitação em respeito à capacidade e igualdade do aluno, houve a total inclusão do mesmo à matéria. Numa reunião de pais, sua mãe se apresentou e disse-me que seu filho gostava de mim.

Com a necessidade de ter transformado o manual de Filosofia para a linguagem braile, esse aluno fundou um núcleo onde se faziam transcrições em braile para quem necessitava dessa leitura, na Praça Frei Baraúna.

Quero lembrar que alguns professores comentavam comigo o ato inicial de reprovar o aluno e tratá-lo como os demais. Para mim era essa a única e verdadeira abordagem do problema e tive de fazê-lo enfrentar da melhor maneira possível.

Desde a primeira apresentação no início de cada ano letivo, com otimismo e dedicação, apresentava a forma de trabalho didático, os conteúdos a serem abordados, a necessidade do livro didático e o compromisso de se atingir até os últimos conteúdos para que os alunos tivessem a oportunidade de adquirir amplos conhecimentos, os quais lhe seriam úteis na vida e até para os vestibulares e para a

faculdade. Vale lembrar que os alunos de Filosofia estavam no 2º e 3º anos do curso colegial.

Como professora tinha real e presente preocupação em ensinar, avaliar os resultados e tive a consciência de que tinha contribuído para que meu aluno conseguisse adentrar na Faculdade e realizar seu projeto de vida; os alunos participavam, colaboravam, gostavam da disciplina e da escola, condições indispensáveis para o êxito na atividade ensino-aprendizagem.

A boa escola está na base do sucesso do jovem. O professor é peça fundamental na formação integral do jovem consciente para se tornar um cidadão participante do progresso de sua pátria.

O Estado deve valorizar como eu valorizo e sempre tentei conscientizar os professores de que seu trabalho formador é imprescindível para o desenvolvimento e bem-estar da sociedade.

Diz Francis Bacon “nascemos uma tabula rasa e durante toda a vida, informalmente em casa e na sociedade, e formalmente na Escola, o ser humano vai adquirindo os hábitos e conhecimentos básicos para sua boa formação e realização como perfeito cidadão” Somos os protagonistas disso!

Cursos:

- Conclusão do curso ginásial no EEPSPG Julio Prestes de Albuquerque em 1953;*
- Conclusão do curso Científico EEPSPG Julio Prestes de Albuquerque em 1956;*
- Registro de professor particular em 2/04/58;*
- Licenciatura em Filosofia na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba (hoje UNISO) em 1960;*
- Curso de Orientação Pedagógica pelo serviço de Ensino Vocacional em São Paulo em 1969;*
- Conclusão do curso de Pedagogia FFCL de Sorocaba em 1973;*
- Licenciatura em Estudos Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras de Tatuí em 1974;*
- Curso de treinamento no Centro Brasileiro de Filosofia para crianças em 1990;*
- Cursos de Inglês no CCAA de Sorocaba de 2001 a 2005 a ser concluído em 2006.*

Vida Profissional administrativa:

- Aprovada em Concurso público para cargo de Diretor de escola em 31/08/1988;*

- Decreto de 15/03/1991 para exercer o cargo de Diretor de escola na EEPSPG Honorina Rios de Carvalho e Mello em Alumínio;
- Como Diretora implantou na EEPSPG Honorina Rios de Carvalho Mello os cursos de habilitação plena Processamento de Dados e o Curso de Suplência em Processamento de dados, tabalhou, também para implantar o curso de 2º grau em Assessoria de Administração de Empresas (hoje extinto);
- Aposentada em 1994;
- Diretora do Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Alumínio de 18/04/1994 a 31/12/1996.

Escola nas quais lecionou:

- Curso de Madureza, no Liceu Monte Serrat em Sorocaba , 1957;
- Filosofia no curso colegial na EEPSPG Julio Prestes de Albuquerque, 1964;
- Filosofia no curso colegial na EEPSPG Manley Lane em São Roque de 1968 a 1968;
- História no Colégio Barão de Piratininga, em São Roque, em de 1969 a 1970;
- História na escola Técnica de Ensino de 2º Grau "Liceu Roberto Simonsen", em Alumínio, de 1974 a 1984;
- Filosofia, Educação Moral e Cívica, OSPB e Orientadora de Educação Moral e Cívica na EEPSPG Antonio Padilha, em Sorocaba, de 1980 a 1989.